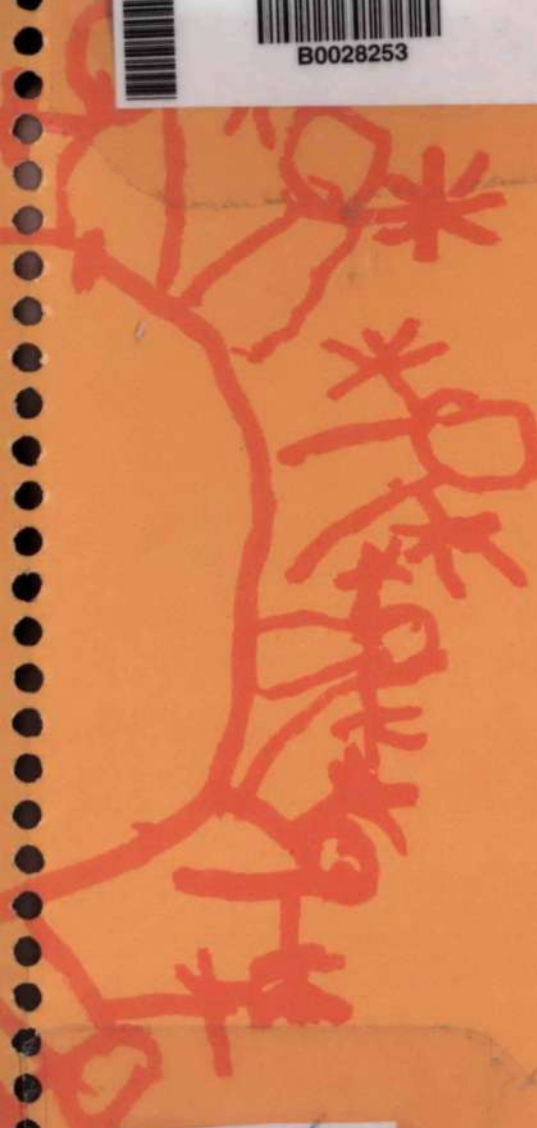


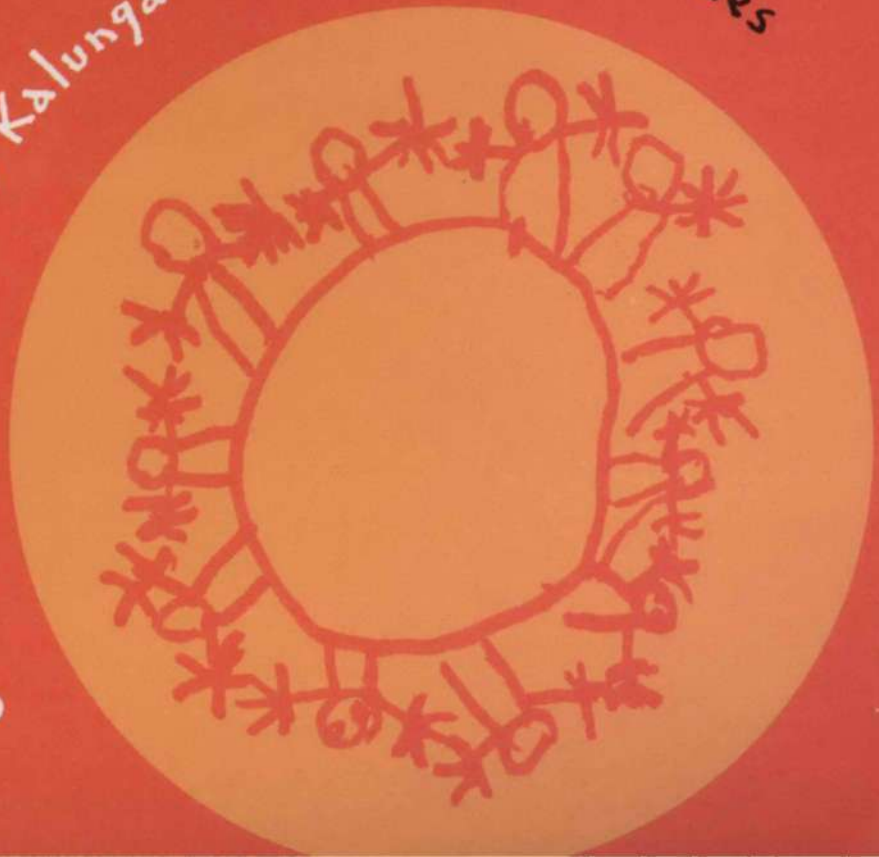
CIBEC/INEP



B0028253



Uma história do povo Kalunga - Caderno de atividades



37:94 (81).027
B823hi

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Presidente da República

Fernando Henrique Cardoso

Ministro de Estado da Educação

Paulo Renato Souza

Secretário Executivo

Luciano Oliva Patrick)



Secretaria de Educação Fundamental

Iara Glória Areias Prado

Departamento de Desenvolvimento dos Sistemas de Ensino Fundamental

Maria Auxiliadora Lopes

Coordenação-Geral de Articulação e Integração dos Sistemas de Ensino Fundamental

Rachel de Oliveira

Equipe Técnica

Ana Cláudia Fiúza Malveira Conforto

Clodoaldo José de Almeida Souza

José Roberto Ribeiro Junior

Josilene Maria da Silva Macedo

Lêda Maria Gomes


Marcus Jessé Moreira

Vânia Luzia Honório de Souza

Uma história do povo kalunga / Secretaria de Educação
Fundamental - MEC ; SEF , 2001
120 p. : il. + caderno de atividades e encarte
para o professor

1 .Educação Fundamental. 2. Cultura Afro Brasileira.
3.Quilombo-GO. 4.História do Brasil

CDU 37-055.2



Sumário



Buscar, descobrir, aprender. 5

Olhar 0 mundo

- 1 Diferentes tamanhos, diferentes visões6
- 2 Olhar do alto.12
- 3 Reduzir e ampliar.18
- 4 Localizar em diferentes mapas.24

Unidade 2

Nós no mundo

- 5 África: do outro lado do oceano30
- 6 Modos de morar e de viver.36
- 7 De onde vêm as famílias.50
- 8 Os povos do Brasil.56
- 9 Festa e comunidade.62
- 10 Organização política.68

Unidade 3

Perto e longe

- 11 A cidade e o campo.74
- 12 O campo e a cidade se encontram.80
- 13 Onde é melhor morar?.90
- 14 Os rios têm história.96
- 15 O que fazer com o lixo?.102
- 16 Mais problemas e outras soluções.108

Unidade 4

O passado encontra o futuro

- 17 Reaprender com a natureza.116
- 18 A sabedoria dos antigos.122
- 19 Tempo do era uma vez.128
- 20 O passado e o futuro.134

Quebra-cabeça.136



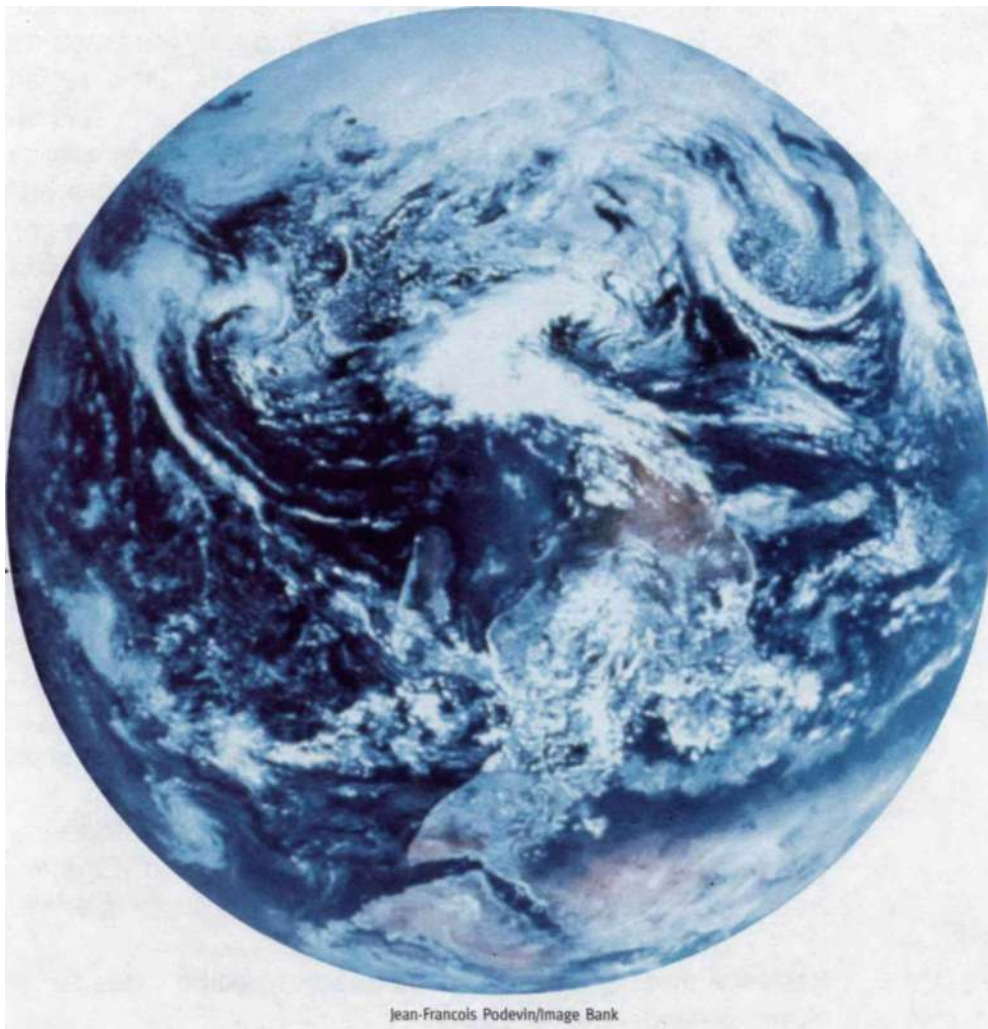
Buscar, descobrir, aprender...

Gostaríamos que este *Caderno de Atividades* que acompanha o Livro de Leitura *Uma história do povo Kalunga* pudesse oferecer aos alunos e também aos professores que irão utilizá-lo um grande prazer: o prazer da descoberta. O mesmo prazer que tivemos quando fomos aprendendo sobre o povo Kalunga para escrever o Livro de Leitura que conta sua história. Para aprender sobre essa história que nós contamos no livro, uma equipe inteira de pessoas foi observar a região Kalunga, conversar com as pessoas, aprender como elas viviam, participar de suas festas, conviver com as crianças na escola. Fotografamos os lugares e as pessoas, ouvimos histórias dos rnaís velhos, lemos documentos e livros inteiros de outras pessoas que já tinham estudado a vida e a história do povo Kalunga. Foi preciso comparar tudo isso para organizar todo aquele material. Só então pudemos escrever o livro sobre o povo Kalunga, porque tínhamos compreendido e aprendido sua história.

Neste *Caderno de Atividades*, gostaríamos que vocês pudessem fazer rnaís ou menos a mesma coisa: aprender a *observar*, *comparar* e depois *expressar* coisas novas que vocês aprenderam a partir do Livro de Leitura e deste Caderno. Todos os alunos, da 1ª à 4ª série, irão realizar as atividades que são propostas aqui. Cada atividade começa com uma orientação comum para os alunos de todas as séries. Depois, para cada série é pedido que faça uma tarefa particular. Escolhemos uma cor para cada série: **a 1ª é amarela, a 2ª é azul, a 3ª é laranja e a 4ª é verde**. Em cada folha que tiver indicada essa cor, vocês encontrarão a parte da atividade que corresponde à sua série. O professor irá orientar vocês sobre como trabalhar.

Nós esperamos que vocês gostem deste trabalho e que se divirtam aprendendo.

Logo no começo do Livro de Leitura, na página 10, você vê uma imagem. Esta imagem que você está vendo é uma fotografia da Terra, que é o planeta onde vivemos. Observe esta foto e veja tudo o que você descobre nela. Agora olhe bem as outras fotos que estão aqui nesta página.





Ion David

Você observou bem essas imagens? Passe a mão nas fotografias da Terra e das crianças. Converse com seus colegas e seu professor e conte o que você percebeu e descobriu.

A fotografia do nosso planeta e as fotografias da criança são de tamanhos diferentes e foram tiradas de um jeito também diferente. Uma fotografia pode ser de um tamanho menor que o real, igual ao real ou maior que o real. Um objeto, um animal, uma pessoa, uma planta, podem ter fotografias pequeninas ou bem grandes. Mas uma fotografia do planeta Terra, do Vão de Almas, de Brasília, da cidade de Teresina, do Brasil, não pode ser do tamanho real. Elas são uma imagem reduzida desses lugares. Além do tamanho, as fotografias também são diferentes da realidade, porque elas são lisas e as coisas fotografadas não são. Elas são uma maneira de representar a realidade.

Vamos ver então como se representa uma coisa de diferentes maneiras. Neste momento o seu olho vai funcionar como uma "máquina fotográfica" para você desenhar uma "fotografia" de um objeto que você escolher. o desenho será feito na página da sua série e de acordo com o que está pedido lá.

Escolha um objeto e desene o objeto de frente e de costas.

Frente

Costas

Escolha um objeto e desenhe o objeto de frente e de costas com dois tamanhos diferentes.

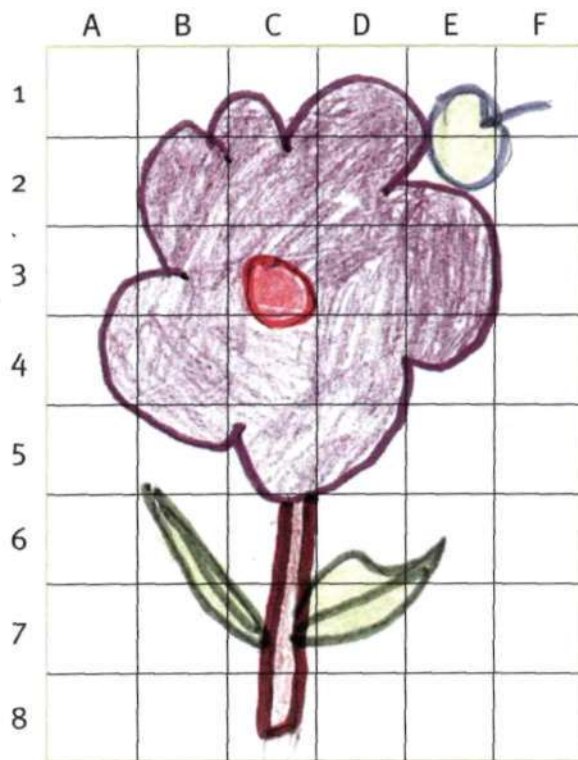
<p>de frente e pequeno</p>	<p>de costas e pequeno</p>
<p>de frente e grande</p>	<p>de costas e grande</p>

Escolha um objeto e desene o objeto de cima, de costas, de frente e de lado.

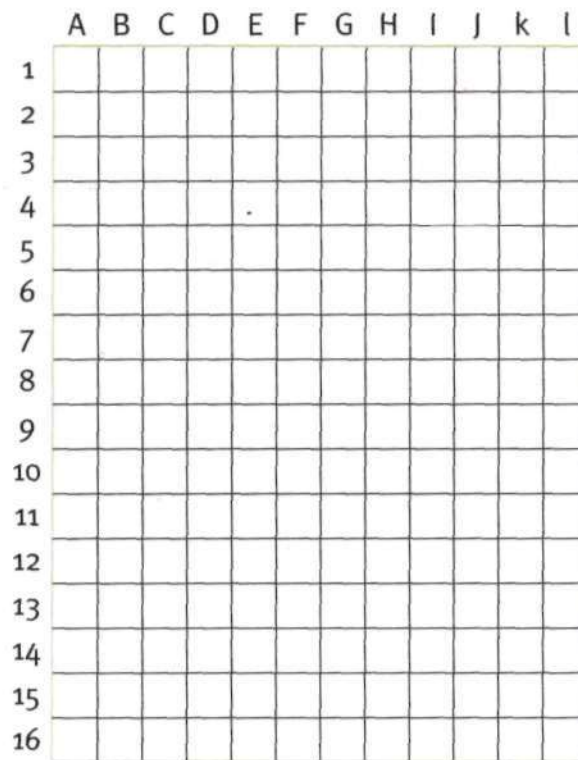
<p>de cima</p>	<p>de costas</p>
<p>de frente</p>	<p>de lado</p>

No começo desta atividade, vimos que numa fotografia a imagem de uma coisa pode estar aumentada ou diminuída. Isso também pode ser feito com os desenhos. Eles podem ser ampliados ou reduzidos.

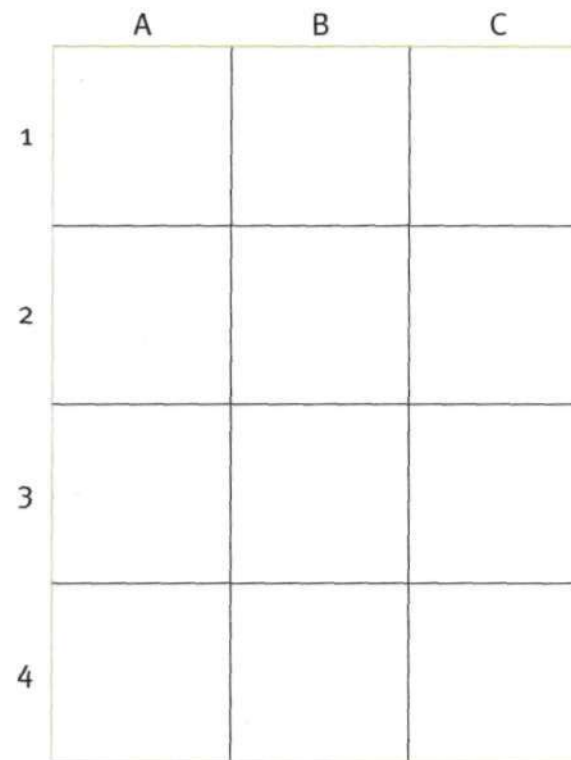
Logo abaixo você vê um desenho dentro de um quadriculado. Observe bem e preste atenção na orientação do seu professor, pois você irá copiar o desenho nos dois quadriculados que estão logo a seguir:



Desenho: Eva



A



B

Você conseguiu desenhar toda a figura? O que aconteceu com o desenho no quadriculado A e no quadriculado B? Converse com seus colegas e seu professor. Agora escreva o que você observou.

Uma fotografia ou um desenho são maneiras de representar as coisas. Você pode tirar uma fotografia ou fazer um desenho também de um lugar, como uma paisagem perto de um rio ou uma montanha. Mas um outro jeito de representar os lugares é fazendo mapas. Existem

muitos tipos de mapa diferentes. Este mapa que está logo abaixo é um mapa do mundo. O nome dele é Planisfério. Observe com atenção e descubra tudo o que puder:



Fonte: Graça Maria Lemos Ferreira. Moderno atlas Geográfico. Ed. Moderna.

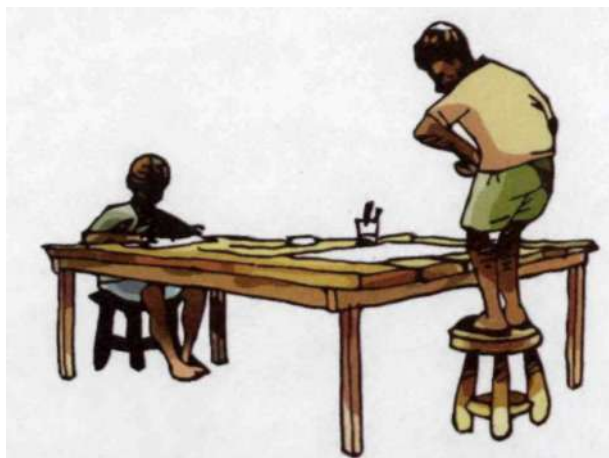


Como você já fez antes com as fotografias, passe a mão no Planisfério, passe o dedo em suas linhas, nos contornos dos continentes. O que você percebeu depois de passar a mão nos contornos do mapa e de observá-lo? Conte para seus colegas e seu professor.

Vamos pensar no que nós descobrimos sobre o mundo onde moramos observando o mapa. O Planisfério é um mapa do mundo, isto é, da Terra. Mas a Terra, como vimos na fotografia, é redonda e o Planisfério é plano. Como isso acontece? Como se transforma algo que é redondo em um desenho plano? Pense em uma laranja. Ela é redonda. Agora imagine que você cortou as duas tampinhas nas extremidades da laranja e fez nela um corte de comprimento. Então você já pode abrir a laranja e estendê-la sobre uma folha de papel, achatando até ela ficar o mais plana possível. Faça essa experiência. É isso mais ou menos o que acontece com o desenho da Terra, quando ele se transforma em Planisfério, como no desenho ao lado.

O Planisfério é o mapa do nosso mundo. Então, aqui onde moramos também está lá. Mas como, se aqui existem montanhas, rios, vãos? O mapa é o desenho de um lugar visto de cima. Tente lembrar como você vê uma árvore, um cachorro ou uma casa, quando você está em um lugar muito mais alto que eles. É desse jeito, através de fotografias aéreas, que se fazem os mapas. Mas o melhor jeito de entender como os mapas são feitos é fazendo um. Você agora é um "fazedor de mapas". Você fará o mapa da sua sala de aula.

Observe bem a sala de aula: as paredes, o teto, tudo o que está dentro dela. Agora peça para o professor ajudar você a subir em um banquinho ou em uma caixa para ficar mais alto e poder olhar a sua sala de aula do alto. Então, observe de novo a sala de aula. Você reparou que, quanto mais alto você está e mais do alto você olha, mais as coisas parecem achatadas?



Agora que você já olhou bem, desenhe o que você está vendo na folha da sua série neste Caderno de Atividades. Conforme você for mudando de série, da 1ª para a 2ª e assim por diante, você vai ver que o seu desenho vai ficar cada vez melhor. Isso é importante, porque os homens desenhavam mapas do mesmo lugar muitas e muitas vezes, por muitos e muitos anos, para cada vez fazer um desenho melhor e mais completo.

Desenhe o mapa da sala.

Desenhe o mapa da sala.

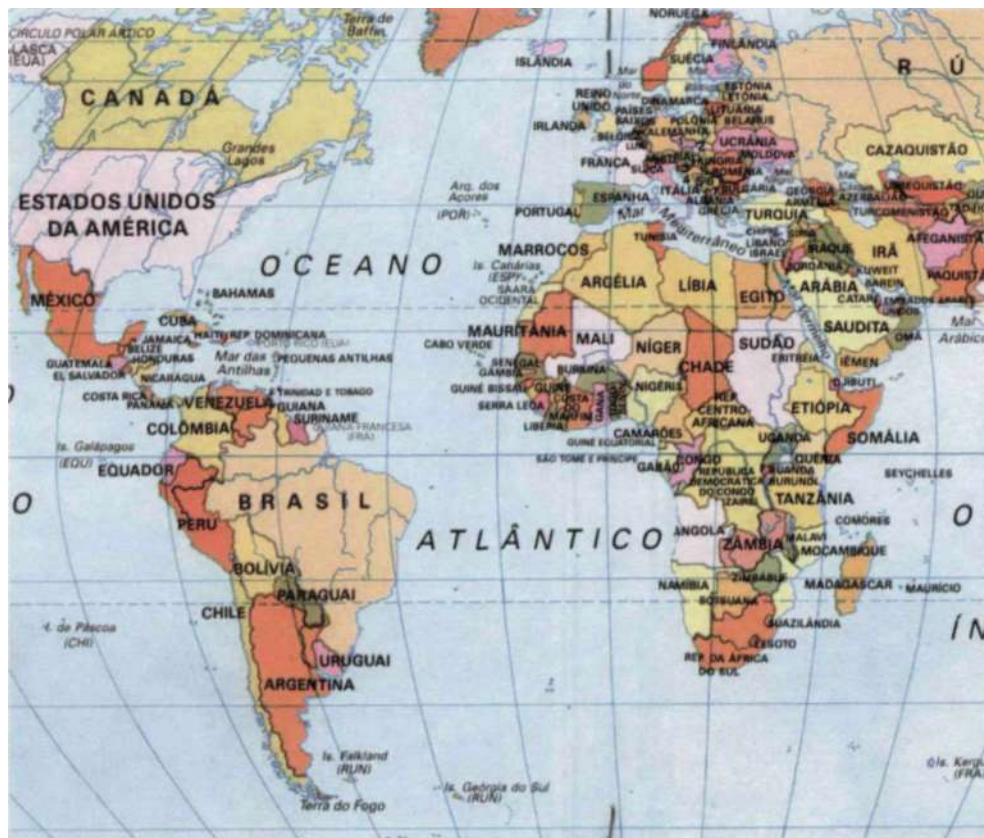


Desenhe o mapa da sala.

Desenhe o mapa da sala.

Agora que você já aprendeu um pouco mais sobre mapas e entendeu como eles são feitos, vamos aprender para que servem os mapas e como eles são utilizados.

Volte a observar o Planisfério. Ele tem algumas linhas. Elas são chamadas coordenadas geográficas. E para que elas servem? Elas servem para nos ajudar a encontrar os lugares nesses mapas. Muitas vezes é preciso localizar as terras de alguém, localizar um rio, uma montanha, uma estrada, localizar uma rua numa cidade e são essas linhas chamadas coordenadas que nos ajudam a encontrar o que precisamos nos mapas. Vocês irão observar diferentes tipos de mapa nesta página e, em seguida, fazer algumas atividades que ajudam a entender o uso das coordenadas geográficas.

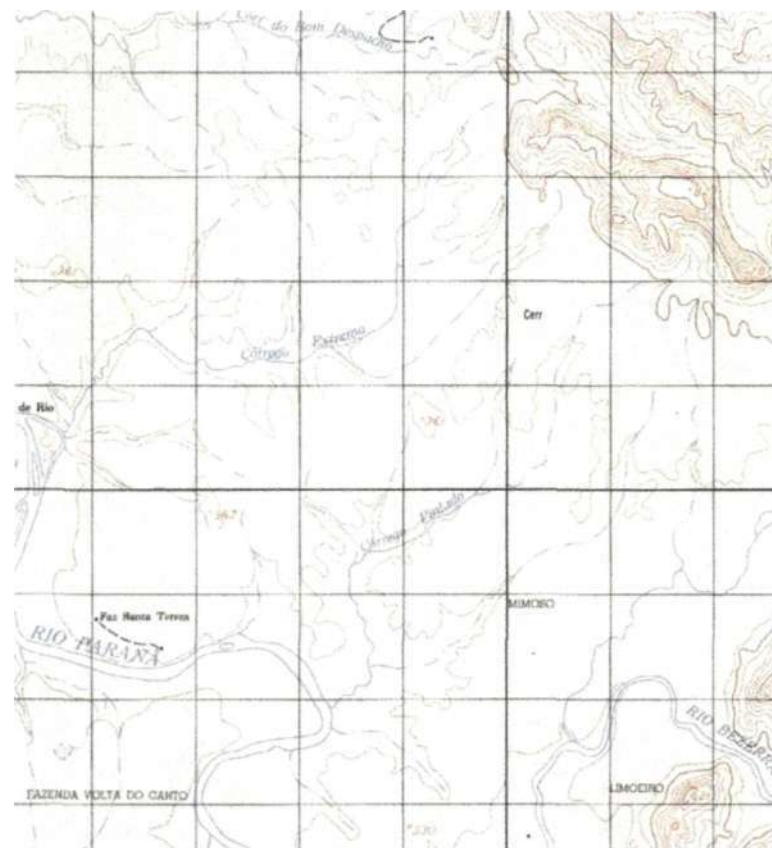


Planisfério fonte: Graças Maria Lemos Ferreira. *Moderno Atlas Geográfico*. Ed. Moderna.

Guia de ruas da Cidade de São Paulo
Fonte: Guia 2000 Cartoplano - São Paulo. Cartoplano Editora.



Foto aérea de uma fazenda
Coleção particular

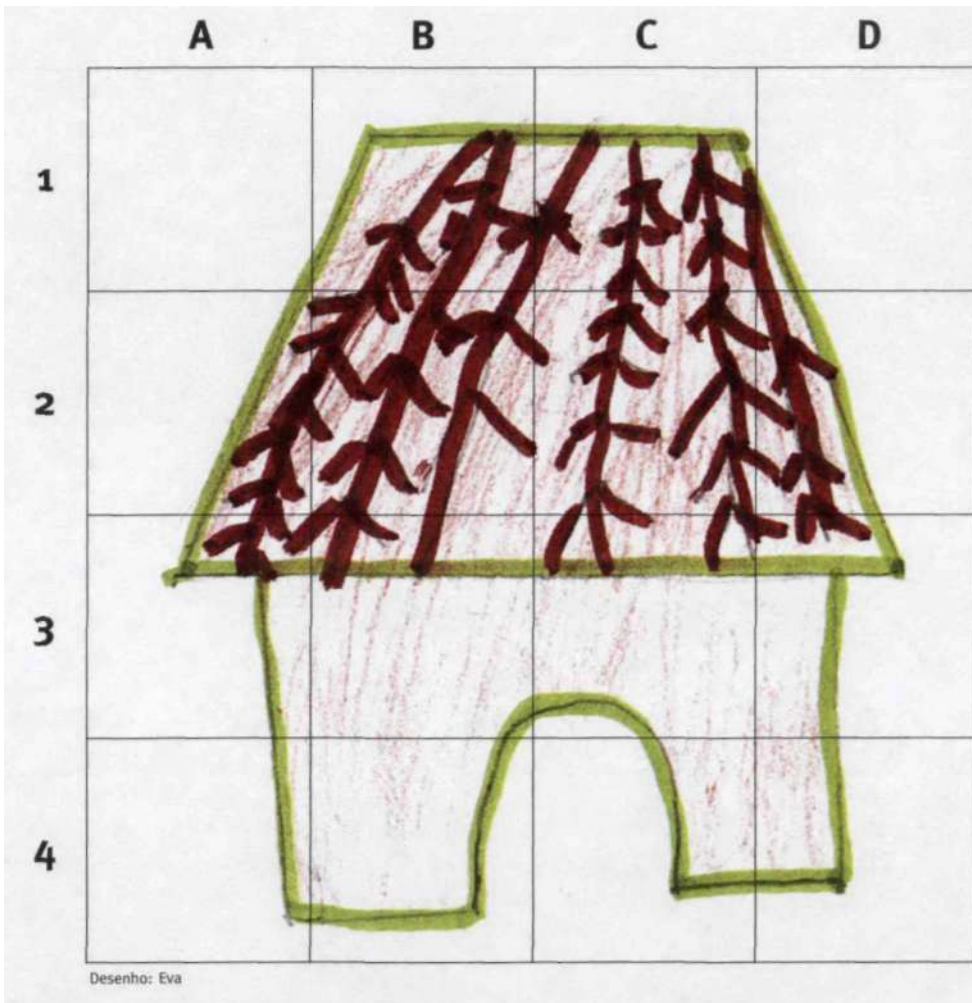


Carta em curva de nível do Sítio Histórico Patrimônio Cultural Kalunga
Fonte: Ministério do Exército

Você fez um desenho na Atividade 1. Agora você vai fazer de novo esse desenho dentro do quadriculado que está abaixo. Você vai desenhar no lugar onde o professor indicar.

	A	B	C	D	E	F
1						
2						
3						
4						

Observe o desenho dentro do quadriculado.
 O quadriculado tem letras e números para nos ajudar a localizar onde está cada parte do desenho, do mesmo jeito que as coordenadas fazem nos mapas. Agora escreva na coluna ao lado onde está cada parte da casa dentro do quadriculado.



Telhado: B1, C1, B2, C2, D2, A3, B3, C3, D3

Porta:

Parede:

Você desenhou na Atividade 1 um objeto visto de cima, de frente e de lado. Agora você desenhará de novo esses objetos dentro do quadri-

culado. Depois de desenhar, você vai escrever onde está localizado cada objeto dentro do quadriculado, por exemplo A3, B1, C4.

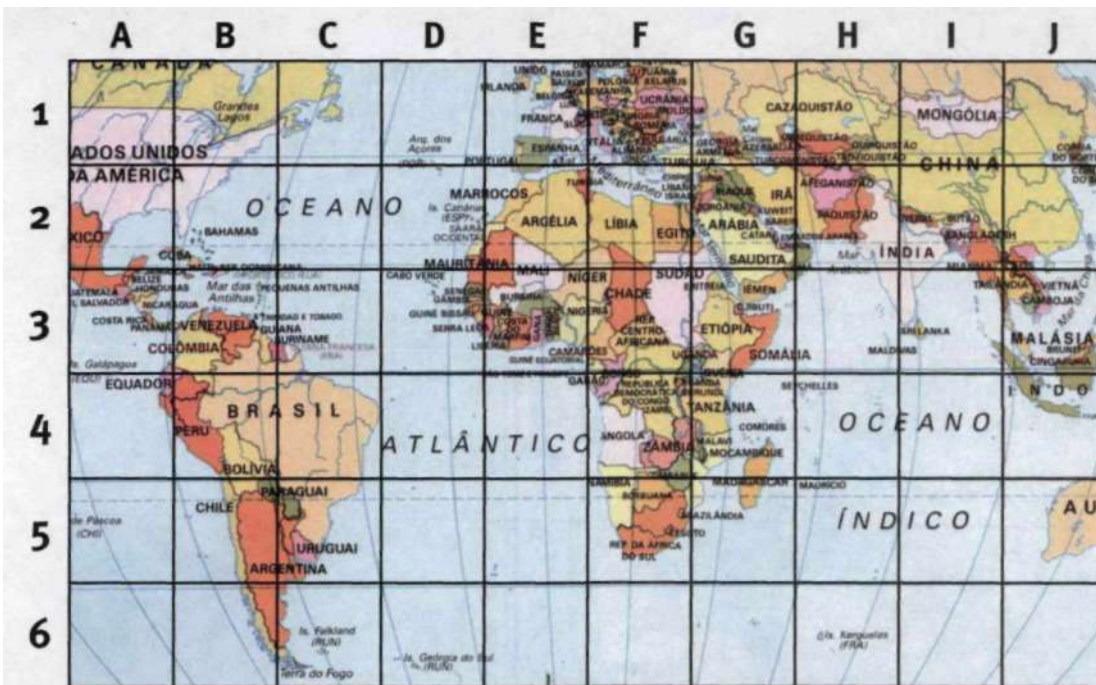
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
1												
2												
3												
4												
5												

Objeto visto de cima:

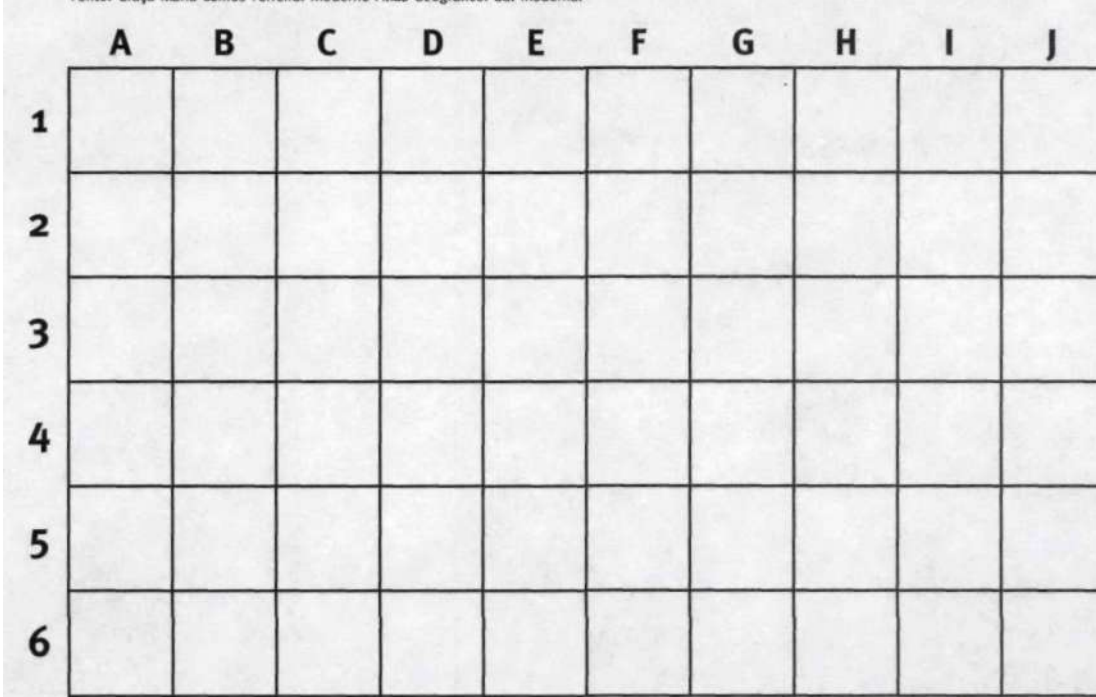
Objeto visto de frente:

Objeto visto de lado:

Você vai observar o Planisfério que está dentro do quadriculado ao lado. Em seguida, você irá desenhar, dentro do outro quadriculado, o contorno dos continentes. Preste atenção para que cada um fique dentro do espaço delimitado pelas letras e pelos números.



Fonte: Graça Maria Lemos Ferreira. *Moderno Atlas Geográfico*. Ed. Moderna.



Agora, vamos observar mapas que representam partes da Terra: o Brasil, Goiás e o Sítio Histórico Kalunga. Observe com atenção cada um deles e conte aos seus colegas e a seu professor suas descobertas.

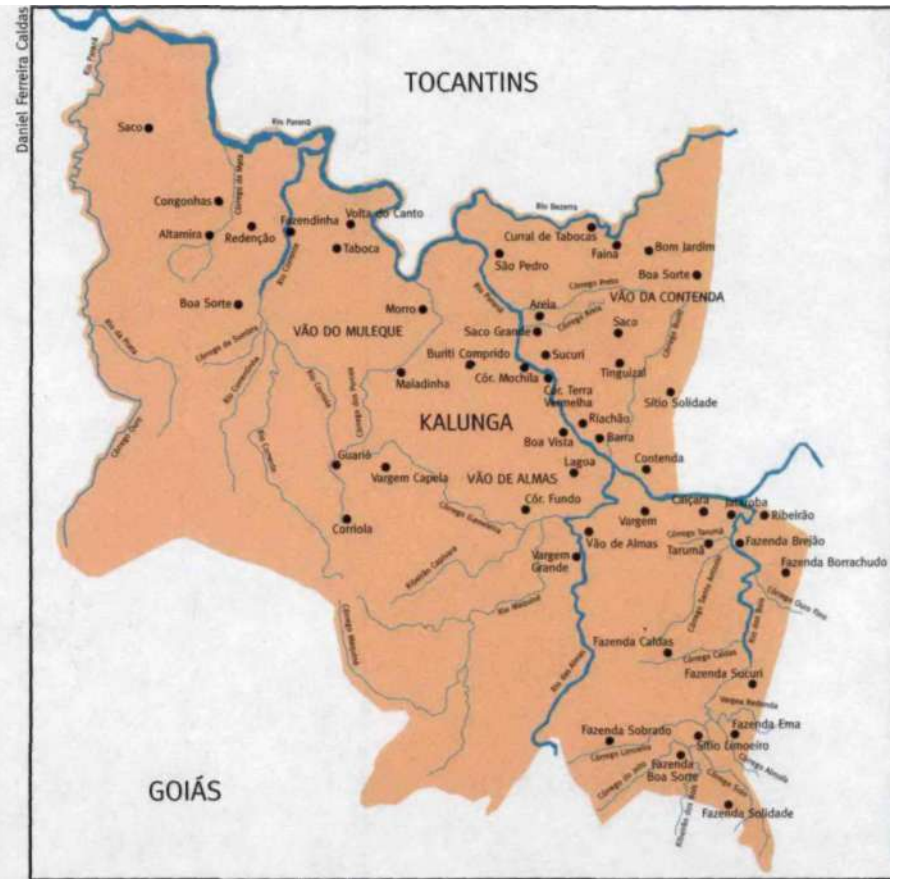
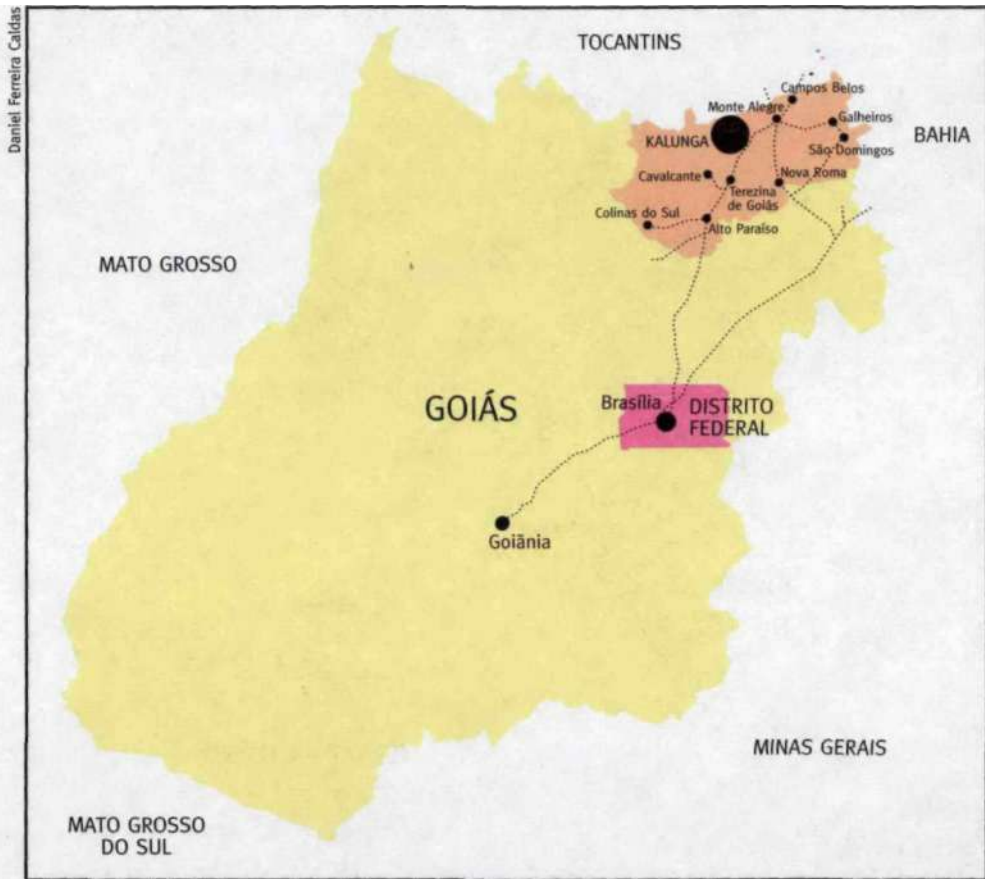
Esses são diferentes tipos de mapa. Eles servem para localizar onde ficam os lugares ou diferentes coisas que existem neles. Você pode achar num mapa onde fica uma cidade como Teresina de Goiás, ou Monte Alegre. E você também pode localizar um rio importante como o Paraná. Em outros mapas, podemos localizar o caminho para chegar a um lugar, diferentes tipos de vegetação, de montanhas ou de planícies, estradas importantes, cidades históricas etc.



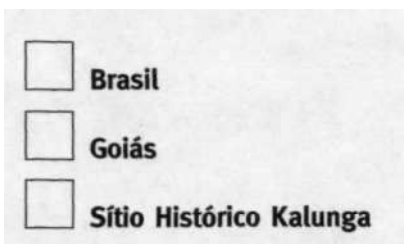
Fonte: Graça Maria Lemos Ferreira. *Moderno Atlas Geográfico*. Ed. Moderna.



Fonte: Maria Elena Simielli. *Geoatlas*. Ed. Ática.



Pirite o Sítio Histórico Kalunga de uma cor e pinte de outra cor o Estado de Goiás. Pinte de outra cor ainda o restante do Brasil. Em seguida pinte os quadrinhos ao lado na mesma cor que você pintou os mapas.



Oswaldo da Costa



Os mapas servem para localizar os lugares. Por isso, eles podem ser usados quando queremos chegar a um lugar e não sabemos por onde ir. Para descobrir como chegar a esse lugar, devem existir pontos de referência no mapa, para orientar as pessoas.

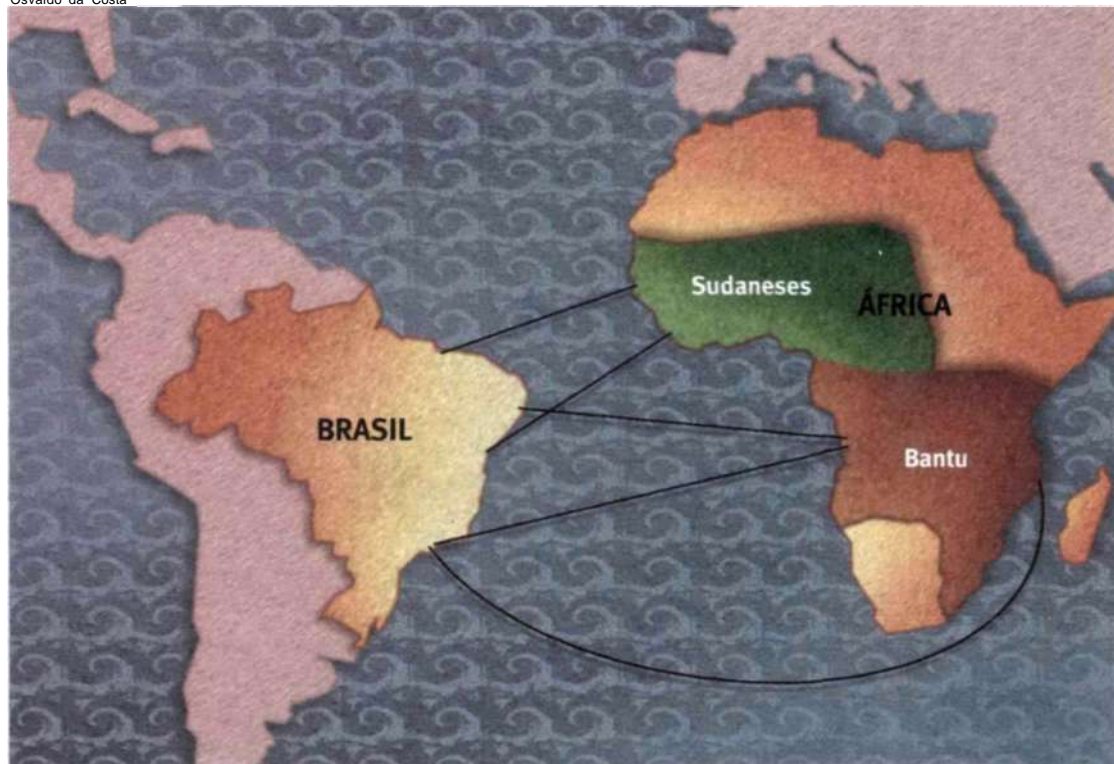
Mas nem sempre existem mapas de todos os lugares. Imagine que você precisa explicar a alguém que não conhece a região onde você mora, qual o caminho que deve seguir para ir de sua casa até sua escola. Você vai fazer um mapa para mostrar o caminho. Para isso, precisará escolher pontos de referência. Eles podem ser nomes de ruas, prédios, lugares de comércio, quando a pessoa mora na cidade. Mas também podem ser grandes árvores, cachoeiras, rios, morros altos, pontes, casas, plantações, como acontece no território Kalunga.

Você vai escolher os pontos de referência mais importantes desse caminho que a pessoa deve seguir para chegar da sua casa à sua escola.

Escolha os pontos que realmente chamam a atenção no caminho, orientando a pessoa, para que ela possa chegar sem erro.

Agora, faça o mapa desse caminho, colocando nele os desenhos dos pontos de referência.

Oswaldo da Costa



Rota de tráfico dos escravos

Nós já vimos o mapa que localiza, no Brasil, o Estado de Goiás e o Sítio Histórico Kalunga. Agora vamos ver onde se localiza, no mundo, o lugar de onde veio o povo Kalunga. O Livro de Leitura, nas páginas 17 e 18, fala sobre os africanos que vieram para cá, nos primeiros tempos da História do Brasil. Vamos aprender um pouco mais sobre eles. Leia o texto abaixo.

Não foi logo no começo da colonização do Brasil que os portugueses trouxeram os africanos para trabalhar como escravos. Quando chegaram aqui, primeiro dominaram centenas de povos indígenas para conquistar o território que eles habitavam. Diziam que tinham tomado posse do território em nome do rei de Portugal e que os povos indígenas

deveriam se submeter à sua autoridade. Como esses povos não tinham a menor idéia do que isto significava, não tinham nenhuma razão para aceitar as suas ordens. Então eles começaram a persegui-los, dizendo que faziam uma *guerra justa* contra esses povos porque não aceitavam o poder do rei.

Os portugueses se apropriavam de suas terras e obrigavam os indígenas a trabalhar como escravos porque tinham sido "vencidos" na "guerra justa". O rei de Portugal chegava a pagar dívidas que a coroa tinha com seus súditos dando a eles porções de terra do Brasil que eram tiradas dos povos indígenas. Era nessas terras que depois os portugueses faziam os engenhos ou as fazendas de gado. Foi só então que eles começaram a trazer os negros africanos para trabalhar no Brasil como escravos.

Mas a relação que os portugueses tinham com esses africanos não era a mesma que mantinham com os indígenas. Para eles, esses negros eram objeto de comércio. Os portugueses compravam e vendiam pessoas como qualquer outra mercadoria. Esse tipo de comércio de gente já existia há muito tempo no mundo. Outros povos já tinham antes sido vendidos

como escravos, no Egito, entre os gauleses, no Império Romano. Só que, agora, eram os portugueses que controlavam a compra e venda de escravos para as ilhas do Oceano Atlântico e a Europa. E esses escravos vinham da África.

Os portugueses que faziam esse comércio eram os traficantes de escravos e eles tinham o monopólio do negócio naquela região desde antes da descoberta do Brasil. Por isso já naqueles tempos era comum encontrar negros africanos em Portugal. Só em Lisboa eles representavam um quarto da população. No Brasil, os negros começaram a chegar da África em maior número a partir de 1549. Nesse ano, o rei D. João III concedeu dispensa do pagamento de metade dos impostos aos senhores de engenho, se eles comprassem até 100 escravos vin-

dos do reino do Congo, através dos traficantes da ilha de São Tomé. Então, teve início o transporte forçado de mais de 6 milhões de escravos africanos para o Brasil.

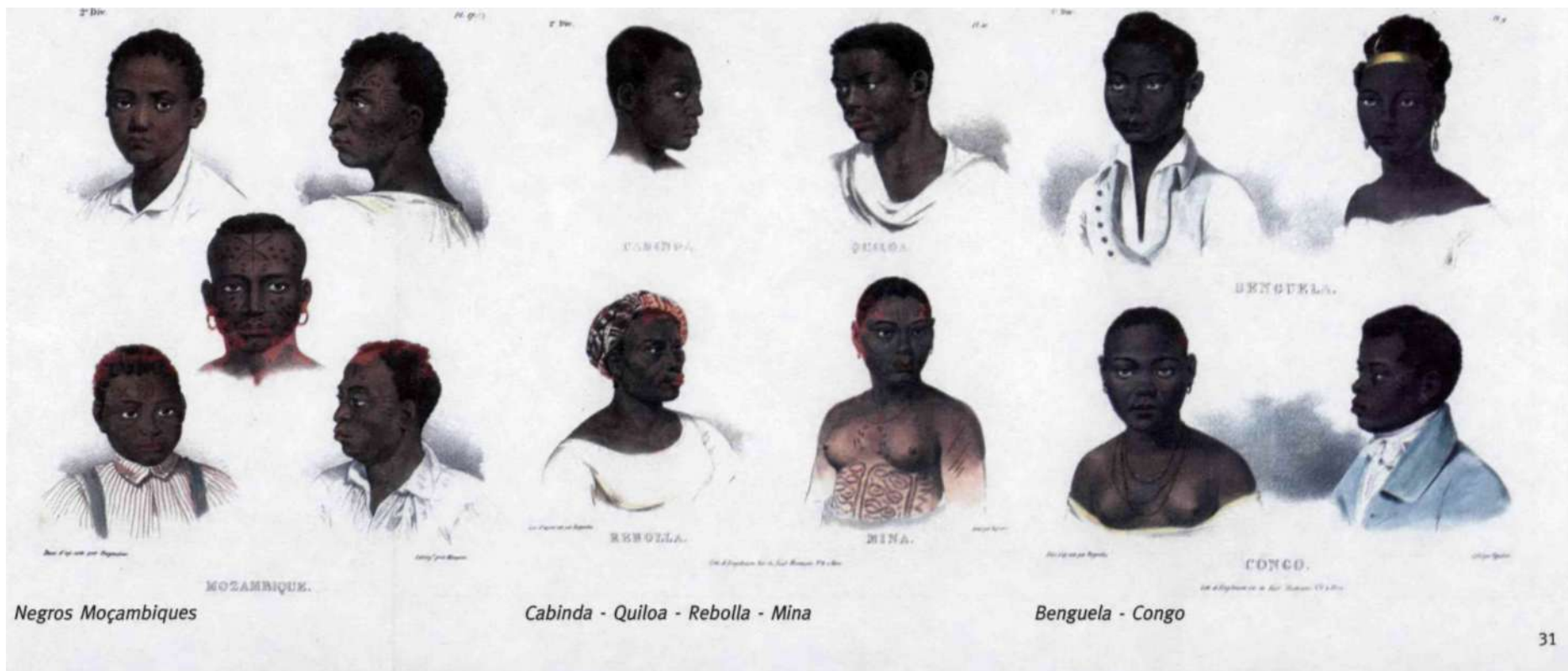
Eles pertenciam a povos muito diferentes, mas que podiam ser agrupados pela semelhança entre suas culturas. Por isso, costuma-se dividir os africanos que vieram para o Brasil em dois grandes grupos principais, os povos de civilização *bantu* e os de civilização *iorubá*. Os portugueses usavam um nome geral para designar povos muito distintos dentro de cada um desses dois grupos. Entre os povos bantu, com o nome de negros *guinés* vieram Olofs, Bambaras, Mandingas, Fulani, Peuls, que haviam construído na África grandes reinos como o de Gana e o do Mali. Os orgulhosos Fanti e Ashanti foram chamados de *minas*, porque embarcavam no forte de São Jorge da Mina, na região onde hoje ficam a Costa do Marfim, Gana, Togo, Benin, Nigéria e Camarões. Da ilha de São Tomé vieram os filhos do Império do Congo. E da cha-

mada Costa de Angola, onde hoje ficam Angola, Gabão e Guiné Equatorial, foram embarcados nos portos de Cabinda, Luanda e Benguela milhões de Imbangalas, Jagas, Quimbundos, Umbundos, Lubas, Lundas, rebatizadas como *cabindas*, *angolas* e *benguelas*.

Da costa oriental da África vieram depois, com o nome de *moçambiques*, os filhos do grande Império do Monomotapa, os Shosas, os Makondos, os Zulus. Depois, vieram também os povos do antigo reino do Daomé, que ocupava o território que é hoje o Benin, o Togo e a Nigéria, sendo aqui rebatizados com denominações genéricas de *geges* e *nagôs*. Vinham de grandes reinos e civilizações, como os Haussás, os Ewé e os Fons, do reino do Daomé, ou os vários súditos do Império de Oyó, como os Tapas, os Ijexás, os Jebus e os filhos do reino de Ketu, hoje chamados de iorubás.

Veja agora nas gravuras e no mapa alguns desses povos e os lugares de onde eles vieram.

Johann Moritz Rugendas *Viagem ao Brasil 1845* Litografias coloridas à mão - Coleção



Pinte o continente africano de uma cor. Use a mesma cor para pintar a região Kalunga no mapa do Brasil.
Escolha outra cor para pintar o restante do mapa do Brasil.



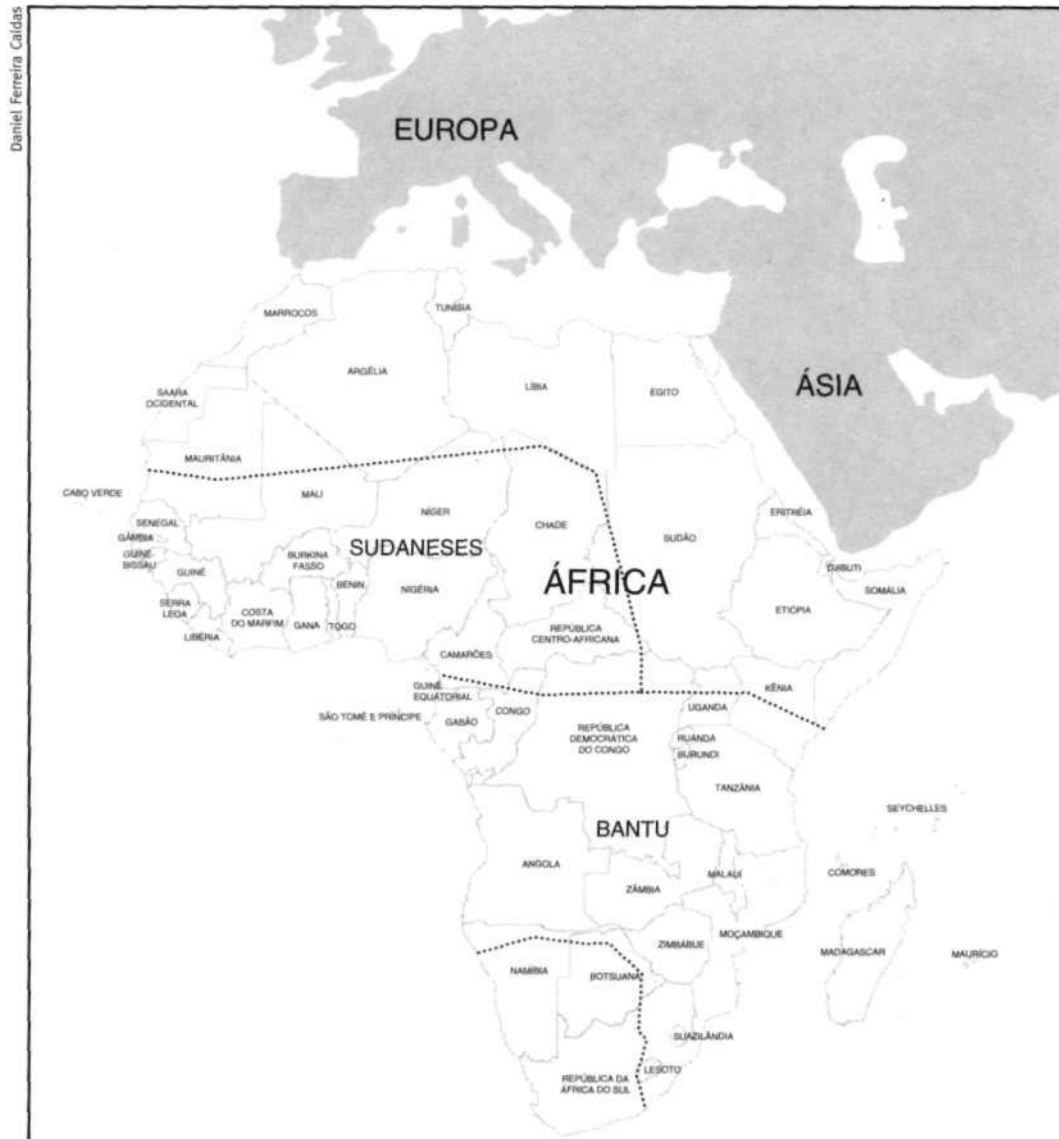
A atividade que você vai fazer chama-se caça-palavras. Você tem nesta página uma lista de nomes de alguns povos africanos que foram trazidos para o Brasil. Procure esses nomes no quadro. Eles podem estar tanto numa linha horizontal quanto numa vertical.

~~BAMBARA~~
MANDINGA
FANTI
QUIMBUNDO
HAUSSÁ
FON
IJEXÁ



Este é um mapa atual da África. A África é um continente que tem muitos países. Observe este mapa. Agora observe as linhas pontilhadas no mapa. Elas mostram as grandes regiões de onde os africanos foram trazidos para o Brasil. Observe com atenção o contorno dessas

regiões. Você vai pintar com lápis de cor essas duas regiões no mapa atual da África. Veja quantos países diferentes hoje fazem parte dessas regiões. Escreva o nome deles.

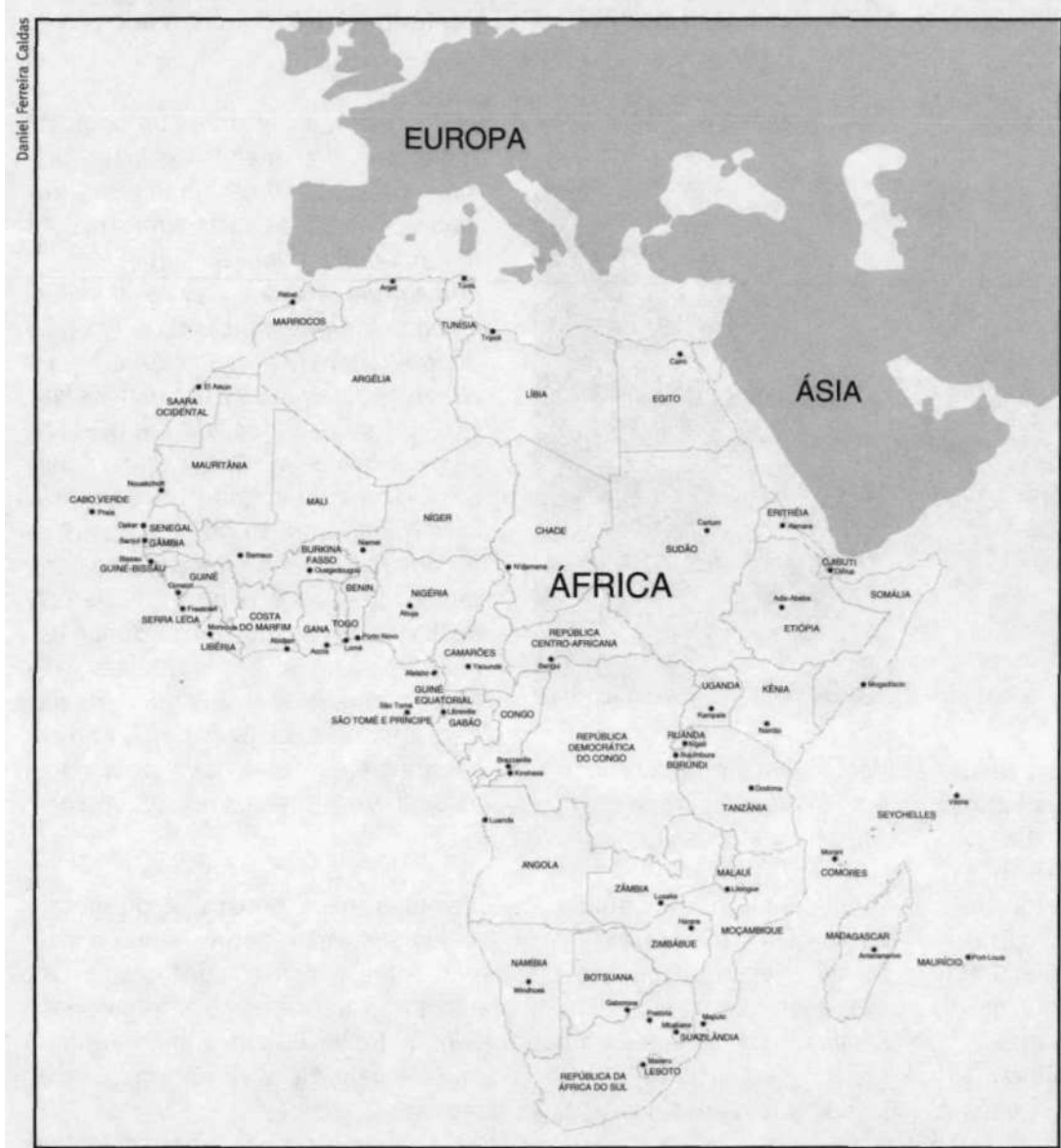


Bantu - países atuais:

Sudaneses - países atuais:

Você tem nesta página um mapa atual do continente africano com a divisão em países e suas capitais. A África tem 53 países. Observe com atenção esse mapa. Você vai pintar os países com cores diferentes. Ao lado do mapa está uma lista com o nome de alguns desses países e

suas capitais. Você fará uma legenda do mapa que você pintou. Para isso pinte o quadradinho ao lado dos nomes da lista na mesma cor que você usou para pintar o país.



- Nigéria Abuja
- Egito Cairo
- Argélia Argel
- Angola Luanda
- Moçambique Maputo
- Benin Porto Novo
- África do Sul Pretória
- Guiné Conacri
- Senegal Dakar
- Mali Bamako
- Zimbábue Harare
- Kênia Nairobi
- República Democrática do Congo Kinshasa
- Gabão Libreville
- Camarões Yaoundé

Até agora, vocês fizeram atividades que ajudam a localizar as pessoas no mundo e ver como ele é representado nos mapas. Vocês viram onde fica o território Kalunga e o continente africano, lugar de onde vieram os antepassados do povo Kalunga. Mas há ainda muito mais a conhecer sobre esse nosso mundo, sobre os seus diferentes lugares e sobre os homens que vivem neles.

Leia o Livro de Leitura na página 30. Preste atenção principalmente no que o livro fala sobre os nomes dos lugares, que são todos ligados às coisas da natureza no território Kalunga. Esse texto fala do modo de viver do povo Kalunga. E como vivem as outras pessoas, em outras partes do nosso planeta Terra? Elas vivem em lugares muito diversos e de jeitos muito diferentes também. Muitas coisas são diferentes do jeito Kalunga de viver, mas muitas outras são também parecidas. Vamos ver por quê. Leia o texto a seguir.

O ser humano, como todas as criaturas que existem no mundo, sempre precisaram da natureza para sobreviver. E para isso eles precisaram se adaptar à natureza, como fazem todos os animais. Mas eles passaram também a transformar a natureza, para utilizá-la e viver cada vez melhor. Pense só: o pássaro joão-de-barro faz a sua casa do mesmo jeito desde sempre. Pode perguntar para o seu avô, ou para outra pessoa mais velha, se não é verdade que desde que ele era criança esse era o jeito do joão-de-barro fazer a sua casa. Todos os animais constroem suas casas assim, com as coisas que encontram no meio onde vivem, e elas são sempre iguais. Também o homem, como os outros animais, faz suas casas com os recursos que a natureza lhe dá. Só que o Homem faz mais. Ele observa a natureza e vai aprendendo a fabricar instrumentos para facilitar e melhorar a construção da sua casa e acaba construindo casas de muitos jeitos

Jon David



diferentes. Essa capacidade de transformar a natureza é própria do ser humano. Ela serve para tudo, para plantar a terra, para usar o rio, para abrir caminho na mata, para produzir alimentos, roupas, remédios etc.

Agora leia o Livro de Leitura, na página 33. Ele conta como os primeiros quilombolas sobreviveram no território Kalunga, aprendendo a conhecer a natureza ao seu redor.

Eles aprenderam a distinguir no meio do mato, as árvores que podiam servir para tirar madeira e fazer ferramentas, para cortar uma mesa, um banco, para escavar um pilão. Aprenderam a conhecer aquelas que podiam servir para construir uma embarcação ou uma casa. Do jatobá, do ipê, da aroeira, da sucupira branca, aprenderam a tirar os esteios da casa de pau-a-pique, os barrotes, a viga da cumeeira. Dos galhos finos das árvores do cerrado ou da taboca rachada, podiam fazer as varas e as taquaras, que são trançadas, amarradas com cipó e depois recobertas de barro amassado, para formar as paredes de taipa. Das folhas das palmeiras aprenderam a tirar a palha para cobrir a casa. Mais tarde, aprenderam também a reconhecer na barranca dos rios o barro bom para fazer o adobe, porque com os tijolos de barro cru, secos no sol, podiam tornar mais resistente sua casa.

Vamos conhecer um pouco dos diferentes jeitos de viver e de morar das pessoas no mundo e como os homens foram aproveitando a natureza e os recursos que ela oferece para construir suas casas. Os exemplos que vamos ver, em seguida, são de casas construídas nos lugares mais distantes do nosso planeta. Se vocês procurarem no Planisfério vão localizá-los. Observe as imagens, leia as informações e faça as atividades nas páginas referentes à sua série.



Bogna Smuk tem dez anos e vive com a família numa fazenda da Polônia, na Europa central. Criam vacas,

e Peter, o padrasto de Bogna, usa o leite para fabricar queijos. A mãe de Bogna se chama Ewa.

A casa de Bogna é feita de madeira e pintada de azul e amarelo. Ewa e Peter transformaram o sótão num quarto para as meninas, e cada uma tem seu cantinho. O de Bogna foi pintado de verde, e os das irmãs são vermelho, azul e amarelo.



Bogna



Sarala tem nove anos e vive numa aldeia no litoral do Tamil Nadu, um estado que fica no extremo sul da Índia.

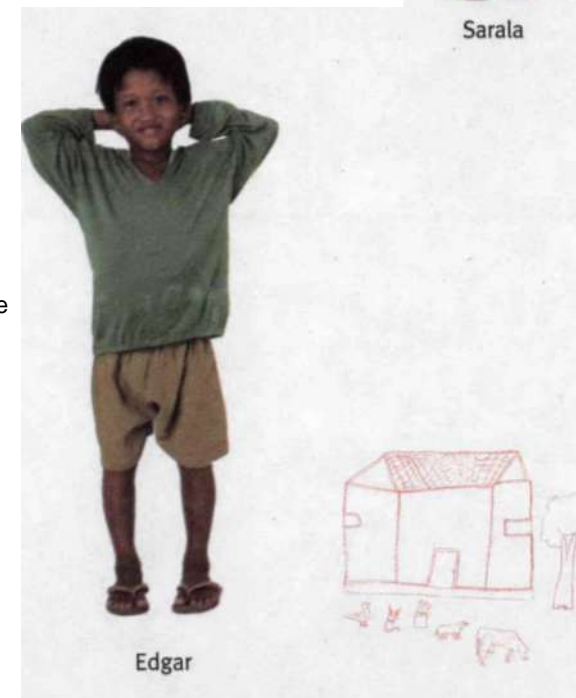
É aqui que Sarala e sua família moram. Dividem a casa com duas famílias de parentes, e cada família tem cômodos separados. No total, são quinze pessoas.



Sarala

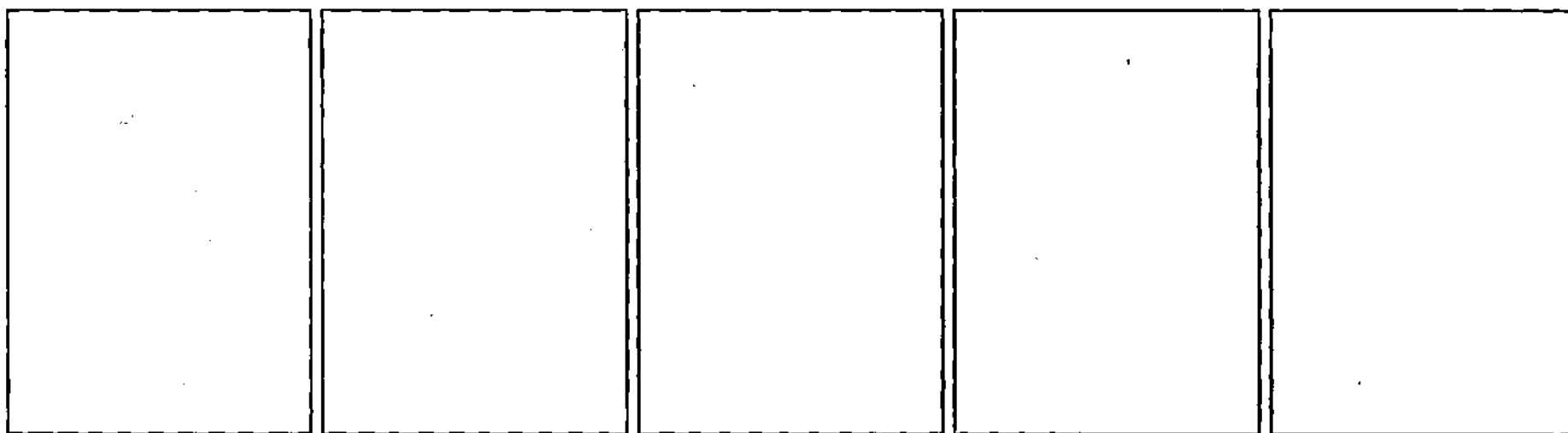


Edgar Flores tem oito anos e vive nas Filipinas, um arquipélago do Sudoeste Asiático com mais de 7 mil ilhas. Sua família mora em Villa Rica de Arevalo, uma aldeia costeira na ilha de Panay. O pai compra ostras de um criador e depois as abre e vende aos restaurantes. Antes e depois da escola, Edgar e o irmão mais velho também abrem ostras. Na aldeia cresce bastante bambu, e Edgar mora numa casa de bambu trançado. As paredes são feitas de modo a deixar entrar bastante brisa. Há dois cômodos. Na estação chuvosa, a água às vezes pinga do teto, as crianças então acham um canto seco e se enfiam nos cobertores.



Edgar

A página ao lado mostra várias etapas da construção de uma casa Kalunga.
Os desenhos não estão na ordem certa.
Você vai recortar cada um e colá-los na ordem certa nesta página.



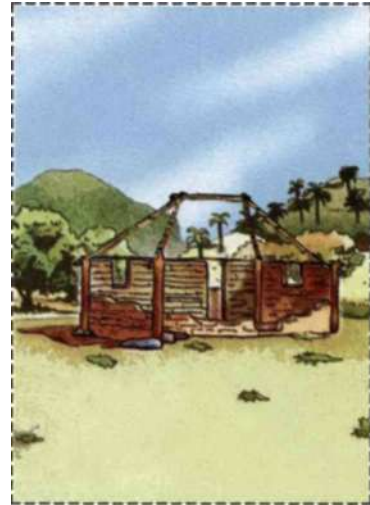
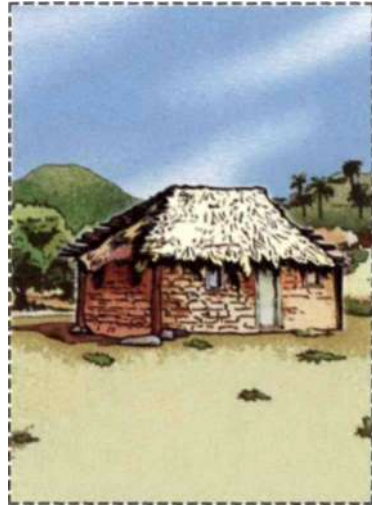
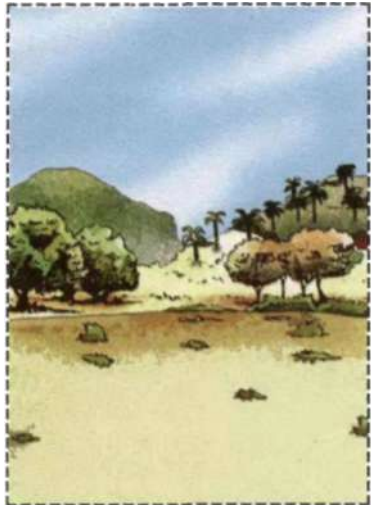
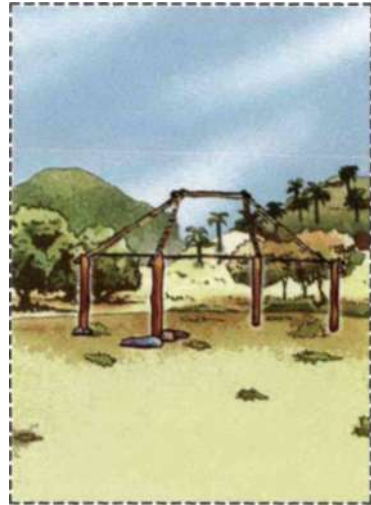
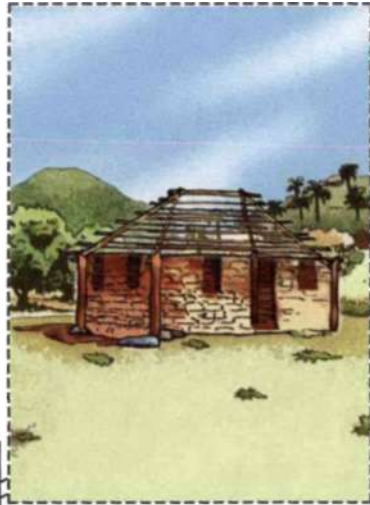
1

2

3

4

5



Oswaldo da Costa

Você vai observar mais uma vez as casas que estão no início desta atividade. Preste atenção nos materiais usados na sua construção. Leia as informações sobre cada uma delas. Em seguida, você irá completar o quadro abaixo.

Nome do continente e país em que fica cada casa	Material usado na construção

Lista dos materiais mais usados

Converse com seus colegas e professor sobre o que você descobriu fazendo essa atividade

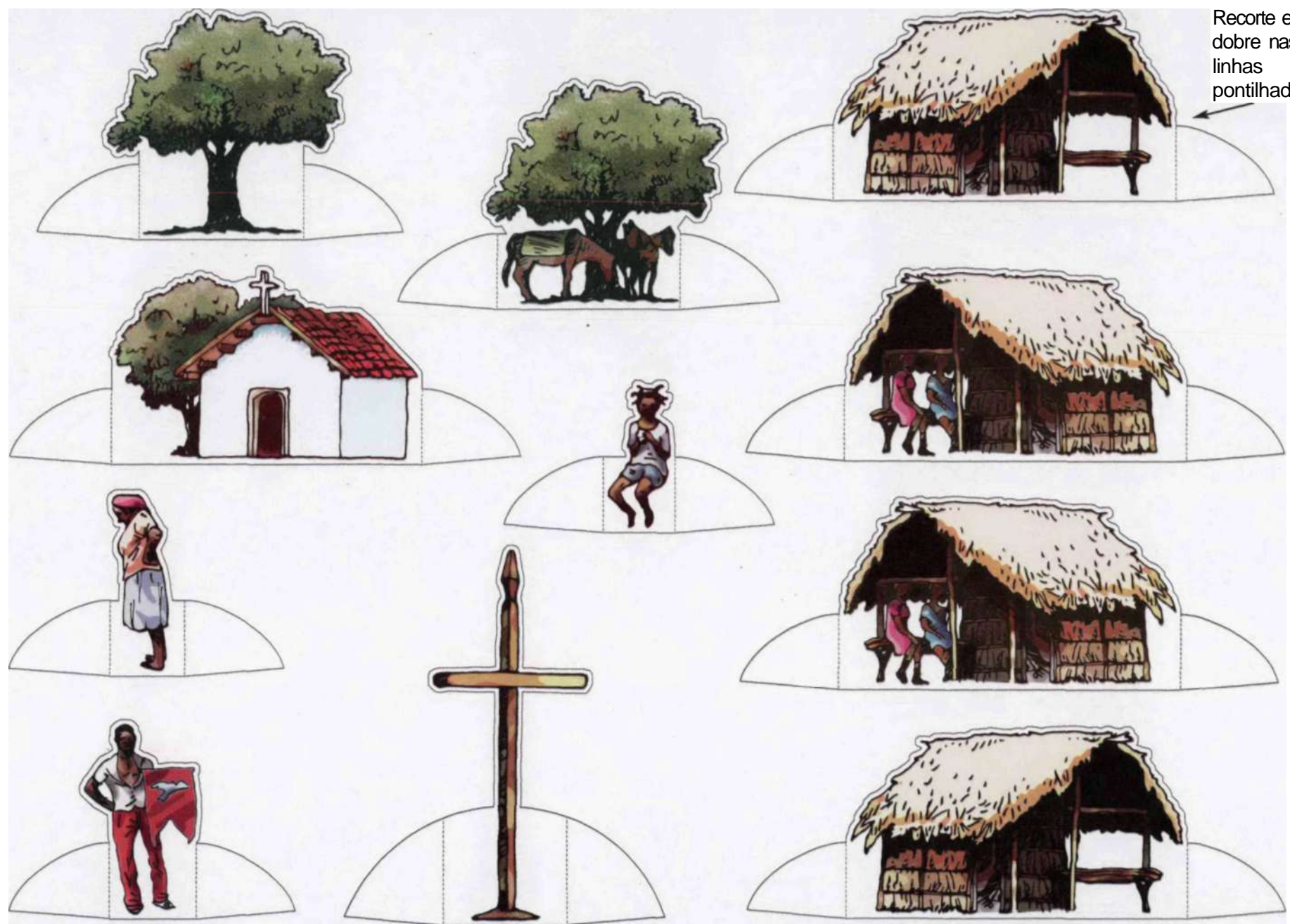
Desenhe sua casa e escreva como ela foi feita. Não deixe de escrever os materiais usados na sua construção e quem fez a casa.

Nos locais das grandes festas do Kalunga como a de Nossa Senhora d'Abadia, os moradores constroem ranchos onde ficam as famílias nos dias da festa. Como as casas do povo Kalunga, esses ranchos também são construídos com os materiais da natureza disponíveis no lugar. As imagens que estão nas páginas seguintes mostram como são esses ranchos e o que mais existe no local da festa. Você vai fazer uma maquete

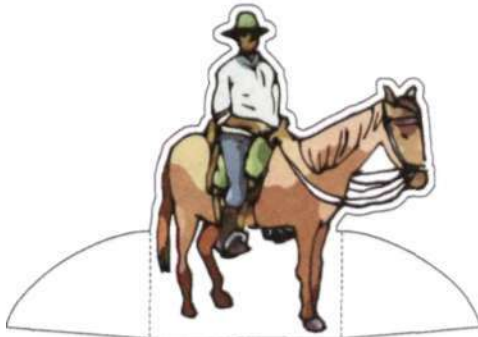
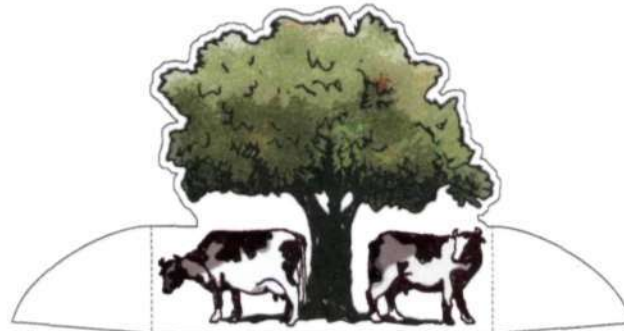
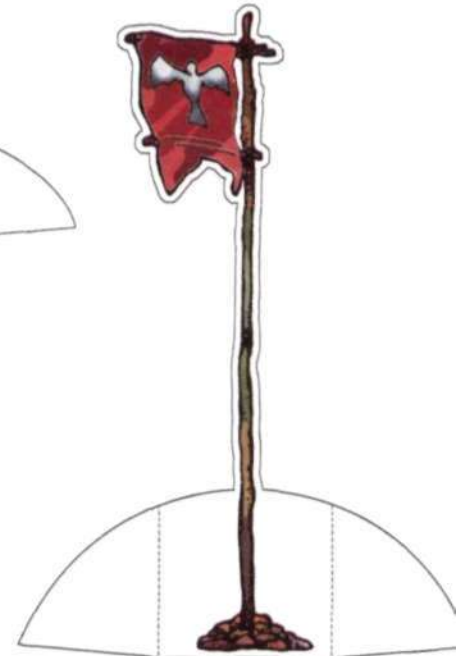
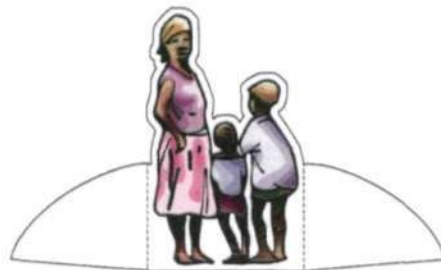
desse local. Recorte as figuras e monte a maquete com a orientação do professor. Observe agora a maquete que você montou. Se você já foi a alguma das grandes festas no Kalunga, procure se lembrar de como é lá. Se você nunca foi a essas festas, leia o Livro de Leitura nas páginas 55 e 57. Agora, faça um desenho do local da festa como se você estivesse lá, mas vendo as coisas de cima, do alto de um morro.



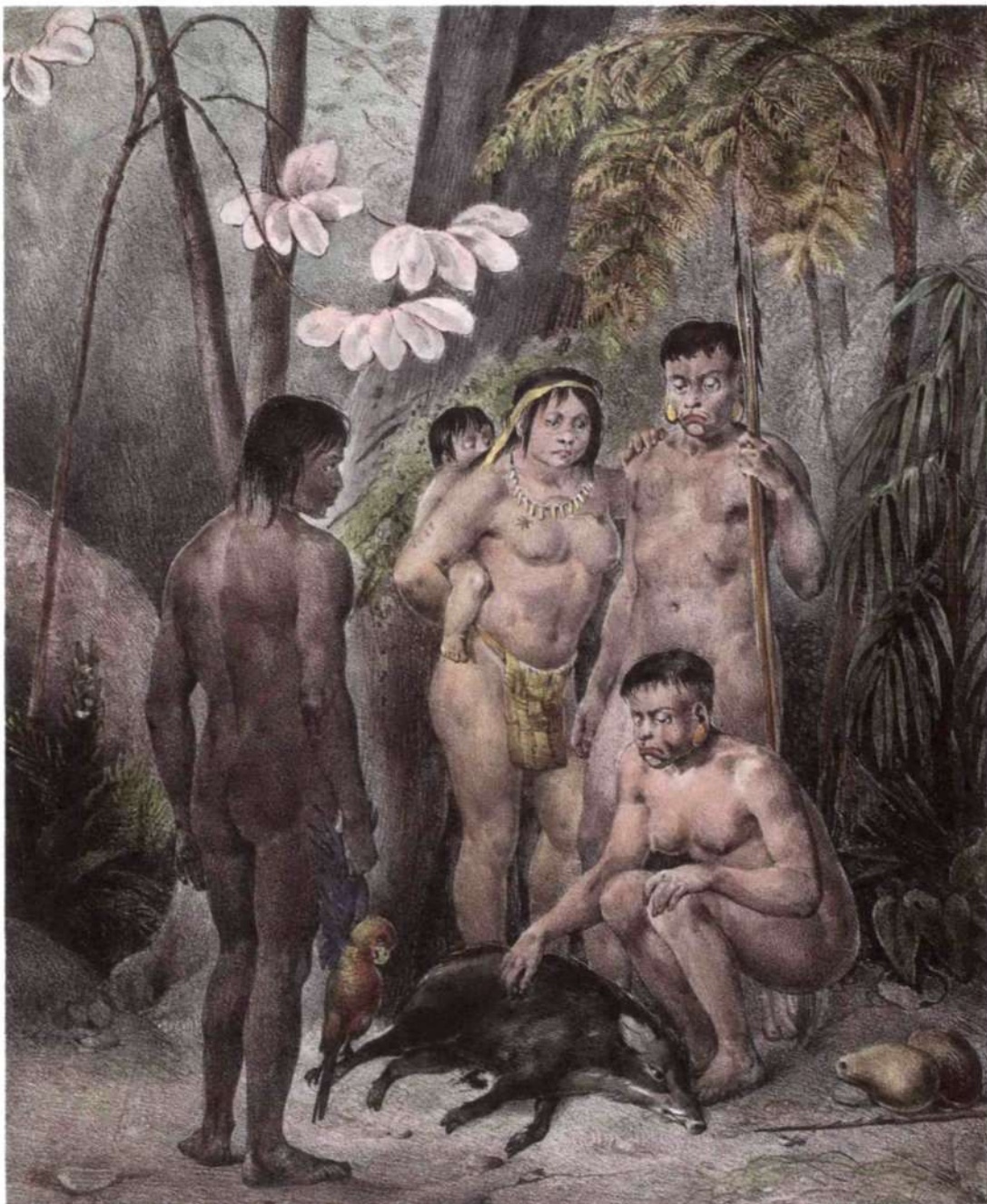
Recorte e dobre nas linhas pontilhadas



Ilustrações: Osvaldo da Costa







Vimos na atividade anterior casas construídas em lugares muitos diferentes, onde as crianças vivem com suas famílias. Em algumas dessas casas moram famílias menores, formadas só pelo pai, a mãe e seus filhos. Em outras casas moram famílias maiores, que incluem também outros parentes. Isso mostra que as pessoas têm diferentes jeitos de organizar sua família e de conviver com ela. As famílias das pessoas também são diferentes umas das outras. É que as famílias têm história. Para você existir, muitas pessoas de diferentes gerações existiram antes de você: seus pais, seus avós, seus bisavós.... Vamos conhecer um pouco mais sobre a origem da sua família.

No Brasil, as famílias foram sendo formadas por pessoas que vieram de diferentes lugares e que aqui foram se misturando, formando novas famílias. Vocês já sabem que, antes que os portugueses chegassem ao território do Brasil, aqui já existiam centenas de povos indígenas. E, depois, milhares de africanos, de inúmeros povos distintos, foram forçados a vir para o Brasil como escravos. Conforme todos esses povos foram se misturando, surgiram vários tipos de mestiços. De índios e brancos, que são os mamelucos. De negros e brancos, denominado pelo branco, como mulatos. De negros e índios, que são os cafuzos.

No século XIX, o governo brasileiro estimulou a vinda de pessoas de outros povos para o Brasil, para substituir o trabalho dos escravos africanos e seus descendentes. As revoltas dos escravos eram constantes e o movimento abolicionista reclamava o fim da escravidão. Foi durante esse período que vieram para o Brasil como trabalhadores imigrantes muitos europeus, como italianos, espanhóis, alemães, suíços e vários outros. Mais

I. M. Rugendas *Família indígena (Botocudos)*
Litografia colorida à mão, 1845 - Coleção particular



J. M. Rugendas
Negro e negra na plantação
Litografia colorida à mão, 1845
Coleção particular

tarde vieram também povos asiáticos, como os japoneses. Eles vieram para trabalhar na lavoura, principalmente de café, e depois se dedicaram a muitos ofícios nas cidades.

É por essa razão que o brasileiro é uma mistura de muitos povos. As famílias brasileiras são formadas por pessoas que podem ter sua origem em lugares muito distantes e diferentes.

Agora vamos conhecer a sua família. Esta atividade vai precisar da ajuda dos seus pais e de outras pessoas mais velhas. Converse com eles e pergunte de onde vieram as pessoas de sua família. Tente chegar o mais longe possível, pelo menos até seu bisavô e sua bisavó. Depois, converse com os seus colegas e seu professor sobre as pessoas da sua família.



Passaporte
austríaco, 1925

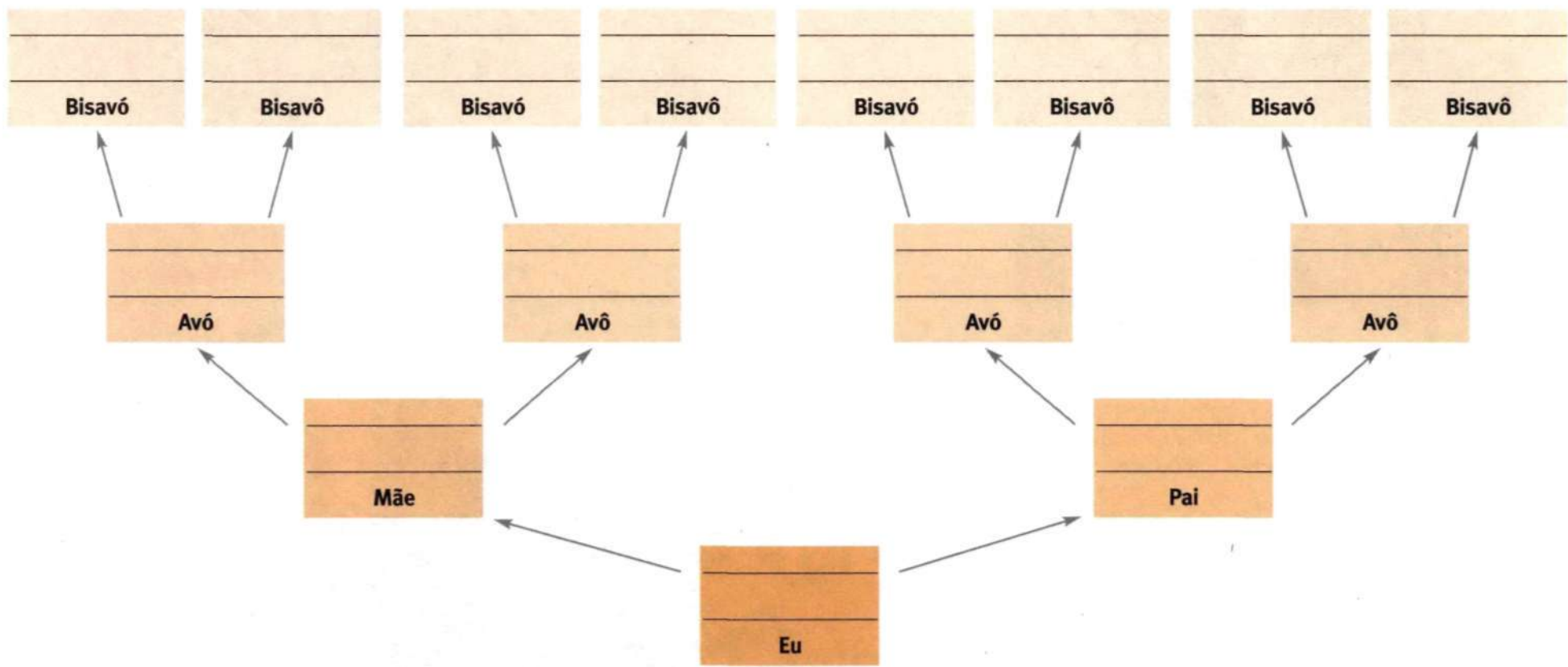
Margarete
Swbodoba, com 12
anos, ainda na
Áustria, 1912
Coleção particular



Imigrantes japoneses: família Higa (Okinawa). São Paulo, 1948
Coleção particular



Você vai organizar o que aprendeu com os mais velhos sobre a sua família.
Escreva os nomes das pessoas da sua família.
Coloque os nomes e sobrenomes das pessoas nos lugares indicados.



Escreva o nome das pessoas da sua família. Ao lado de cada nome, escreva o lugar de onde essas pessoas vieram. Localize nos mapas esses lugares. Que mapa você mais usou para encontrar os lugares de origem da sua família?

Nomes das pessoas

Lugar de onde veio

Na sua família estão as pessoas mais próximas de você, como seu pai, sua mãe, seus irmãos e seus avós. Mas, além deles, na sua família existem também outros parentes, que são seus tios, tias, primos, primas, cunhados, cunhadas, sobrinhos, sobrinhas. Você vai escrever

Nome dos meus parentes

aqui todos os seus parentes que você lembrar. Escreva o nome e sobrenome de cada um, dizendo o que ele é seu: seu primo, seu tio, seu sobrinho etc.

É meu...

Você irá distribuir a relação dos seus parentes, que fez na terceira série, pelos lugares onde essas pessoas moram. Escreva o nome dos

Parente

Local

lugares em que você tem parentes e quem mora lá. Localize-os nos mapas que estão neste Caderno de Atividades.

Parente

Local

Refleta sobre o que você foi descobrindo. Converse com seus colegas e seu professor. Você e seus colegas têm parentes em comum? Esses pa-

rentes moram perto uns dos outros? Alguma vez você encontra todos esses parentes? Quando? O que você concluiu sobre você e sua família? Escreva.

E os povos africanos nos deram mais que o seu trabalho que construiu a riqueza do Brasil. Eles trouxeram seus deuses e seus ritos, que se conservam até hoje no culto dos voduns do Maranhão, nos candomblés da Bahia, nos xangôs do Recife, na macumba do Rio de Janeiro. Trouxeram o toque dos seus tambores, o ritmo de suas danças, o batuque, o samba, o candombe, o coco, o maxixe.

Inventaram a capoeira e o maculelê e trouxeram o uso de braceletes e colares, xales e turbantes. Os temperos africanos, como a pimenta malagueta, a pimenta da Costa, o azeite de dendê, o leite de coco, o uso do camarão seco, da castanha de caju, de sementes e favas modificaram a cozinha portuguesa, que se tornou brasileira. E as comidas oferecidas aos orixás se transformaram na Bahia em comida típica, como o acarajé, o abará, o carurú, junto com outras iguarias como o vatapá, o cuscuz, o mungunzá e bebidas como o aluá. Na língua, sua influência foi muito grande. Devem-se aos africanos muitas e muitas palavras comuns no nosso idioma: bamba, banda, banzo, bruaca, cachimbo, cacimba, caçula, cacunda, cafua, cafuné, calombo, camundongo, candongueiro, canga, candango, canjica, capanga, catinga, fubá, matungo, mocambo, mocotó, molambo, moleque, muxiba, porongo, quitanda, quitute, quilombo, sopapo, urocongo, tumbeiro etc.



Percy Lau *Negras baianas* - Gravura
Revista Brasileira de Geografia - Ano I



Mais tarde, no século XIX, os trabalhadores imigrantes europeus também influenciaram o modo de falar, de vestir e de comer da população brasileira nos lugares onde foram viver.

Por isso em São Paulo se come a macarronada trazida pelos italianos, a *paella* dos espanhóis, o quibe dos árabes, sírios e libaneses, o peixe cru dos japoneses. E o modo "cantado" de falar da gente de São Paulo é influência italiana. No Rio Grande do Sul, foram os italianos que trouxeram a produção do vinho e, em Santa Catarina e no Paraná, os alemães, poloneses e russos influenciaram os hábitos alimentares com a introdução de doces e tortas, salsichas ou comidas feitas com repolho ou batata. Além disso, seus descendentes formam uma população de gente loira e de olhos azuis, que é característica dessas regiões.



Imigrantes italianos. Orquestra do Clube 8 de Setembro.
Amparo-SP, anos 1890 - Coleção particular

Nesta página estão palavras e desenhos. Estas palavras são de origem indígena e africana e elas são muito usadas no nosso dia-a-dia. Você vai ligar as palavras aos desenhos correspondentes.

cachimbo

moleque

seriema

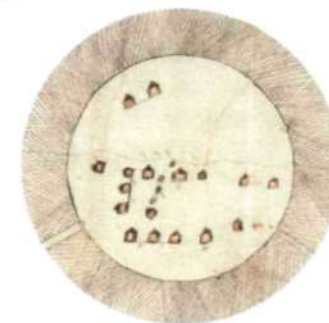
mandi

araticum

bruaca

arara

quilombo



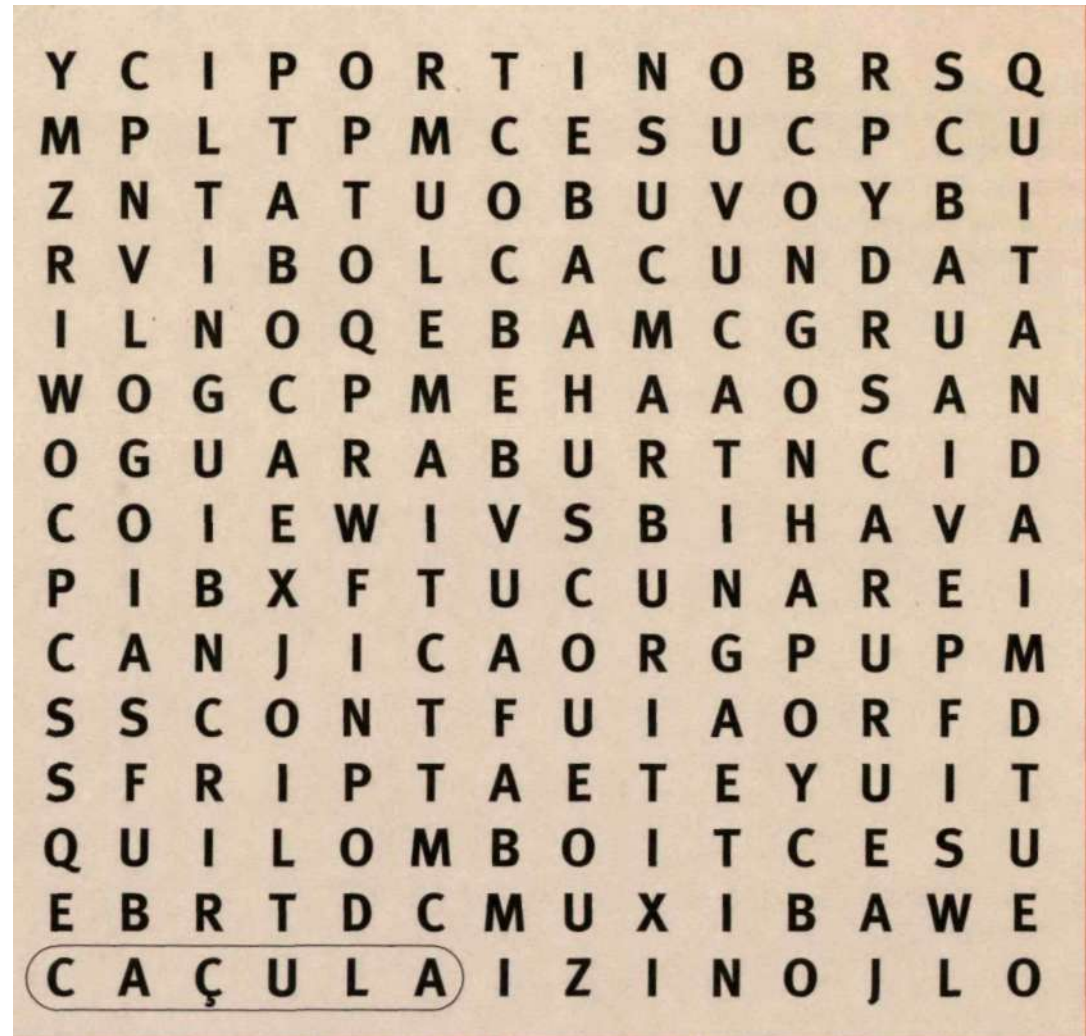
Escolha três dessas palavras e faça frases com elas.

Nesta lista estão palavras de origem africana. Leia essas palavras em voz alta com a orientação do seu professor. Depois, escolha algumas delas para fazer versos de rima.

bamba, banda, banzo, bruaca
cachimbo, cacimba, caçula, cacunda
cafua, catita, calombo, candango
camundongo, canga, capanga, catinga
mocambo, molambo, moleque, muxiba
porongo, quitanda, quitute, quilombo

Você fará um caça-palavras. As palavras que aparecem nesta lista são de origem indígena e africana. Elas podem estar na ordem horizontal ou vertical.

cipó
cacunda
tatu
caruru
guará
caçula
taboca
fubá
buriti
catinga
tingui
quitanda
congonha
quilombo
Goiás
muxiba
tucunaré
canjica



Estas são receitas de comidas comuns no Brasil e que têm sua origem na cozinha africana e portuguesa. Leia essas receitas. Elas ensinam os ingredientes usados para fazer a comida e o modo de prepará-la.

Escolha uma das receitas para você ilustrar, como se fosse uma história em quadrinhos. Lembre-se de começar desenhando os ingredientes e depois vá seguindo as etapas do modo de preparar.

Bacalhoadada

Ingredientes:

6 pedaços de bacalhau
1 couve-manteiga
6 batatas grandes
6 cebolas médias
6 ovos cozidos
6 dentes de alho picados
azeite de oliva extra virgem

Modo de preparo: Deixar os pedaços de bacalhau de molho por dois dias, renovando a água de tempos em tempos. Cozinhar o bacalhau e escorrer sem jogar fora a água. Nessa mesma água, esquentar a couve com as folhas inteiras. Escorrer e deixar de lado. Em outra panela, cozinhar as batatas com casca e um pouco de sal. Quando estiverem macias, cortar pela metade, mantendo as cascas. Em água fervendo, cozinhar as cebolas inteiras e descascadas, só para tirar o ardor. Escorrer e deixar de lado. Cozinhar os ovos. Arrumar numa travessa grande, separadamente, os pedaços de bacalhau, as batatas, a couve, as cebolas, os ovos e o alho picado, cru ou dourado em azeite. Depois de servir cada prato, regar com azeite.

Caruru

Ingredientes:

50 quiabos
4 cebolas grandes bem picadinhas
1/2 quilo de camarão seco descascado
200 gramas de amendoim
200 gramas de castanha de caju
1 maço de coentro
1 copo de água
azeite de dendê

Lavar o quiabo e cortar em rodela bem fininhas. Em seguida, picar a cebola bem picadinha. Pegar a metade do camarão e refogar no azeite de dendê com a cebola. Depois de refogado, juntar o quiabo com o que já está frito ou refogado e acrescentar um copo de água, tudo isso numa panela grande. Numa outra vasilha socar o resto do camarão, o amendoim, a castanha de caju, até ficar como se estivesse bem moído, ficando como se fosse uma massa. Juntar ao refogado do quiabo com camarão e mexer com uma colher de pau. Mexer sempre para não pegar no fundo da panela. Acrescentar o coentro bem picadinho e mexer até dar o ponto, que é quando o quiabo ficar bem cozidinho. Sal a gosto.

Obs: Para evitar o excesso de baba do quiabo, tirar com a colher de pau quando ele estiver fervendo.

Depois de completar seu desenho, você vai trabalhar em dupla com um colega. Cada uma dessas receitas dá para quatro pessoas. Imaginem agora que uma das receitas que vocês escolheram para desenhar vai ser feita para toda a classe. Vocês vão calcular a quantidade de ingredientes necessários. Depois, cada um anotar no seu Caderno de Atividades.

Receita de.....para toda a classe



Carlos Julião *Coroação dos reis negros nos festejos de Reis c. 1776* - Desenho aquare



- Fundação Biblioteca Nacional J. B. Debret *Negras novas a caminho da igreja para o batismo 1834* Litografia colorida à mão Coleção particular

Você já aprendeu que é possível localizar quem é você e de onde você vem, partindo de sua família. Mas, pense bem: agora, que vimos que as famílias são tão diferentes e têm hábitos e costumes tão variados, será que só a família basta para cada um saber quem é? Na verdade, você não faz parte só de sua família. Você pertence a um grupo maior de pessoas. Você faz parte também de uma comunidade. Você descobre isso quando se reúne com seus parentes, com seus amigos e percebe que todos têm alguma coisa em comum, que reuniu ali todo mundo. As festas são ocasiões desse tipo. Nesta atividade, você vai ver diferentes tipos de festas e celebrações comunitárias. Leia o texto abaixo e, em seguida, faça o que é pedido para a sua série.

Quando as pessoas se encontram por causa de alguma coisa importante para todos, é isso que elas celebram, por meio da festa. Toda festa é assim. Numa festa de aniversário, de casamento, de batizado, são os parentes, os vizinhos e os amigos que se reúnem para come-

morar um acontecimento importante numa família. Eles estão ali para festejar o dia do nascimento de alguém da família ou o fato da família estar aumentando, porque alguém se casou. Esta é uma festa particular, só da família ou de seus conhecidos. O Livro de Leitura conta que, no Kalunga, até festas de devoção são assim. Nas Folias ou nas festas chamadas *boca da noite*, que festejam um santo de devoção de uma família, só os vizinhos e os amigos são convidados a participar.

Mas existem também festas maiores, que não reúnem só pessoas de uma mesma família. As grandes festas do Kalunga, como o Império de Nossa Senhora d'Abadia, de São Gonçalo ou a festa de São João, são festas assim. Ali se reúne gente de toda parte do território Kalunga. Ali se festeja o encontro de muitas e muitas famílias, a reunião de toda uma comunidade, a do povo Kalunga. E até gente de fora pode ser convidada para festejar junto com o povo Kalunga esse encontro da comunidade a que eles pertencem. E a mesma coisa acontece nas

Ion David



Festa de casamento - Engenho

Claudio Spinola



Festa de Nossa Senhora d'Abadia

festas de pessoas descendentes de imigrantes estrangeiros, como a Festa das Nações, celebrada em muitos lugares do Brasil. Ali, as pessoas se reúnem para comemorar com músicas, danças e comidas típicas o reencontro de todas as famílias que no passado vieram de países distantes para morar no Brasil. Exatamente como as pessoas do Kalunga, que são os descendentes dos africanos, que há muitos e muitos anos foram trazidos para o Brasil.

E existem também outras comemorações ainda maiores. Na escola, você aprendeu que no dia 7 de setembro se festeja a Independência do Brasil e no dia 15 de novembro a Proclamação da República. Da mesma forma se comemora no dia 21 de abril a morte de Tiradentes, que lutou pela Independência, no dia 13 de maio a assinatura pela Princesa Isabel, em 1888, da Lei Áurea, que aboliu a es-

cravidão no Brasil, e no dia 20 de novembro a morte de Zumbi dos Palmares e o Dia Nacional da Consciência Negra. Estas são datas de festas celebradas por todos nós, porque somos todos brasileiros. Elas são festas cívicas. Comemoramos estas datas porque pertencemos à comunidade da Nação brasileira.



Parada escolar de 7 de setembro E. M. Jardim Gláucia Belford-Roxo/RJ Coleção particular

Foto: José Rossari



Pedro Américo *Independência ou morte* Óleo s/ tela Museu Paulista - USP

Andréia de Valentim



Festa do Divino - São Luis do Paraitinga/SP

1^a

Você já participou das festas da sua família e foi a outras festas fora da sua casa.
Desenhe o que mais chamou a sua atenção nessas festas e do que mais gostou.

Festa na sua família

Outra festa

Você tem nesta página três listas com diferentes tipos de festas. Escreva logo abaixo dessas listas que tipo de festas elas são.

Casamento

Aniversário

Batizado

Império de Nossa Senhora d'Abadia

Festa de São João

Império de São Gonçalo do Amarante

Proclamação da Independência

Morte de Tiradentes

Dia Nacional da Consciência Negra

Agora escolha uma dessas festas e faça um desenho.

Você já participou de muitas festas. Escolha uma delas. Lembre-se dos preparativos da festa, das pessoas que participaram desses preparativos e de coisas interessantes que aconteceram. Conte como foi essa festa. Dê um título ao que você escreveu. E, se quiser, faça um desenho para ilustrar o que você escreveu.

Leia com atenção o texto que está no início desta atividade. Agora você vai comparar as festas que acontecem em família com as festas

Semelhanças

onde toda a comunidade participa. Pense nas semelhanças e diferenças que existem entre elas. Depois complete o quadro abaixo.

Diferenças

Agora você vai trabalhar em dupla com um colega. Escolha uma das festas cívicas no texto que vocês acabaram de reler.

Conversem sobre esta festa. Depois, cada um irá escrever sobre ela no seu Caderno de Atividades.



Agora você já sabe que existem muitos jeitos de você se localizar no mundo. Você faz parte de uma família, de uma comunidade e da nação brasileira. Isso acontece com todos os povos por toda a Terra. Vamos voltar ao Planisfério que está na página 12 deste Caderno. Ele representa o mundo, com seus continentes e países, onde hoje vivem cerca de 6 bilhões de habitantes. Somos uma população muito grande e é por isso que é preciso organizar a vida das pessoas nesse nosso mundo. Você vai ler o texto a seguir, que trata da organização da sociedade e do governo no Brasil. Em seguida faça a atividade de sua série.

Independente de onde nascemos ou moramos, se somos ricos ou pobres, precisamos de um lugar para morar, de alimentos para comer, de roupas para vestir, de água para beber, de remédios para curar. Por isso, ao longo da história da humanidade, os homens foram encontrando diferentes formas de organizar a vida das pessoas nas diferentes partes do mundo. Foi preciso organizar o que elas produziam para viver e a distribuição do que era produzido - alimento, vestimentas, utensílios etc. E foi preciso organizar também as tarefas que deviam ser realizadas - quem plantava, quem caçava, quem cozinhava, quem curava, quem rezava, quem ensinava os mais novos. Foi assim

que se organizou a sociedade formada por essas pessoas. E o poder que organiza uma sociedade é o seu governo.

As formas de organizar a sociedade e seu governo sempre foram muito parecidas, mesmo em lugares muito distantes na Terra. Hoje, nos diversos países do mundo, existem diferentes sociedades e nações. Algumas são governadas por um Presidente, outras por um Rei e outras ainda por um Imperador. Mas ninguém governa sozinho uma nação. No caso do Brasil, que é um país com 170 milhões de habitantes, são necessárias muitas pessoas distribuídas por todo nosso território para organizar a vida da sociedade e a nação, garantindo os direitos das pessoas. Vamos entender a organização política do Brasil e o modo como está dividido o seu governo.

Nos mapas das páginas 24 e 25, temos o Brasil com seus Estados e o Estado de Goiás com seus Municípios. Neles, podemos localizar a sede dos Municípios de Teresina de Goiás, Cavalcante e Monte Alegre. Nesses três Municípios estão as terras ocupadas há muitos e muitos anos pelo povo Kalunga. Por que existe essa divisão e o que ela significa? Observe o Planisfério e compare o tamanho do Brasil com o de



Estado de Goiás



Município de Cavalcante



Município de Teresina de Goiás



Município de Monte Alegre de Goiás



outros países do mundo. O Brasil é um país muito grande. Por isso ele foi dividido em Estados, onde estão os Municípios. Atualmente são vinte e sete os Estados brasileiros e neles existem milhares de Municípios. Os Estados brasileiros estão reunidos em uma federação. O Governo Federal é responsável pelo governo de todo o Brasil, organizado como uma República Federativa.

O Governo Federal é exercido pelo Presidente da República, que executa as leis do país, e pelos Deputados federais e Senadores, que fazem as leis de todo o país. O Governo Estadual é exercido pelo Governador do Estado, que executa as leis estaduais, e pelos Deputados estaduais, que fazem as leis para o seu Estado. O Governo Municipal é exercido pelo Prefeito, que executa as leis municipais, e os Vereadores, que fazem as leis do Município. Todos eles são representantes do povo brasileiro, porque são escolhidos nas eleições através do voto de cada cidadão.



A sua casa também tem um governo, porque cada um na sua família faz uma coisa diferente para manter a casa. O seu pai, a sua mãe, os seus irmãos, você, os seus avós, cada um tem uma tarefa que é sua

obrigação e tem também direito de fazer coisas que outras pessoas não podem fazer. Escreva ou desenhe o que cada um faz na sua casa.

PAI

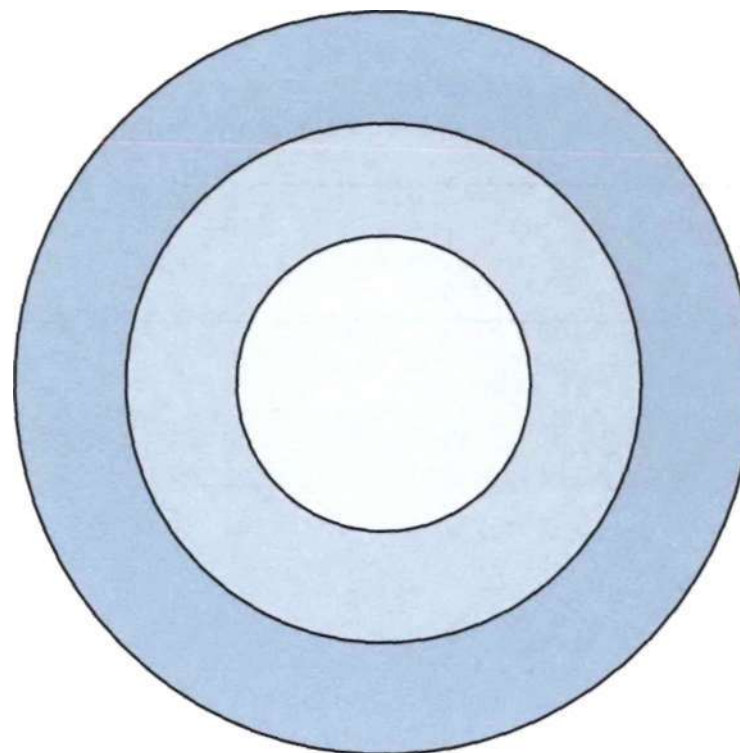
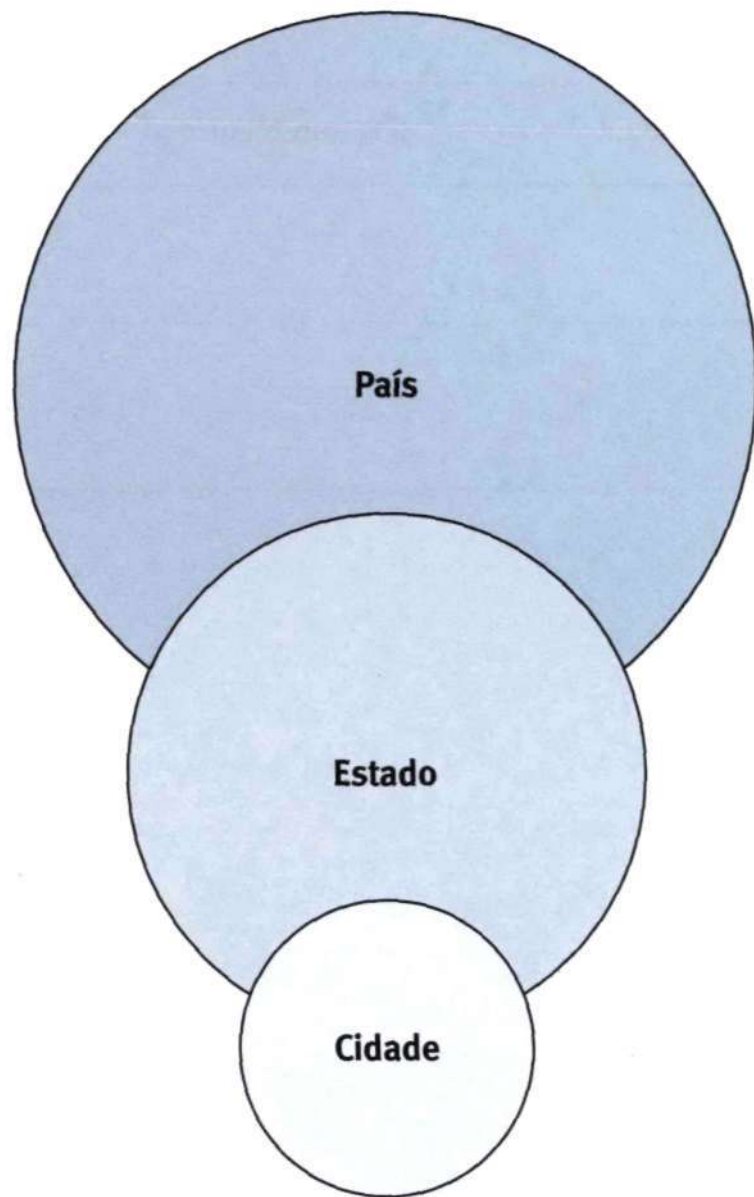
MÃE

IRMÃOS

VOCÊ

AVÓS

Observe de novo os círculos, que estão agora um dentro do outro. Você vai escrever dentro do círculo correto o cargo dos responsáveis pela execução das leis no governo do Município, do Estado e do País.



Ligue uma coluna às outras corretamente:

País	Goiás	Prefeito
Estado	Brasil	Governador
Município	Teresina	Presidente

De acordo com o que você leu no texto, preencha o quadro abaixo:

	Governo Federal	Governo Estadual	Governo Municipal
Quem executa as leis			
Quem faz as leis			

No início desta atividade, você viu que o governo do Brasil é exercido por aqueles que executam as leis e por aqueles que fazem as leis. Eles representam dois dos Poderes do Estado brasileiro. O Poder Executivo é exercido pelo Presidente da República, pelos Governadores dos Estados e pelos Prefeitos dos Municípios. O Poder Legislativo é exercido pelos Deputados federais, Senadores, Deputados estaduais e Vereado-

res. Mas existe ainda um terceiro Poder, que é aquele que controla se as leis criadas e executadas pelos dois outros poderes estão sendo cumpridas. Esse é o Poder Judiciário e ele é exercido pelos magistrados e juizes.

A partir da leitura, preencha o quadro abaixo:

Quem exerce o...	Poder Executivo	Poder Legislativo	Poder Judiciário
no governo do País			
no governo do Estado			
no governo do Município			

Helvio Romero/Agência Estado



Vocês viram que o governo é necessário para organizar a sociedade onde vivem as pessoas. E as pessoas vivem de jeitos diferentes conforme o lugar onde moram. Vocês já observaram isso. Vejam de novo as imagens que estão na página 37 deste Caderno de Atividades. Ali estão diversas casas construídas em países distantes. Algumas dessas casas foram construídas no campo e outras na cidade. Assim, alguns de seus moradores vivem no meio rural e outros no meio urbano. O meio

rural e o meio urbano oferecem às pessoas duas formas diferentes de organizar a sua vida na sociedade. Observe agora as duas fotos que estão nesta atividade, e compare o que elas têm de semelhante e de diferente. Converse com seus colegas e seu professor sobre o que você observou e descobriu. Em seguida, leia o texto.

A organização da sociedade é necessária porque as pessoas têm diferentes modos de vida, no campo e na cidade. No campo, o trabalho das pessoas é, principalmente, o de cuidar das plantações ou da criação de gado e por isso as casas de moradia são distantes umas das

outras. Já na cidade, as pessoas trabalham nas fábricas que produzem produtos industrializados como aqueles que são comprados nos armazéns. E, naturalmente, elas também se dedicam à venda desses produtos, através do comércio feito nas lojas. Nas cidades, as casas são todas muito próximas, às vezes até demais, porque ali muitas pessoas moram juntas, numa área bem menor. No campo, isso não é possível, porque é preciso espaço para as plantações e o gado. Por exemplo, uma cidade como São Paulo, que é mais ou menos do tamanho do Sítio Histórico Kalunga, tem 10 milhões de habitantes, enquanto o total da população Kalunga não chega a 5 mil pessoas!

Vocês imaginam as diferenças entre o jeito como as pessoas vivem



num lugar e no outro? Pensem so. No Kalunga, as pessoas podem usar a água dos rios para pescar, para lavar a louça, para se banhar ou lavar a roupa, porque os rios estão perto de onde elas moram. Mas uma população do tamanho da que existe em São Paulo não pode morar toda perto de um rio. E, apesar disso, ela precisa usar água da mesma forma que o povo Kalunga. Por isso é preciso pegar as águas de muitos rios para levar para as casas, usando muitos e muitos quilômetros de canos. E, depois, vai ser preciso dispor da água suja que já foi usada, através de um sistema de esgotos. Esta é apenas uma das diferenças que existem entre a cidade e o campo. Por isso, as pessoas enfrentam problemas diferentes no meio rural e no meio urbano.

Mas, apesar das diferenças, a cidade e o campo precisam uma da outra para continuar a existir. De onde vem a comida que as pessoas comem na cidade? Se a gente do campo deixasse de plantar, haveria alimento? E de onde vem a madeira para as fábricas fazerem os móveis que são vendidos na cidade? Mas de onde vêm as roupas e os sapatos que as pessoas do campo usam? De onde vêm o rádio e as pilhas que permitem às pessoas do Kalunga ouvir música mesmo quando não há festa?

Converse com seus colegas e seu professor sobre o que vocês concluíram. Em seguida, faça a atividade de sua série.

Escreva os nomes de todas as coisas que você viu nas duas fotografias desta atividade:

Cidade

Campo

Você fará um trabalho em dupla com outro colega da sua série. Os dois vão conversar, trocar idéias, mas cada um vai escrever a sua atividade no seu próprio Caderno.

A atividade é a seguinte:

Imaginem um menino saindo da sua casa para a escola, tanto na foto da cidade como na foto do campo. Escrevam frases sobre o que cada um poderia encontrar no caminho. Vocês podem dar um nome para cada um desses meninos.

O que encontrou no caminho?

O menino da cidade

O menino do campo

Você irá escrever uma história de aventura.

Imagine um menino ou uma menina que mora na cidade e nunca foi ao campo. E, numa de suas férias, ele ou ela foi conhecer a região da Chapada dos Veadeiros. Acontece que, num dos passeios, o menino ou a menina se perdeu dos adultos. Escreva uma história contando como ele ou ela fez para sobreviver, por quais aventuras teve que passar, quais os medos que teve, que desafios e que perigos enfrentou, com que recursos da natureza pôde contar.

Como foi o final dessa história?

E se fosse o contrário? Como seria a história de uma criança que nunca foi à cidade, sempre viveu no campo, nas matas, e se perdeu na sua primeira visita à cidade? Pense em tudo o que pode acontecer com ela.

Escolha qual das duas histórias você quer escrever. Não esqueça de dar um nome ou título para a sua história.

Releia com atenção o texto desta atividade para completar o quadro abaixo.

CIDADE

DIFERENÇAS

CAMPO

USO DA ÁGUA

HABITANTES

MORADIA

TRABALHO

O QUE PRODUZ

Agora você irá observar com muito cuidado as duas fotos que estão no início desta atividade. Depois disso, você irá trabalhar em dupla com um colega da sua série para trocar idéias. Vocês vão imaginar como vive uma pessoa num lugar como o da primeira ou da segunda foto. Cada um vai escrever no seu próprio Caderno de Atividades o que imaginou.



Nesta atividade, nos vamos estudar um pouco mais sobre a cidade e o campo, para compreender melhor a importância desses dois modos de vida. Observe bem as imagens que estão nestas páginas. Converse com seus colegas e seu professor sobre o que você observou.

Agora você vai ler o texto que está logo abaixo e em seguida irá fazer a atividade que é pedida para a sua série.

Você, que mora no campo, foi até a cidade e comprou uma bonita camiseta de algodão. Parece fácil, não? Basta chegar na loja, pagar e você até pode sair vestido com ela. Mas talvez você nunca tenha pensado no longo caminho de trabalho que foi necessário até que você pudesse vestir essa camiseta. Ela é de algodão. Em algum lugar, no campo, alguém plantou o algodão e precisou cuidar dele, evitar que a chuva ou as pragas estragassem a plantação até chegar a época da colheita. Então, foi preciso colher o algodão e transportá-lo até a cidade. Lá na cidade, outras pessoas precisaram trabalhar nas tecelagens para transformar o algodão em fio e depois então produzir o tecido. Só depois, em outras fábricas, outras pessoas trabalharam para cortar e costurar a camiseta que você comprou na loja. É que a cidade consome e transforma o que é produzido no campo. Sem o algodão que o agricultor plantou, você não teria sua camiseta. E para comprá-la foi preciso o dinheiro que seu pai ou você ganhou com o seu trabalho no campo. Talvez até plantando o algodão que foi vendido para a fábrica. Então, é fácil perceber porque existe uma complementaridade entre o modo de vida do campo e o da cidade.

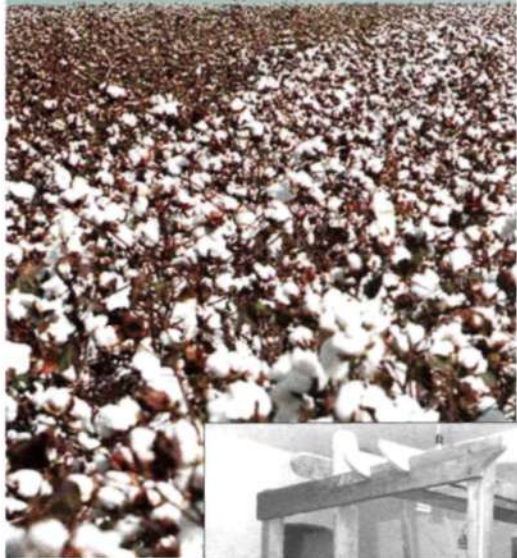
J. B. Debret *Viagem pitoresca ao Brasil* 1834
Plantas nativas: algodão Litografia colorida à mão
Coleção particular



William da Silva Costa



Tear e novelos de algodão - Tinguizal



Lalo de Almeida/Folha Imagem



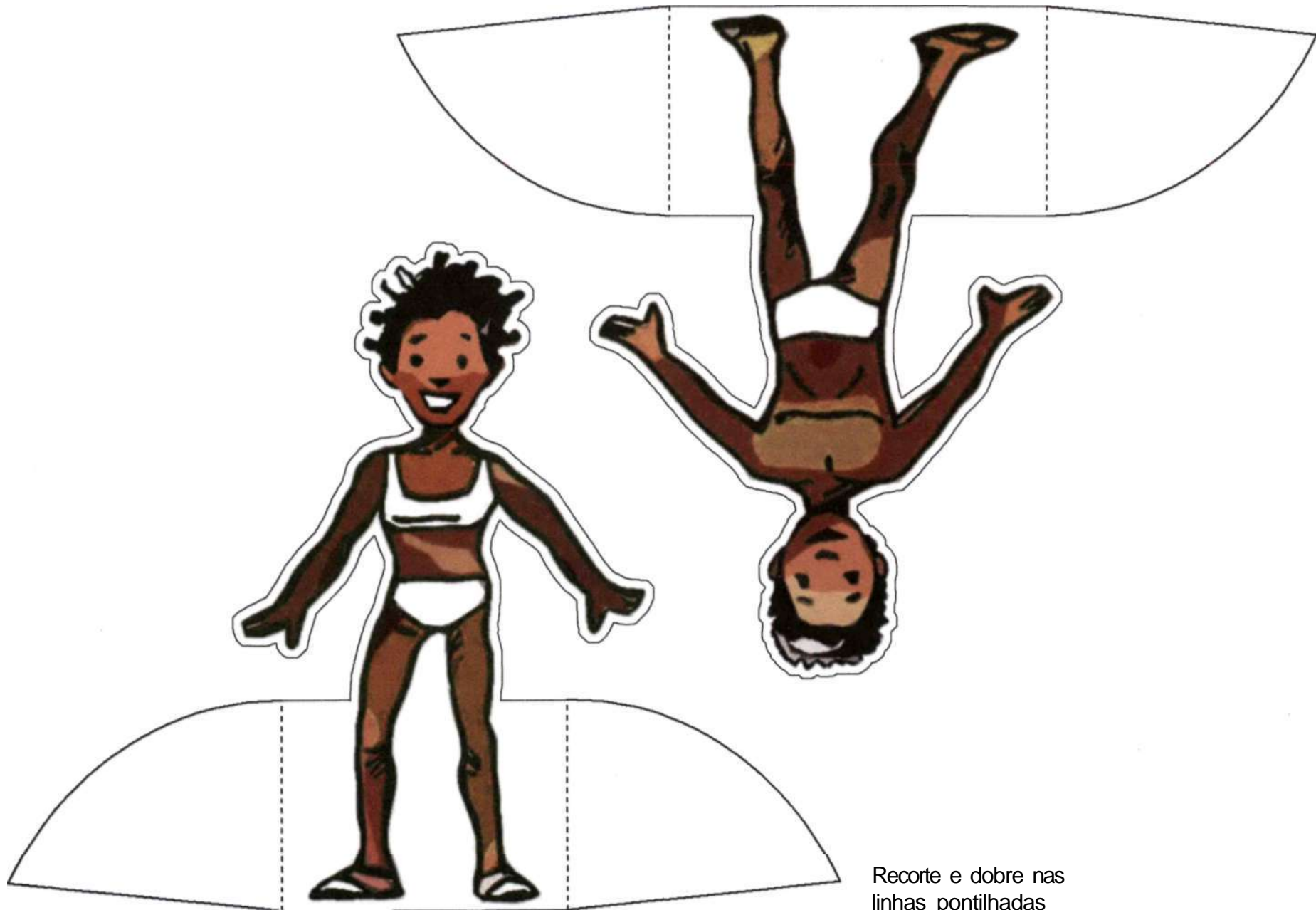
Agência Estado



O campo e a cidade se encontram 12

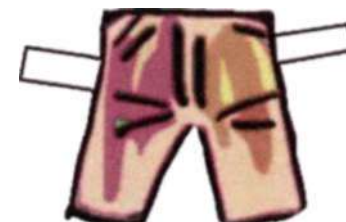
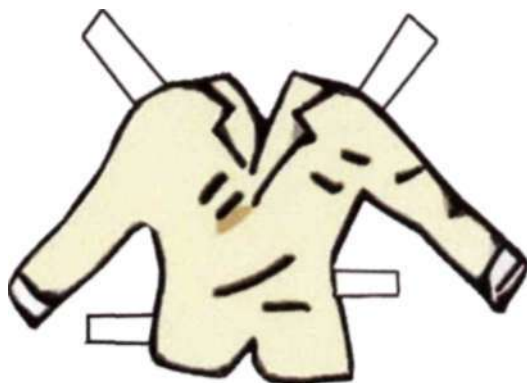
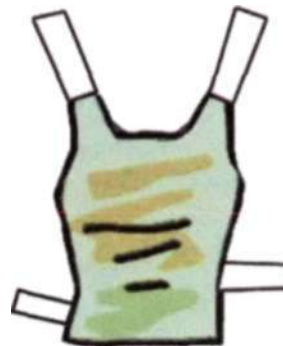
Vamos imaginar que você comprou numa loja da cidade várias peças de roupas. Você escolheu blusa, camiseta, saia, vestido, calça comprida, bermuda. Todas as roupas são feitas de tecido de algodão. Elas

são bastante coloridas e bonitas. Você agora vai experimentá-las nos bonecos que estão na página ao lado. Recorte os bonecos e as roupas com a ajuda do seu professor e brinque de ir trocando de roupa.



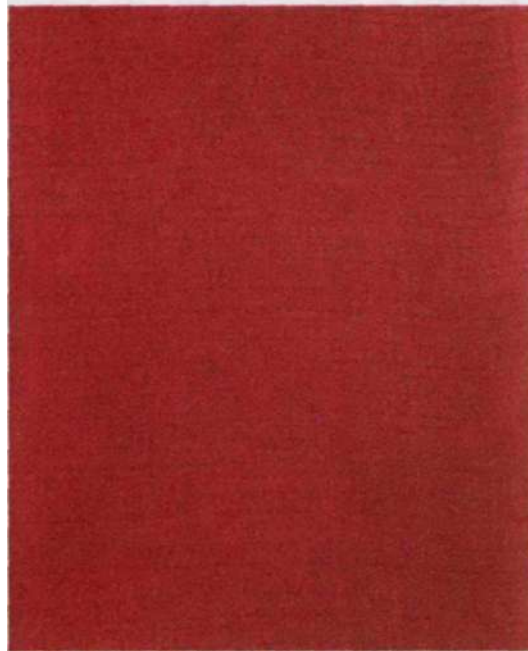
Recorte e dobre nas
linhas pontilhadas

Recorte e dobre os suportes



Você, que já está na segunda série, também foi à loja na cidade. Só que você foi à loja de tecidos e comprou tecidos feitos de algodão, bem diferentes e bonitos. E, desta vez, você fará as roupas. Desenhe e recorte-as para vestir com novas roupas os seus bonecos.

Nessa folha, você tem desenhos de estampas de tecidos que podem ser usados para fazer as roupas. Invente outros tecidos e desenhe neles a roupa que você quer fazer e recorte. Não esqueça de deixar um pedacinho (igual ao das roupas que você recortou na primeira série) para prender a roupa no boneco.



Você leu, no início desta atividade, que a cidade precisa do campo e o campo precisa da cidade. Converse com um colega sobre outras coisas que existem na cidade e que dependem do campo e coisas que existem no campo e que dependem da cidade. Faça uma lista e escreva no quadro abaixo.

Existe na cidade ↔ Vem do campo

Existe no campo ↔ Vem da cidade

Nesta página, você desenhará as etapas de trabalho que foram necessárias desde que um produto saiu do campo até se transformar em um outro produto que se compra na cidade.

Primeiro você vai desenhar as etapas desde que o algodão foi plantado no campo até ele se transformar na camiseta que você compra na

loja. Assim que acabar esses desenhos, você irá trabalhar junto com um colega. Vocês irão conversar sobre todas as etapas de trabalho necessárias à transformação de um outro produto do campo, que vocês viram ou não, dependendo de onde moram, até ele virar um outro produto que se compra na cidade. Em seguida, cada um de vocês irá desenhar essas etapas e escrever sobre elas nesta página.

Você já viu que a vida no meio rural e no meio urbano dependem uma da outra. E existem vantagens e desvantagens, tanto em morar no campo quanto na cidade. Talvez você até pense que existem vantagens só em viver na cidade, e não no campo. É claro que não é bem assim. Nesta atividade, você vai ver porque parece que a cidade é melhor que o campo, mas também porque não é preciso que a vida no campo seja pior, em comparação com a cidade. Leia o texto abaixo e, em seguida, faça a atividade indicada para a sua série.

Quando alguém pensa nas vantagens de viver no campo e na cidade, parece que a cidade sai ganhando. Na cidade, é possível não só comprar roupa feita nas lojas ou comida no armazém. Ali as pessoas têm mais facilidade de chegar de um lugar para outro porque há mais transporte. Existe mais facilidade até para fazer chegar lá o algodão que é plantado no campo e que vai ser transformado numa camiseta, enquanto até para ir à cidade e comprá-la as pessoas do campo têm mais dificuldade, pela falta do transporte. Isso é importante

também para o caso de uma pessoa ficar doente e precisar chegar a um hospital. E mesmo você poderia chegar mais rápido numa escola do meio rural, se ali existisse transporte. Além disso, na cidade existe energia elétrica, que permite até trocar o dia pela noite, se for preciso, já que as pessoas podem trabalhar ou estudar a qualquer hora, sem de-

pendar da luz do sol. Por essas e outras coisas, se você mora no campo, sabe que a imagem da tranquilidade e sossego da vida rural muitas vezes esconde a dura realidade do dia-a-dia das pessoas, porque lá faz falta muita coisa que existe na cidade.

Por isso muita gente acha que as pessoas do meio rural são *atrasadas*,

porque não têm acesso a muitos dos benefícios da cidade, e que a vida ali é melhor do que no campo. Mas é claro que isso não é bem assim. Veja, por exemplo, como Tymairum, um índio da nação Kayabi, conta o que aprendeu sobre a cidade, comparando com a vida na sua aldeia. Ele chama a sua história *Na cidade tem tudo que é de tudo*.

Na cidade, a vida é difícil e não dá para viver. Na cidade, só se come se tiver o dinheiro. Sem ele não se come. Sem dinheiro, não se compra as coisas para a casa que você está morando. Na cidade tem tudo. Tem muita gente que não tem dinheiro. Aquele que não tem dinheiro só pode dormir debaixo da ponte ou mesmo no chão. Tem muitas coisas que a gente precisa comprar, mas não dá para a gente

comprar nem com todo dinheiro. Tem muitos carros, tem malandros, como as quadrilhas de ladrões. Tem muitas coisas ruins, como o ar poluído que deixa a gente doente. Na cidade, só anda de carro quando tem dinheiro, entra nos mercados só quando tem dinheiro. Quem não tem dinheiro, então nem adianta entrar nos mercados, para não



Desenho: Joelim Fului-8/Geografia Indígena MEC/SP-ISA

Ficar só vendo as coisas. Tem gente sem dinheiro que não está nem comendo, só pedindo esmola para aquele que tem dinheiro. Tem muita gente que não tem emprego para ganhar dinheiro para sustentar a família e não passar fome. Na cidade tem que andar com muito cuidado.

Mas o povo Kalunga também sabe muitas dessas coisas. Você se lembra que o Livro de Leitura conta que Dona Procópio também fala de coisas assim? Quando ela foi até Brasília, ficou assustada com a gente pobre que viu morando debaixo da ponte e disse que a mesma coisa ia acontecer com as pessoas do Kalunga, se elas perdessem suas terras por causa da inundação da barragem no rio Bezerra e tivessem que ir morar na cidade. Então, isso mostra que existem desvantagens também para quem mora na cidade. Mas pode uma coisa ser boa e ser ruim ao mesmo tempo? Pode, e isso acontece tanto na cidade como no campo. Acontece até na vida da gente. O sossego da vida no campo vai junto com a dificuldade que as pessoas enfrentam no dia a dia para ter coisas que são muito simples de conseguir na cidade. E os benefícios da cidade, que são muitos, não estão ao alcance de todos, mas só de alguns, principalmente dos que têm dinheiro.

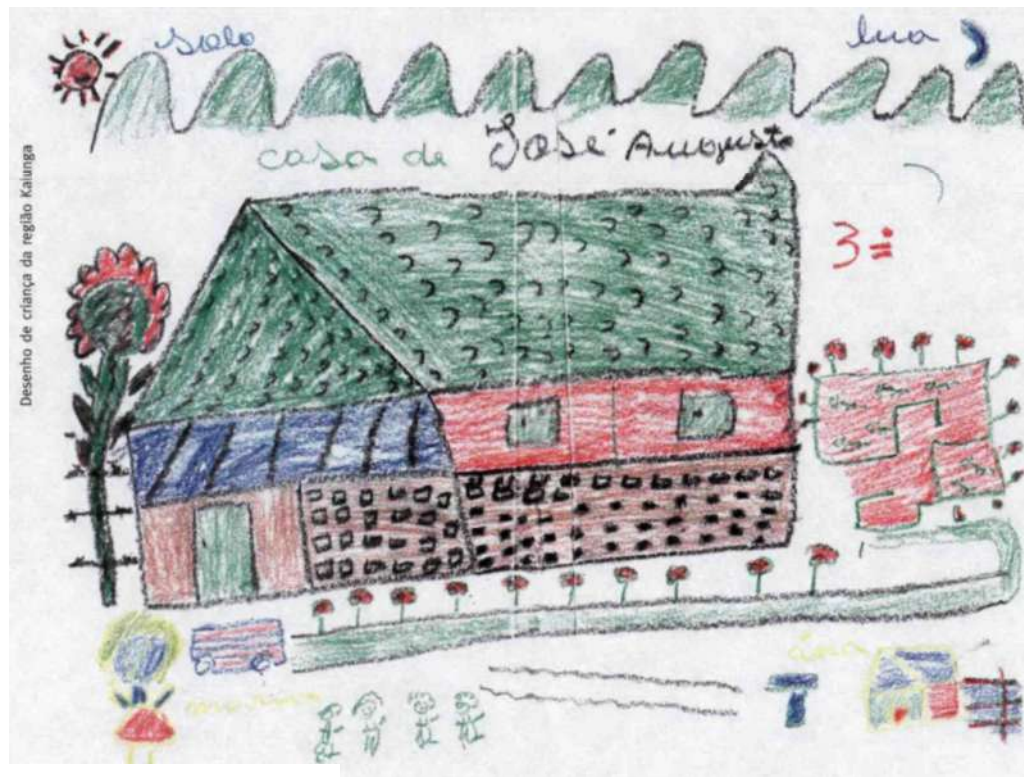
Isto acontece porque o progresso surge a partir da cidade, mas seus benefícios não são distribuídos por todos e nem se consegue prevenir as conseqüências ruins que ele traz. O grande número de pessoas que

vivem juntas nas cidades aumenta os problemas da vida do dia-a-dia: como levar água para todas as casas, como recolher a enorme quantidade de lixo que é produzida, como garantir moradias para todos etc. E esses problemas precisam de solução urgente, porque afetam a vida de muitas pessoas ao mesmo tempo e, se não forem resolvidos, ninguém conseguirá mais viver ali. E, na cidade, tudo tem que ser feito com muita pressa. Até a vida das pessoas é apressada e elas correm

o dia todo de um lado para o outro para poder trabalhar, cuidar da família, comprar a comida no mercado. Por isso, diante dos problemas da vida da cidade, as pessoas precisam encontrar soluções, e depressa.

E por isso que é na cidade que as pessoas são obrigadas a desenvolver o conhecimento e criar novas técnicas e tecnologias para diminuir os problemas que enfrentam. Isso é o que cria o progresso. E isso é bom, tanto para a cidade quanto para o campo. Mas os benefícios do progresso teriam que estar ao alcance de todos, sem excluir ninguém, na cidade ou no campo. E seria preciso controlar as coisas ruins que

são muitas vezes criadas pelo progresso na cidade e, ao mesmo tempo, evitar que elas chegassem até o campo. Isso seria o ideal para que as pessoas pudessem achar a vida muito boa, tanto no meio rural quanto no meio urbano.



No lugar onde você mora, existem muitas coisas que você gosta de fazer e você também pode brincar de muitas coisas com seus amigos. Desenhe uma coisa que você gosta de fazer ou uma brincadeira que você gosta de brincar.

Faça uma lista das coisas que você mais gosta de fazer ou das suas brincadeiras preferidas. Você vai pensar nos lugares onde essas coisas acontecem e quem costuma estar com você.

O que gosta de fazer

Onde isso acontece

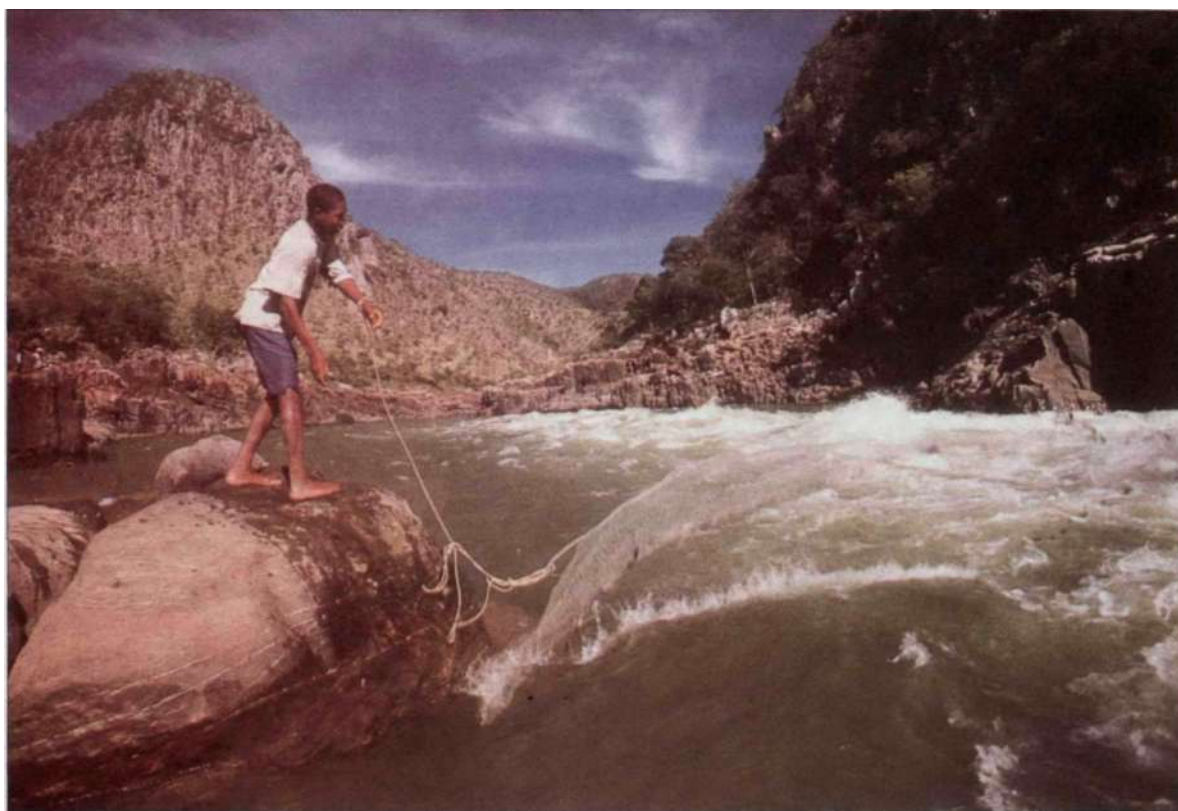
Quem está com você?

Depois de fazer essa lista, você vai escolher uma dessas coisas, que você fez esta semana. Você vai escrever sobre ela. Desenhe também.

Imagine que uma pessoa de um lugar diferente daquele onde você mora foi visitar você e gostou muito das coisas daí. Quem mora na cidade geralmente gosta das coisas do campo e quem mora no meio rural sonha com a cidade. Vocês conversaram muito sobre o que existe num lugar e no outro. É bom que seu amigo tenha gostado do que existe no seu lugar. Mas existem muitas outras coisas lá onde ele mora, que você também gostaria de ter. Escreva para o seu amigo sobre as coisas que faltam no lugar onde você mora e explique para ele por que você acha que seria bom que elas existissem aí.

No texto que está no início desta atividade, você viu o que Tymairum Kayabi pensa sobre a vida na cidade, em comparação com a sua aldeia. Releia o Livro de Leitura nas páginas 78 e 79, onde Dona Procópia também fala de alguns problemas que existem na cidade. É quando se observam os problemas da cidade que se pode ver as coisas boas que existem na vida do campo. Tymairum e Dona Procópia estão pensando nessas coisas boas, quando eles contrastam a vida na cidade com a aldeia Kayabi ou com a vida do povo Kalunga.

Você vai trabalhar em dupla com seu colega. Vocês vão conversar sobre o que dizem Tymairum Kayabi e Dona Procópia, pensando sobre os problemas da vida do campo e da cidade. Pensem nas coisas que vocês fazem no lugar onde moram e que gostariam de continuar podendo fazer. E conversem também sobre o que não podem fazer, por falta de recursos que existem lá fora e que vocês gostariam de ter. Depois, cada um vai escrever sobre isso nesta página do seu Caderno de Atividades.



ritório Kalunga. E o outro é sobre o rio Tietê, que corta a cidade de São Paulo.

O Livro de Leitura conta muitas coisas sobre o rio Paranã. Por exemplo, conta que, nos primeiros tempos do povoamento do território Kalunga, o *Paraná protegia os quilombolas dos senhores brancos e também garantia o seu sustento, permitindo apanhar o peixe que servia de alimento ou plantar nas terras boas perto das suas margens os roçados para manter a família.*

E o livro conta também como, mais tarde, o rio foi utilizado para permitir o comércio entre as pessoas do Kalunga e a gente da cidade, em viagens que eram verdadeiras aventuras:

Por exemplo, para comprar coisas tão simples como sal ou panelas de ferro, eles iam.... até Belém do Pará! E iam como? Eles dizem: de bote, uma embarcaçõzinha! Iam pelos rios que vão se encontrando uns com os outros até saírem em Belém! (...) Dizem que, quando a embarcação saía para ir para Belém, os foliões do Divino vinham especialmente para cantar, invocando o Espírito Santo para proteger os viajantes. As mulheres que tinham parentes que embarcavam, fosse marido, irmão ou filho, chegavam até a desmaiar, na hora da partida. É que a viagem era mesmo custosa, com muitos perigos.

Você já viu que existem diferenças entre a vida no meio rural e no meio urbano. Essas diferenças aparecem também no modo como são usados os recursos que a natureza oferece ao homem, como as águas dos rios. É importante pensar sobre como os rios são usados, porque isso afeta a vida das pessoas que vivem perto deles. O rio Paranã é muito importante para quem vive no território Kalunga. Mas também nas cidades os rios são importantes. Os homens sempre dependeram da água para viver e por isso, desde que começaram a criar as primeiras cidades, procuraram lugares perto de um rio para construir suas moradias, os templos de seus deuses e os palácios de seus governantes.

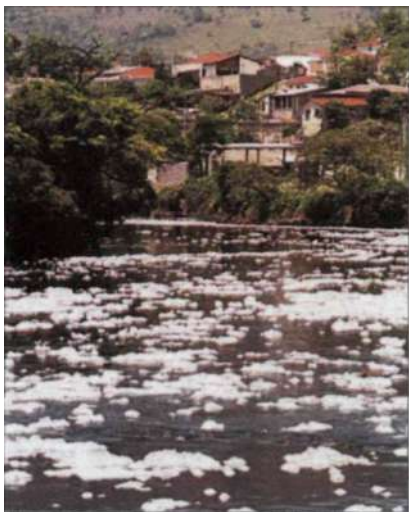
Você vai ler dois pequenos textos que falam sobre a importância de dois rios no Brasil. Um é sobre o rio Paranã, que percorre todo o ter-

Leia agora o que o *Manual do Tietê* fala sobre o rio de São Paulo.

O rio Tietê é um dos mais importantes do Brasil, não pelo seu tamanho, mas por seu significado histórico. Desde antes da colonização, o rio Tietê tinha sua população ribeirinha, que dele se alimentava. Então o rio chamava-se Anhembi e só mais tarde generalizou-se entre a população o nome de Tietê. A partir do século XVI e por todo o século XVII,

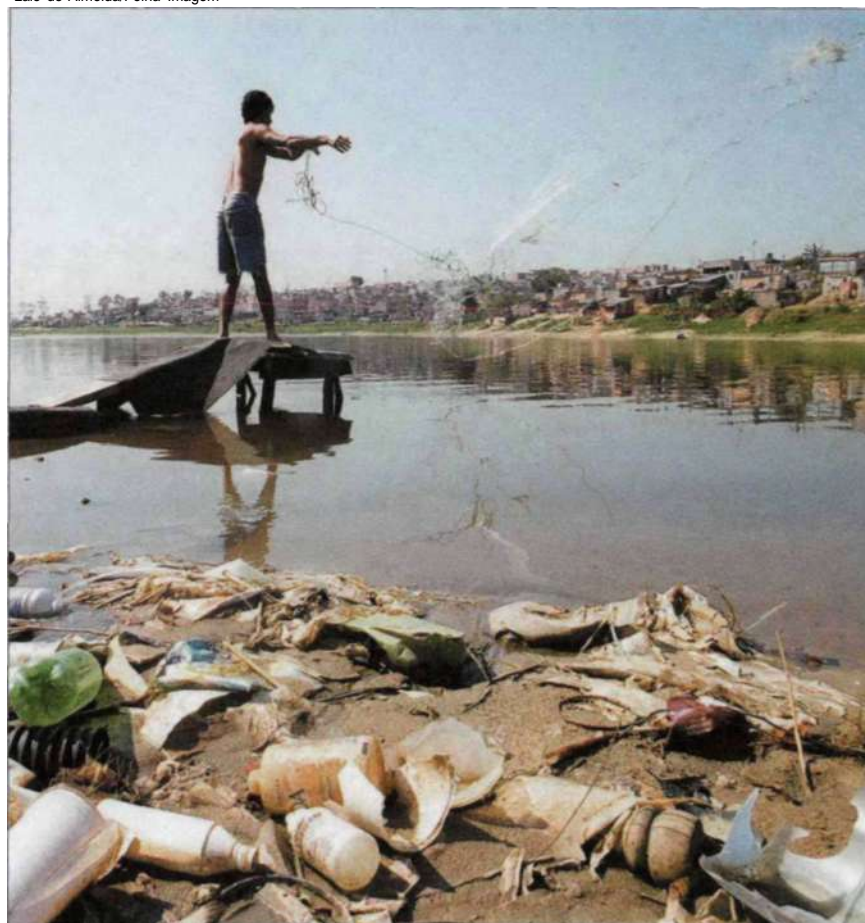
o rio passou a ter nova importância, ligada as conquistas territoriais realizadas pelos bandeirantes. Esse rio "ao contrário" - pois não corre para o litoral, como a maioria dos rios brasileiros - foi durante muito tempo a única via de acesso para o interior. Os bandeirantes usavam grandes canoas escavadas em um único tronco de peroba, que podiam transportar cargas muito pesadas. Eles venciam os obstáculos a pé, carregando as canoas, e voltavam a colocá-las na água quando a navegação se tornava possível. Em fins do século XVII e início do século XVIII, com a descoberta do ouro em Minas Gerais (1693), Cuiabá (1/18) e Goiás (1722), São Paulo tornou-se o ponto de partida das grandes expedições que subiam o Tietê em direção ao território das minas. Até o início do século XIX, as margens do rio, que corria no meio da flora rica e variada da Mata Atlântica, não tinham ainda sido destruídas pela crescente ocupação do solo por pastagens e plantações, e por isso sua fauna era abundante. Além disso, alguns aspectos reais amenos do rio passaram a ser também valorizados. As pessoas iam passear nas suas margens. As chácaras ao seu redor se tornaram pontos de visita obrigatórios. O rio já não era distante da cidade, era um amigo e vizinho, local de pescarias, caçadas e fornecedor de alimentos para a cidade. Em suas águas, os peixes eram abundantes e variados.

Os dois pequenos textos que você leu falam de como eram esses rios antigamente. Converse com seus colegas e seu professor sobre as semelhanças que então existiam entre esses dois rios.



Agora você vai observar três fotos recentes desses rios. A primeira é do rio Paranã. A segunda é do rio Tietê hoje, coberto por uma espuma branca que é formada pelos detritos jogados pelas indústrias em suas águas. A terceira é da represa Billings, que guarda a água que é preciso armazenar para levar para as casas

Lalo de Almeida/Folha Imagem



da cidade. A represa é alimentada pelas águas de um outro rio de São Paulo, o rio Pinheiros, que é um afluente do rio Tietê. Em São Paulo, ele se encontra com o rio Tietê e suas águas são desviadas, para formar a represa que você vê na foto.

Observe com atenção essas três imagens e compare cada uma com o texto que você leu sobre os rios.

A que conclusões você chegou? Converse com seus colegas e seu professor. Depois, faça a atividade da sua série.

Desenhe e pinte o rio Paranã e o rio Tietê antigamente.

Desenhe e pinte o rio Paranã e o rio Tietê como eles são hoje.

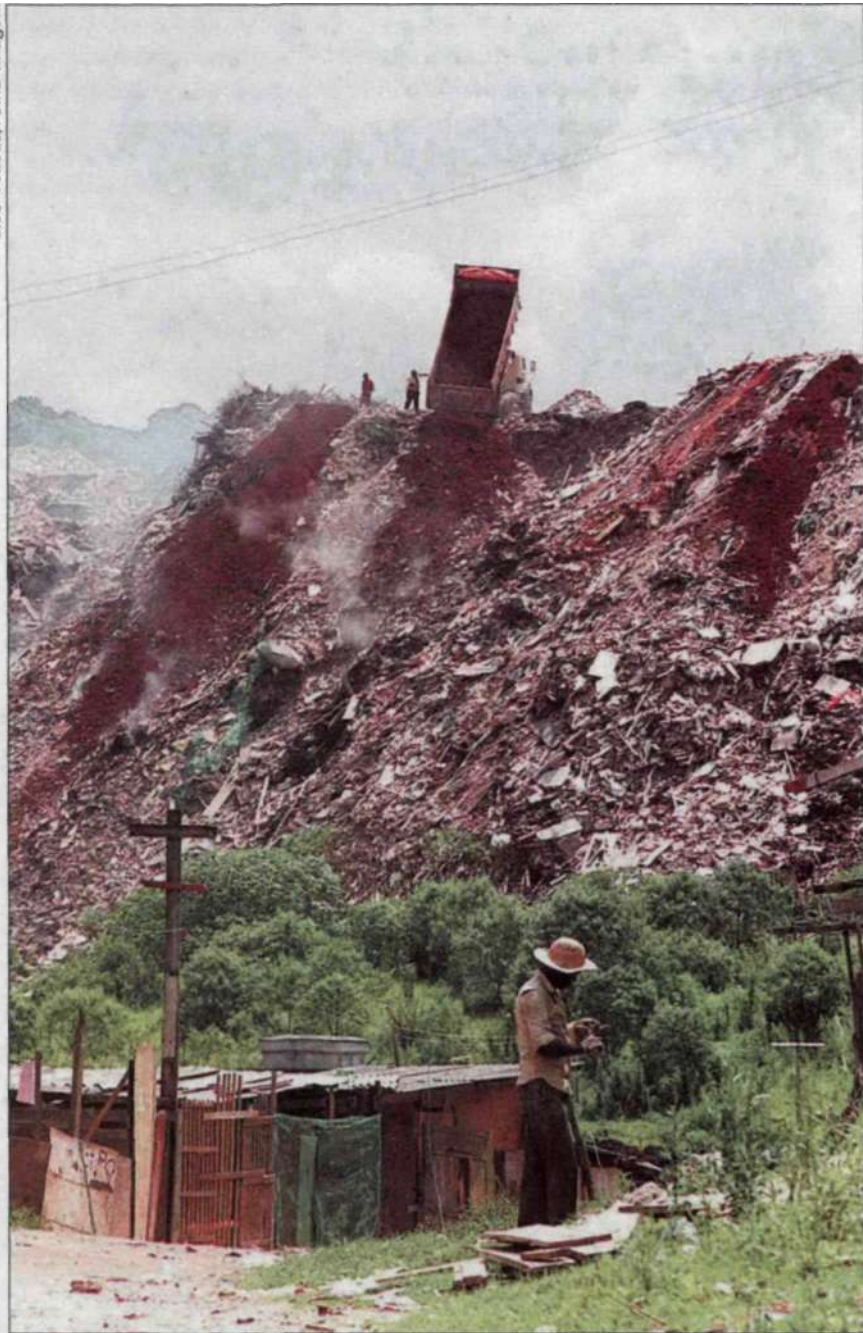
Você vê nas fotos desta atividade como são usados os rios no meio rural e no meio urbano. Observe a foto do rio Paranã, no território Kallunga e a do rio Tietê e da represa Billings, em São Paulo. Depois, complete o quadro abaixo:

	O que existe hoje
No rio Paranã	
No rio Tietê	
Na represa Billings	

Agora escreva um verso para o rio Paranã e outro para o rio Tietê.

Você vai escrever um texto sobre tudo o que observou e entendeu nesta atividade. Para escrever este texto, você vai pensar na importância da água dos rios para a vida das pessoas e como os rios são usados no campo e na cidade. Você acha que um rio pode morrer, como

as pessoas? Como é possível evitar que a vida de um rio seja destruída? Essa atividade será feita em dupla. Depois de conversar com o seu colega, escreva neste Caderno de Atividades o seu texto. Dê um título a ele. E ilustre com um desenho o que você escreveu.



Lixão do Alvarenga, em São Bernardo do Campo-SP.

Vamos aprofundar um pouco mais nesta atividade algumas questões sobre a cidade e o campo. Hoje em dia, as grandes cidades enfrentam sérios problemas que afetam diretamente a qualidade de vida das pessoas que moram lá. Você vai ver alguns desses problemas para compreender como eles podem afetar também a vida da sua comunidade.

Pode parecer incrível, mas com tantos problemas graves que existem, o lixo é também um problema muito sério. Ele aparece mais nas grandes cidades. Mas pode também afetar a comunidade em que você vive. Leia o Livro de Leitura na página 67, que conta como fica o local em que se realiza a festa da Abadia quando as pessoas vão embora. Este texto está falando de um dos problemas graves do nosso mundo hoje em dia, que já está chegando até na região Kalunga. Agora observe a foto ao lado que mostra o lixo e seus efeitos na cidade.



Como é possível que se forme uma montanha tão grande feita só de lixo? Pense em quanta coisa as pessoas jogam fora na cidade: restos de comida, embalagens vazias, garrafas, objetos quebrados e até brinquedos. Afinal, nada dura para sempre, e os materiais de que são feitas as coisas também não. Roupas, calçados, móveis podem até durar muito tempo, mas algum dia ficarão imprestáveis e terão que ser jogados fora. Isso é lixo. E ele está presente não só na cidade, mas na vida de qualquer pessoa.

Existem diferentes tipos de lixo. Mesmo no campo ou numa pequena cidade, ninguém pode viver sem deixar restos. A casca da mandioca

que você descascou, a casca da fruta que você comeu, a comida que sobrou no prato, o papel de embrulho que você jogou fora, o copo que se quebrou, a caneca de metal que se amassou, a roupa rasgada que já não presta mais - tudo isso são restos que você vai deixando para trás. Tudo isso é lixo doméstico. E, nas cidades maiores, existe ainda o lixo produzido pelas indústrias, as embalagens vazias jogadas pelas lojas e os mercados, o lixo produzido nos hospitais.

E lixo não acaba nunca. Isso acontece não só porque as pessoas não podem parar de produzir restos na sua vida diária. O lixo não acaba principalmente porque existem coisas que demoram muito, mas muito tempo mesmo, para se acabar. O lixo que é produzido nas casas, como restos de alimentos, e que é chamado lixo orgânico, não causa problema, porque ele se decompõe naturalmente e pode ser até aproveitado pelas pessoas como adubo.

Mas nem tudo é assim. Por exemplo, coisas feitas de papel demoram mais de dez anos para acabar e outras feitas de metal demoram até 200 anos. Já os objetos de plástico levam até 400 anos e as garrafas e outros objetos de vidro levam 5 000 anos para se decompor!

As coisas que é preciso jogar fora são feitas de materiais muito diferentes e é por isso que é tão difícil acabar com elas quando viram lixo. No campo, as pessoas podem enterrar o lixo orgânico que é produzido nas suas casas, ou mesmo queimar outras coisas. Mas é preciso tomar cuidado até mesmo com o que se queima, porque o plástico, por exemplo, quando é queimado, libera substâncias que estragam o ar que as pessoas respiram e podem até causar doenças graves. Nesse caso, a queima do lixo não está acabando com ele, ela está causando a poluição do meio ambiente em que as pessoas vivem. E outras coisas causam um dano ainda maior. Por exemplo, o mercúrio que é utilizado para separar o ouro nos garimpos causa uma destruição enorme e pode acabar matando um rio

como o lixo industrial fez com os rios da cidade grande, como o Tietê.

É por isso que hoje em dia as pessoas têm consciência de que é preciso cuidar do lixo, para não agravar ainda mais o problema que ele já representa, para a vida na cidade e no campo. Existem até grupos de pessoas que estudam o lixo e outros que separam, organizam e dão tratamento a ele. Os órgãos de governo, que são responsáveis pela coleta e tratamento do lixo e do esgoto nas cidades, investem muito dinheiro para solucionar os problemas causados pelo lixo. É possível evitar o aumento da produção de lixo e é possível também usá-lo de novo ou transformar o lixo em outra coisa. Isso é o que se chama a *política dos três RRR*: reduzir, reutilizar, reciclar. Você reduz o lixo quando, por exemplo, não desperdiça o que você usa, como as folhas do seu caderno. E também é importante separar no lixo aquilo que pode ser absorvido pela natureza, como o lixo orgânico, daquilo que demora muito mais para se decompor, como as embalagens de plástico ou as garrafas. Isso é o que permite que o lixo bom seja reaproveitado, como acontece quando o lixo orgânico é usado como adubo para a plantação. E, por fim, o lixo pode ser tratado pelas indústrias e acaba até se transformando em outra coisa. Existem empresas que produzem muitos produtos com lixo reciclado.

Você sabia que é possível desmanchar o papel de embrulho que você joga fora ou até a folha usada do seu caderno para fazer outro tipo de papel, que pode ser usado de novo? E você sabia que uma garrafa de plástico, depois de tratada, pode se transformar em fio fino como o da linha de algodão para fazer tecidos e roupas? Isto é o que se chama reciclar. Com isso, as pessoas evitam que muitas árvores sejam cortadas para se fazer papel. E também ajudam a evitar que o plástico dos copos ou das garrafas descartáveis, demorando para se decompor, possa prejudicar o meio onde elas vivem.

Etiqueta de xale de tecido feito com garrafas de plástico reciclado



Você vai desenhar o que existe no lixo da sua casa.
Depois, você vai escrever frases sobre o que é feito com esse lixo.

Você vai desenhar o que existe no lixo da sua escola e depois escrever sobre o que é feito com ele.

Pense nas festas de que já participou. Você já viu lixo nessas festas? O que é mais comum encontrar nesse lixo? E o que é feito com ele? Escreva.

Observe com cuidado as fotos que estão nesta atividade. Escreva o que você vê nelas.

Agora, você vai reler o texto desta atividade para responder as questões.

Quais são os diferentes tipos de lixo?

Como é o lixo doméstico?

Pense agora nos diferentes tipos de materiais e no tempo que eles demoram para se decompor na natureza. Organize uma lista desses materiais, começando pelo que demora menos tempo até o que demora mais tempo para se decompor.

Tipo de material

Tempo que demora para se decompor

Você vai escrever um texto sobre o lixo com suas próprias palavras. Mas, para escrever esse texto, você deverá antes se preparar. Comece observando bem as imagens. Depois, você vai seguir vários passos.

1. **Você irá reler todo o texto desta atividade.**
2. **Procure no texto a palavra *lixo* e faça um círculo em volta dela, toda vez que essa palavra aparecer.**

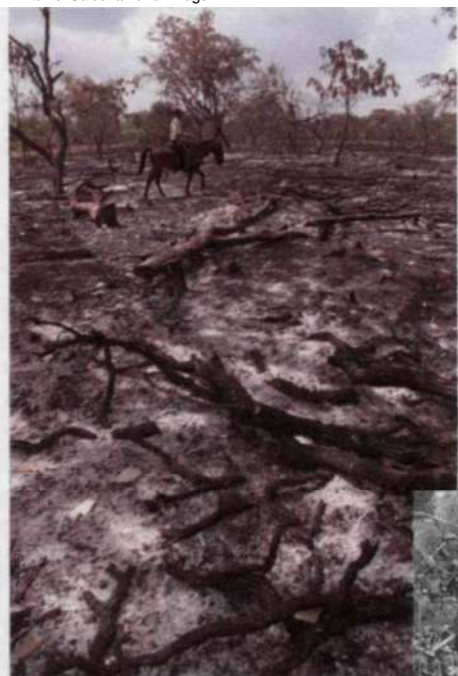
3. Depois disso, você irá reler a frase em que está a palavra *lixo*, a cada vez que ela aparece.

4. Então você vai passar um traço embaixo de todas as informações sobre o lixo que você achou importantes neste texto.

Agora você já pode escrever o seu texto. Não esqueça de dar um título para ele.

Você viu que o lixo é sempre um problema, na cidade ou no campo. Mas você viu também que, dependendo do modo como é tratado, ele também pode trazer soluções para muitos outros problemas. Você já

Antônio Galdério/Folha Imagem



Queimada no cerrado

sabe que, quando usa um papel que já foi utilizado, reciclado, você está impedindo que muitas árvores sejam cortadas para fazer papel. E sabe que o lixo doméstico transformado em fertilizante pode ajudar a plantação. Nesta atividade, você vai ver que existem muitos outros problemas como o do lixo. É porque eles afetam tão profundamente a vida do homem que eles também obrigam o homem a procurar soluções.



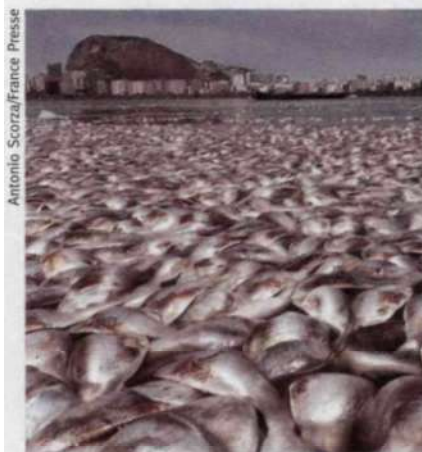
Jorge Araújo/Folha Imagem

Leia o texto a seguir, observe bem as imagens. Depois, faça o que é pedido.

Desmatamento, queimada, mercúrio nas águas dos rios, falta de oxigênio nas lagoas, vazamento de petróleo no mar, a fumaça dos carros estragando o ar que as pessoas respiram. Tudo isso causa muitos problemas para os seres humanos e para todas as outras criaturas do nosso planeta, porque tudo isso destrói o meio ambiente em que eles vivem. Por exemplo, desde o começo da história do Brasil, os indígenas sempre cortaram os paus e queimaram o mato antes de fazer sua roça. Enquanto havia pouca gente, esse método de plantio não causava muito dano ao meio ambiente. Mas depois, quando as grandes fazendas passaram a usar a mesma técnica para plantar, em enormes extensões de terra, produtos como a soja ou para abrir pastagens para o gado, tudo mudou. Sem a mata nas suas barrancas, as margens dos rios começaram a sofrer erosão, o clima começou a mudar e a seca passou a matar as plantações. Sem as árvores, os passarinhos e os outros animais foram embora e, sem eles, as pragas começaram a destruir as lavouras, acabando com todo o trabalho do homem.

A mesma coisa acontece nas regiões de mineração. Grandes montanhas antes cobertas de matas acabam virando um deserto, cavoucadas de alto abaixo pelos garimpeiros que procuram ouro. Serra Pelada é um bom exemplo disso. E o pior é que o mercúrio, usado para lavar o ouro e separá-lo do cascalho, vai escorrendo junto com as águas dos rios até lugares muito distantes das regiões de garimpo. Ali também as árvores são destruídas, desaparecem os pássaros e os animais. Os poucos peixes que sobram vivos são contaminados pelo mercúrio e, quando são pescados, provocam doenças muito graves nas pessoas que comem sua carne.

Por isso muitos problemas que os homens enfrentam hoje em dia são causados por esses processos, que põem em risco toda a vida no nosso planeta. Isto é o que se chama poluição. *Poluir* quer dizer *sujar, estragar*. E é isso exatamente o que fazem esses processos que causam um profundo desequilíbrio na relação do homem com a natureza. Eles são provocados pela ocupação desordenada da terra, pela exploração sem critério dos veios de minério, pelo crescimento desorgani-



Antonio Scorza/France Presse

Serra Pelada Pará

Lagoa Rodrigo de Freitas - RJ



Progressão do desmatamento no Estado de São Paulo. Instituto Florestal SP

zado da indústria que joga substâncias químicas nos rios, que acabam indo parar no mar. E, por fim, eles são causados pelo crescimento incessante das cidades, o aumento do lixo e do esgoto produzido pelos seus moradores, o aumento da fumaça das chaminés de suas fábricas e dos seus carros, que acabam contaminando o ar que as pessoas respiram. Tudo isso põe em risco a vida no nosso planeta e a qualidade de vida dos seres humanos.

Por esta razão, hoje em dia existem por todo o mundo muitos grupos de pessoas, associações ou organizações não governamentais, chamadas ONGs, que se preocupam com os problemas do meio ambiente e com a preservação do nosso planeta. Muitas vezes essas organizações trabalham com os órgãos do governo, fazendo parcerias para desenvolver projetos que são do interesse de todos. Porque, já que o homem destrói a natureza em que vive, ele também precisa se preocupar em recuperá-la. Para isso ele utiliza os conhecimentos produzidos em todo o mundo, para criar novas tecnologias e tentar corrigir os efeitos da devastação do meio ambiente. Ao mesmo tempo, com isso ele procura fazer chegar a todos os homens os benefícios do progresso, produzidos pelo conhecimento e pela tecnologia.

O homem não só polui as águas dos rios. Ele é também capaz de utilizá-las em seu benefício, construindo as usinas que pro-

duzem energia elétrica. É ela que move as máquinas na indústria e é também o que produz a luz que todas as pessoas deveriam poder ter em suas casas, na cidade ou no campo. É com essa tecnologia que o homem também é capaz de construir usinas de tratamento de esgoto e despoluir os rios, as lagoas e o mar. É com ela ainda que ele pode melhorar a qualidade da agricultura e dos pastos, nas terras devastadas pela erosão e pelas grandes queimadas, ou aprimorar a raça de muitas espécies de animais que são úteis ao homem.

É por isso que a educação é tão importante. Porque é graças a ela que as pessoas podem conseguir o conhecimento e a técnica que são necessários para preservar o meio ambiente em que elas vivem. Foi por isso que, em 1992, houve um encontro muito importante entre organizações e representantes de governos de todos os países do mundo, que se reuniram no Rio de Janeiro. Nessa reunião, foi produzido um programa de ação para todos os povos da Terra. Ele foi chamado *Agenda 21*, porque nele se definia o que era necessário fazer para ajudar a preservar a vida no nosso planeta neste século XXI que acaba de começar. E nesse programa está escrito que é preciso "tomar a educação sobre desenvolvimento e meio ambiente acessível a pessoas de todas as idades". Só assim será possível resolver a equação de que depende hoje a preservação da vida no nosso planeta: "Querer + Saber = Agir."



Hidrelétrica de Furnas



Desta vez, você fará uma atividade diferente. Você vai trabalhar com mais dois colegas. Se sua classe for multi-seriada, seu grupo será formado por colegas de três séries diferentes. Você vai fazer um cartaz sobre a preservação da natureza. Mas, para isso, primeiro você vai se preparar para fazer essa atividade.

Observe bem a propaganda da Fundação SOS Mata Atlântica. A Fundação escolheu animais da Mata Atlântica para dizer que a vida da mata está acabando e por isso precisa de ajuda. Que tipo de ajuda é necessária? A Fundação SOS Mata Atlântica, mais outras organizações que trabalham com ela, propõem que cada pessoa se responsabilize pelo plantio de uma nova árvore na Mata Atlântica. Esta é a uma proposta de solução que eles apresentam para os problemas da Mata Atlântica. Mas outros problemas precisam de outras soluções.

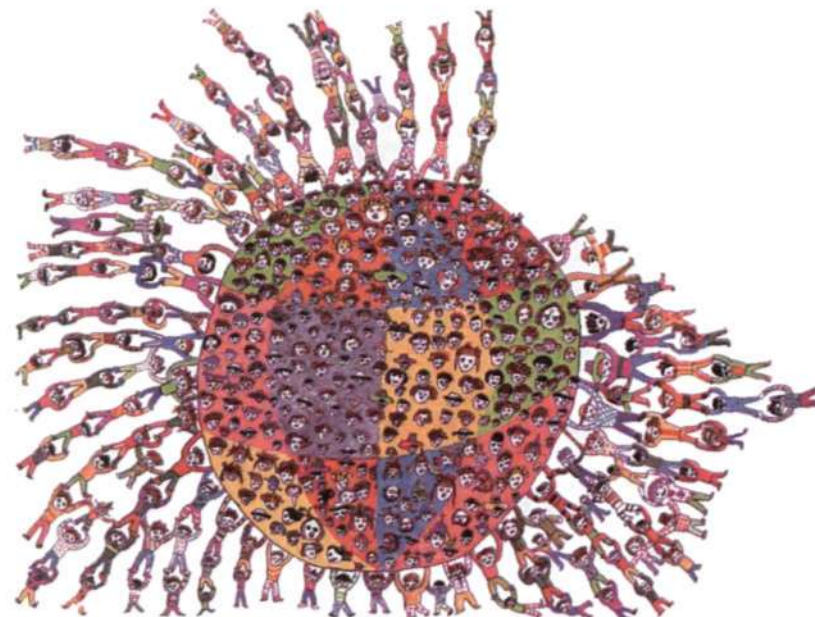
Você viu nas imagens e no texto desta atividade vários problemas causados pela poluição, que mostram a necessidade de proteger e preservar o meio ambiente. Escolha um desses problemas que você conhece, porque já viu acontecer na região onde você mora. Converse com os colegas do seu grupo sobre ele. Vocês vão pensar numa solução para esse problema. Depois, cada um vai desenhar e escrever no seu Caderno de Atividades um cartaz para que essa solução seja adotada.

Mas, atenção! Esta é uma atividade especial e seu desenho também precisa ser especial. Esse desenho vai ser pintado. Você pode usar as tintas existentes na sua escola, como guache, anilina ou qualquer outra. Mas o mais interessante é que você pinte seu desenho com a tinta feita com os próprios materiais que a natureza lhe oferece. Você pode usar as plantas que você conhece, cascas e folhas de árvores ou terras coloridas para fazer sua própria tinta. Se não souber como, peça ajuda ao seu professor.

Nesta página e na seguinte, você vai encontrar vários desenhos e pinturas feitos por crianças e jovens de todo o mundo, que se preocupam com a natureza e resolveram ajudar a sua preservação. Você também pode ajudar. Faça o seu cartaz.



Espanha



Wang Schuchi - 7 anos
China

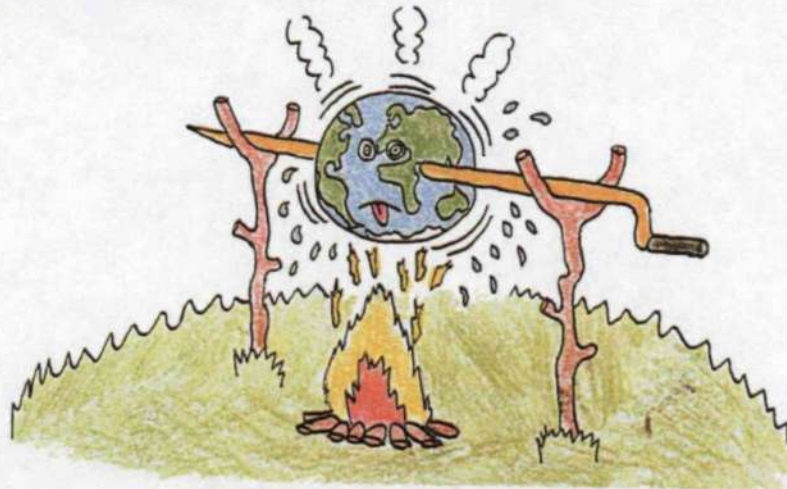


Tamara Rossi - 13 anos
Itália



Ma Myat San Moe - 14 anos
Myanmar

Joanna Michlik/Polônia



Criança da Índia



Missão Terra - O Resgate do Planeta
UNICEF/Istituto Melhoramentos



Eber Lopes Ferreira. *Corantes naturais da flora brasileira*. Ilustrações: Hiroe Sasaki. Curitiba: Optagraf Editora e Gráfica Ltda 1998

Os problemas do meio ambiente são hoje em todo o mundo uma ameaça à vida do nosso planeta. No entanto, em muitos lugares da Terra, existem povos que vivem há milhares de anos e que conseguiram evitar esses problemas. O povo Kalunga é um deles. Por quase duzentos anos de sua história, ele foi capaz de manter uma relação de equilíbrio com o meio em que vive, que pode ser mostrada para o mundo como um exemplo, para ensinar os homens de hoje o que eles esqueceram e estão precisando aprender de novo. Nesta atividade, você vai estudar um pouco mais sobre os recursos naturais que o povo Kalunga sabe utilizar e sobre como eles podem ser melhor aproveitados no futuro.

Não é por acaso que hoje em dia, no mundo todo, as pessoas se preocupam com problemas do meio ambiente como a poluição e com a destruição dos rios, lagos e mananciais, que são a única fonte de água doce de que os homens dispõem para viver. De toda a água existente em nosso planeta, só uma partezinha muito pequena, 2%, é água que o homem pode beber e utilizar para a irrigação e todos os outros usos da água na nossa vida diária. Tudo o mais, 98% da água do mundo, é água salgada, do mar. Este é talvez o mais grave problema que a humanidade inteira enfrenta

hoje em dia. E é também um exemplo dramático da necessidade que os homens têm hoje de não desperdiçar, e aproveitar com sabedoria os recursos que a natureza lhes dá, sem destruí-los.

O Livro de Leitura conta em muitas passagens como o povo Kalunga, desde os tempos do antigo quilombo, foi aprendendo a conhecer e utilizar os recursos da natureza para sobreviver. Conhecendo a natureza, os Kalunga souberam respeitá-la, transformando o que a natureza lhes oferecia para atender as suas necessidades. Leia, por exemplo, as páginas 33 a 36 do Livro de Leitura. Ele conta como o povo Kalunga

encontrou no seu meio ambiente tudo o que precisava para viver. Ali ele encontrou recursos para atender a sua necessidade de habitação, alimentação, vestuário, utensílios domésticos, medicamentos, transporte. Só quando as terras que eles possuíam desde o tempo de seus ancestrais foram tomadas por grileiros esses recursos foram escasseando e muita gente começou a passar necessidade.

Foi então que as pessoas passaram a depender cada vez mais de um emprego na cidade para comprar o que já não podiam ou não queriam mais produzir, pela atração que a cidade exerce, com a imagem de que tudo lá é mais fácil. Mas as coisas não são bem assim.

Extração do óleo de andiroba e de copaíba é monitorada pelo Ibama

20-24 2702

ABN

A iniciativa tem por finalidade regularizar a atividade tradicional na região, compatibilizando a conservação do meio ambiente com o desenvolvimento econômico sustentável, e ao mesmo tempo mostrar a viabilidade do manejo florestal como meio de sobrevivência das populações extrativistas que moram nas matas

Sem casa para morar, sem dinheiro, sem estudo para arrumar um trabalho melhor, a sobrevivência na cidade é dura para quem vem do campo. O que faz muitos jovens do Kalunga querer sair do meio onde sempre viveram seus pais e seus avós é a idéia de que talvez ali nunca encontrem os benefícios do progresso que a cidade tem a oferecer e que facilitam tanto a vida das pessoas.

E os jovens têm razão em querer os benefícios do progresso da cidade. Mas será que para conseguir esses benefícios, é mesmo preciso sair do Kalunga? Será que precisam deixar para trás toda a sua história e a história de seu povo? E vejam que não é fácil abandonar toda uma história que você vê na árvore que seu avô plantou, nos rios em que seus pais se banharam, onde hoje você pesca e onde talvez amanhã seus filhos ainda possam pescar e se banhar. *Talvez* possam, se o rio não tiver sido destruído pela poluição. *Talvez* a árvore que um antepassado plantou ainda esteja lá, se não tiver sido consumida pela queimada. *Talvez* ainda seja possível pescar o peixe no rio, se ele não for afugentado pelos barcos a motor ou contaminado pelo mercúrio de um garimpo ou pelo vazamento do óleo diesel de um barco. Os recursos da natureza estarão lá, ainda à disposição das pessoas, como sempre estiveram, se eles forem protegidos e preservados para as gerações futuras.

Mas é preciso pensar também no presente. Os recursos da natureza que existem no território Kalunga não precisam só ser preservados. Eles precisam também ser melhor aproveitados, para que, com a sua exploração adequada e não predatória, os jovens de hoje possam ganhar o dinheiro de que precisam para gozar dos benefícios da cidade que eles têm razão de querer. E isso é possível.



Muitas notícias recentes, divulgadas pelos jornais e revistas, são importantes para o povo Kalunga. Veja nesta página algumas dessas notícias. Na Amazônia, comunidades inteiras estão extraíndo o óleo da andiroba e da copaiba, remédios tradicionais da região, usando os mesmos métodos que os povos indígenas sempre utilizaram, mas só que agora para fazer a exploração industrial desses produtos. A indústria de cosméticos financia projetos

de pesquisa e produção experimental de matérias primas naturais que ela utiliza em seus produtos. Já foi publicado um guia prático de tingimentos com corantes naturais da flora brasileira.

Projetos como esses também podem ser feitos pela comunidade Kalunga, porque eles só dependem de conhecimentos que as pessoas têm dos recursos da natureza no meio em que vivem. Não é preciso ir embora para a cidade para se beneficiar do progresso que a cidade traz. O que é preciso é trazer para o Kalunga os conhecimentos e a técnica que são criados na cidade, para que esses recursos possam ser explorados.

E a escola pode ajudar. Não uma escola qualquer, mas uma escola voltada para as necessidades do povo Kalunga. Veja nesta página como uma população ribeirinha do Amazonas está resolvendo o problema da educação na sua comunidade, através de uma escola especial, a *Escola Bosque*.

Observe com atenção as imagens que estão nestas páginas. Converse com seus colegas e seu professor. Depois, comece a pensar em quanta coisa importante o futuro pode reservar para o povo Kalunga.

VIDA BRASILEIRA

A escola do verde

As lições ambientalistas do Amapá

O Amapá é o estado mais preservado do Brasil – calcula-se que apenas 2% da cobertura vegetal dos seus quase 150 mil quilômetros quadrados tenham sido alterados. A receita é uma postura ambientalista de sua gente, seguida à risca nos últimos anos pelo governo estadual. Um exemplo é o arquipélago do Bailique, na foz do rio Amazonas (à direita), onde as comunidades desenvolveram um novo conceito



de educação chamado Escola Bosque (à esquerda). As aulas conciliam disciplinas tradicionais com atividades de carpintaria naval, confecção de redes de pesca, danças e artesanato. Assim, perpetuam-se os costumes extrativistas não agressivos e as manifestações culturais mais antigas. "A escola aproveita os recursos da natureza como material didático", resume o sociólogo Mariano Klautau. Outro programa inovador começou em outubro: a população ribeirinha vem recebendo a visita de um barco oficial equipado com computadores. É a internet chegando aos confins da Amazônia.

FOTOS DE MARCELLO LOURENÇO

Você conhece alguns recursos naturais importantes. Quais são as plantas que são usadas na sua casa? Para que elas servem? Faça uma lista. Desenhe uma dessas plantas, se quiser.

Plantas

Para que servem?

Você vai fazer uma lista de alguns dos recursos naturais que o povo Kalunga sabe utilizar. Se você não é Kalunga, releia o Livro de Leitura nas páginas 34 e 35. Se você é Kalunga, conhece esses recursos. Por

exemplo, você sabe onde achar as plantas que servem como remédio e se elas são encontradas como um pé isolado ou em uma moita com muitas plantinhas da mesma família. Então, escreva isso também na sua lista.

Rios

Servem para

Árvores

Servem para

Onde se encontram

Arbustos e plantas rasteiras

Servem para

Onde se encontram

Nesta atividade, você viu que hoje existem grupos de pessoas, associações, cooperativas e até comunidades inteiras nos lugares mais distantes do Brasil, que se organizam por causa dos recursos naturais que possuem na região. Isso é necessário para poder transformar esses recursos em produtos que possam ser comercializados ou criar uma atividade que dê rendimento para as pessoas. Assim, essas organizações garantem a sobrevivência de todos e a manutenção dos recursos naturais, estimulando as pessoas a ficar em seu lugar de origem, ao invés de ir para a cidade procurar um emprego.

É pensando nesses exemplos que, na sua classe, vocês vão fazer um projeto para utilizar um dos recursos da região Kalunga. Alunos da 3^a e da 4^a séries vão trabalhar juntos nesta atividade, se sua classe for multisseriada. Vocês vão trabalhar em grupos de quatro colegas.

Para fazer esse projeto, vocês irão seguir alguns passos.

1. Faça uma lista dos recursos naturais que existem no território Kalunga e poderiam ser melhor aproveitados. Você pode incluir na sua lista também as atividades de produção artesanal tradicional do povo Kalunga, que poderiam ser recuperadas ou melhor aproveitadas, porque elas também são recursos de que eles dispõem.
2. Escolha um desses recursos, pensando que eles podem servir para várias coisas, como alimentar as pessoas, tratar de doenças, fazer brinquedos, instrumentos musicais, buacas, tintas para tingir tecidos etc. Cada um vai escrever no seu caderno esta lista.

Depois disso, vocês já podem fazer o projeto. Um projeto também tem várias etapas. Você vai encontrar algumas perguntas que irão ajudar. Cada uma delas corresponde a uma etapa do projeto. É sobre isso que cada um vai escrever.

1. Que produto ou atividade você quer criar com esse recurso que você escolheu?
2. Por que você acha que seria possível utilizá-lo melhor?
3. O que vocês precisarão fazer?
4. Que pessoas podem ajudar a desenvolver o seu projeto?

Você irá trabalhar com colegas da terceira série. Siga todos os passos que estão orientando esta atividade quando você a fez na terceira série. Escolha um recurso natural diferente do que você escolheu no ano anterior e, em grupo, faça um novo projeto.



Mbanza Congo/Zaire

Não é preciso abandonar o passado para caminhar na direção do futuro. A preocupação mundial com os problemas ambientais e com a possibilidade de esgotamento dos recursos naturais em todo o nosso planeta é o que existe de mais moderno hoje em dia. E é essa preocupação que tem levado as pessoas em todo o mundo a redescobrir e revalorizar a sabedoria dos mais velhos e o modo de vida tradicional de populações que foram quase esquecidas pela história. Essas populações vão desde as nações indígenas do Brasil até muitos povos que ainda hoje existem na África, passando pelos aborígenes da Austrália ou populações tradicionais da Ásia. É que esses povos ainda sabiam o que as pessoas das cidades, nos países mais desenvolvidos do mundo, só agora estão aprendendo: que, sem respeitar a vida que está na natureza, a vida humana se tornará impossível no futuro, em qualquer lugar no planeta Terra. Nesta atividade, você vai ver o que a sabedoria dos mais velhos do povo Kalunga pode ensinar aos mais novos. Quem é Kalunga sabe. Quem não é Kalunga precisa aprender.

São os antigos.

*Morrem de um jeito
vivem de outro.
Vivem na gente
não sendo sangue.*

*Não sendo sangue
molham os ossos.
São os mesmos
que não eram antes.*



Este poema que você acabou de ler está num livro muito bonito de fotografias de Sérgio Guerra, feitas na África hoje, e que se chama *Duas ou três coisas que eu vi em Angola*. O poema é de Edimilson de Almeida Pereira, um poeta de Minas Gerais, que há muitos e muitos anos estuda a cultura dos negros que vieram da África para o Brasil. Por isso ele sabe a importância que tem para eles, assim como para cada um de nós, a herança dos antepassados. Converse sobre esse poema com seus colegas e seu professor. Depois, leia o texto a seguir, em que um antigo morador do Kalunga conta um acontecimento da sua vida.

Aconteceu uma coisa comigo que eu nunca pensei, que eu cheguei chorar de contrariado. Cheguei chorar. Olhei muitas vezes, saí. Saí por aí afora, assim, tão desgostoso que eu fiquei. Mas olhava meus pés de planta. Minha laranjeira, minha limeira, minha bananeira, meu abacate. E os meninos sempre falavam: Pai, a gente sai daqui, como que vai arranjar laranja, pai? Que a laranjeira dando, a meninada, quando está no tempo da laranja, não sai daqui debaixo. Eu ficava escutando tudo isso, dos meninos dizer: Papai, e a laranja? Se a gente mudar daqui, e a laranja?

Repare como Seu José fala com amor sobre a sua terra.

A terra sempre foi essencial para o povo Kalunga.

Por isso é tão difícil para Seu José a idéia de sair do lugar onde sempre viveu. E só quem gosta do seu lugar é capaz de cuidar dele, preservá-lo, para que ele possa permanecer, para ser dado como um presente às gerações que vêm depois.

Como as laranjas de que seus filhos gostavam, que fizeram Seu José desistir de ir embora. Isto é sabedoria. A sabedoria do povo Kalunga.

Ela foi construída em muitos e muitos anos de convívio com a terra, com seus rios, suas plantas, seus bichos. E suas gentes.

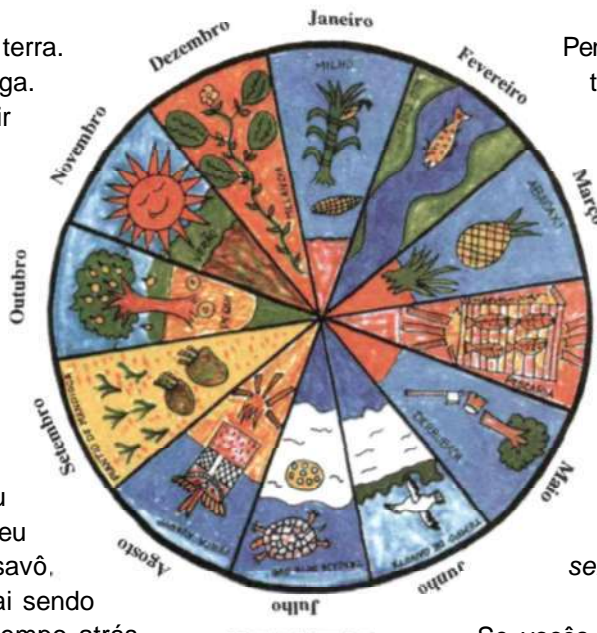
Porque isso foi o que cada um aprendeu com o pai de seu pai, que aprendeu com o seu avô o que antes tinha sido ensinado por seu bisavô.

É de geração em geração que essa sabedoria vai sendo transmitida. Numa história que começou muito tempo atrás,

para chegar hoje até as crianças que vivem no Kalunga.

Para o povo Kalunga, esta sabedoria está no modo de vida que ele herdou de seus antepassados. Ela está registrada em tudo aquilo que os mais velhos contam sobre o tempo antigo. Desde como se viajava pelos rios ou se fazia uma bandurra até como se plantava e ainda se planta a terra e se cuida do gado. Sem falar nas histórias dos seres maravilhosos como os dos contos de *Chiquinha* e *Dom Varão*, o ouro que é encantado ou a pirarara que mora no Funil. Isso é o que as crianças Kalunga também aprendem a fazer e a contar. Por isso é importante escrever essas histórias.

Pense em como a sabedoria dos antigos pode continuar a viver em cada um de nós. Isto não quer dizer que as pessoas tenham que continuar a viver sempre como no tempo antigo. Mas é guardando na lembrança e no coração essa sabedoria que as pessoas vão poder mudar, acompanhando o tempo de hoje, deste nosso século XXI, sem perder alguns valores do passado, que são importantes para cada um compreender sua própria identidade. Entre a gente do Kalunga, esses são os valores que os antigos conservaram do passado e que hoje o mundo moderno está precisando aprender de novo a reconhecer. Como diz a poesia, só assim os antigos vão continuar a viver em nós: *sendo os mesmos que não eram antes...*



Desenho: Thiayu Suyá

Se vocês pensarem bem, vão ver quanto coisa aprenderam com os mais velhos. É por isso que é tão importante deixar um registro daquilo que eles nos ensinaram. Nesta atividade, todos vocês vão registrar o que aprenderam com eles. Vocês podem lembrar histórias do tempo antigo que ouviram os mais velhos contar, versos de música, coisas que eles ensinaram a fazer, como cuidar da criação ou preparar uma receita de comida ou qualquer outra coisa que você recordar. Você vai ver que, a cada vez que fizer esta atividade, da 1-à 4ª série, você irá lembrar de coisas diferentes e assim irá compreender mais ainda a importância dessa herança que nossos antepassados sempre deixam para nós.

Você vai desenhar e escrever sobre uma das coisas que você aprendeu com os mais velhos.

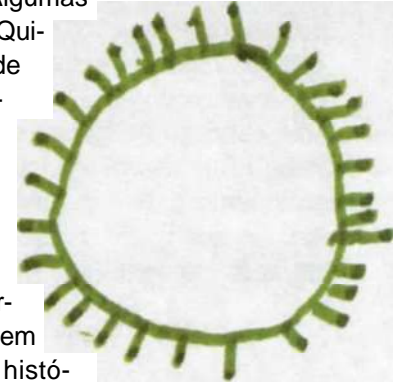
Você vai desenhar e escrever sobre uma coisa que você aprendeu a fazer com os mais velhos e uma história que você ouviu contar.

Você vai escolher uma das coisas do passado que aprendeu com os mais velhos e que gostaria de levar com você para o futuro.
Você vai desenhar e escrever.

Você vai escrever sobre uma das coisas do passado que aprendeu com os mais velhos e que gostaria de levar com você para o futuro. Não esqueça de dizer por que acha importante levar com você esse ensinamento para o futuro. Dê um título ao que você vai escrever e ilustre com um desenho.



Nesta atividade, vamos só contar histórias. Algumas são de crianças do Kalunga, como o Edito, a Quitiane e o Carlos. Outras são pedacinhos de contos de um dos maiores escritores brasileiros, João Guimarães Rosa. Guimarães Rosa nasceu em Minas e andou muito pelos campos gerais e pelo cerrado para ouvir as pessoas contar histórias e poder recontar depois. Guimarães Rosa ouvia com muita atenção o que as pessoas falavam e se esforçava para poder escrever igual. Agora, reparem como as crianças do Kalunga contam suas histórias: igual elas falam... Será que ainda dá para dizer que elas *falam errado*, porque o povo Kalunga *não tem cultura*? O escritor João Guimarães Rosa morreu em 1966, quando tinha acabado de tomar posse como membro da Academia Brasileira de Letras...



Dia de sábado eu estava olhando umas redes lá no Chocalim. Eu vi seis patos nadando no Paranã, tudo de parelha. Mais que coisa bonita é pato nadando em correnteza! Ele faz que vai voar, mais não avoa. Torna a pegar nado.

Edito

As agüinhas brincavam nas árvores e no chão, cada um de um jeito os passarinhos desciam para beber nos lagoeiros. O sanhaço, que oleava suas penas com o biquinho, antes de se debruçar. E o gaturamo, que era de todos o mais menorzim, e que escolhia o espaço de água mais clara: a figurinha dele, reproduzida no argume, como que ele muito namorava. Tudo tão caprichado lindo!

Guimarães Rosa



"Pode falar de lua, nuvem...?" - "Pode." - A lua aumentou mais, Pai do Céu! Ela Fica desse tamanho! Depois, faz que está caindo e vai lá encima, lá no céu. Ela fica lá perto de Deus. Ela estava escondidinha, atrás da serra. Deus estava ensinando ela a nascer. É bonito! Ela aumenta lá e, pra onde a gente caminha, ela vai também, lá no céu ela vai. Ela vai. Ela fica tá. Quis ficar bom, quis ficar ruim. Aquele que fica ruim, fica pro inferno. Aquele que fica bom pra Deus, bom pros amigos, vai lá pra Deus. Deus deixa ficar. É isso.

Quitiane

"Estou vendo essa lua". - "Eu espio a lua, Dito, que fico querendo pensar muitas coisas de uma vez, as coisas todas..." - "É luão. E lá nela tem o cavaleiro esbarrado..." - o Dito assim examinava. Lua era o lugar mais distanciado que havia, claro impossível de tudo.

Guimarães Rosa

Outra história? Teve um dia que um homem botou um fogo aí, que o fogo foi grandão. Queimou a mata verdinha. Tão verdinha. Igual seu olho aqui. Igual seu olho, a mata verde. Igual seu olho, aquele morro. Acabou, contei.

Quitiane

Chegasse em casa, uma estória ao Dito ele contava, mas estória toda nova, dele só, inventada de juízo: a nhá nhambuzinha, que tinha feito uma roça, depois vinha colher em sua roça, a Nhá Nhambuzinha, que era uma vez! Essas assim, uma estória - não podia? Podia, sim!

Guimarães Rosa

Um dia, diz que o Ranolfim foi lá na casa de um tio meu, tio Zé Mineiro. Um dia, foi lá na casa de um tio meu, aí diz que tava deitado na sala, o meu tio. A mulher dele, uma irmã do meu tio e os meninos filhos dele, tava tudo deitado. Diz que, um pouco, pareceu esse homem, entrou dentro da casa dele. Aí tava escuro, tio Zé foi acender a candeia. Quando tio Zé acendeu a candeia, ele virou num gato e passou na greta da porta. Aí, quando chegou do lado de fora, ete tornou a virar outro trem, tipo de pessoa, e falou: "Vocês sabem quem eu sou". Meu tio: "Não". Aí ele foi, falou: "Eu sou o pé só e meu nome é Ranolfim".

Carlos

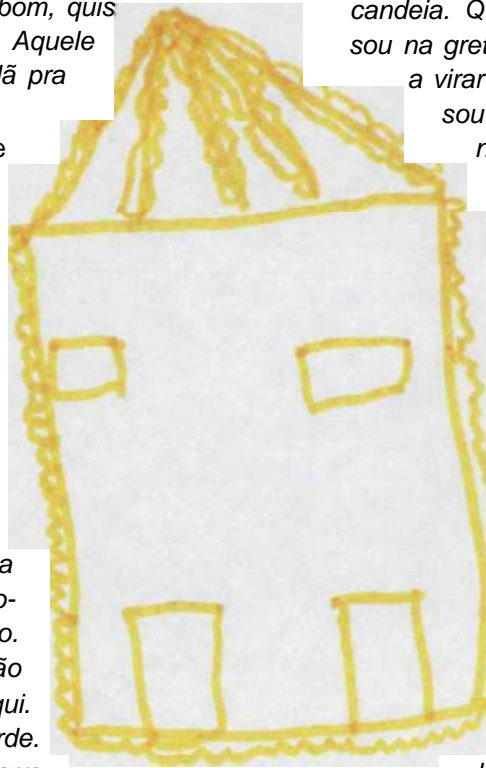
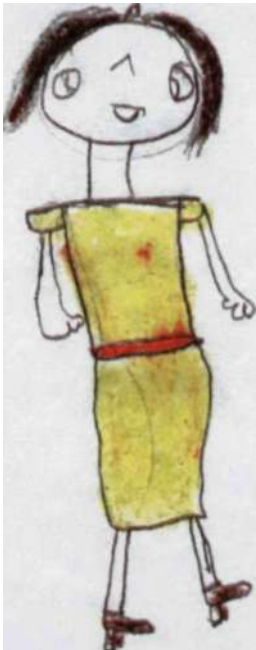
Entre chuva e outra, o arco-da-velha aparecia bonito, bebendor; quem atravessasse debaixo dele - fu! - menino virava menina, menina virava menino: será de depois desvirava?

Guimarães Rosa

O Gigão folgazando com o Tomezinho, os dois rolavam no chão, em riba da palha. Aquele fiar fino dos sanhaços e sabiás entorpecia, gaturamo já tinha ido dormir, vez em quando só um bem-te-vi que era que ainda gritava. Zerró, Julim e Seu-Nome estavam deitados, o tempo todo - conforme podia ser notícia de chuva: se diz que, chuva vesprando, cachorro soneja muito. Mas Caráter, Catita, Leal e Floresto corriam espaço, até muito por longe, querendo pegar as bobagens do vento.

Guimarães Rosa

Você já viu uma cena bonita como as que o Edito e a Quitiane contam? Ou como as que foram imaginadas por Guimarães Rosa? Ou já ouviu uma história como a que o Carlos contou? Se viu uma cena dessas ou ouviu uma história assim, faça um desenho e escreva sobre ela. Se não, imagine uma cena ou uma história como aquelas, escreva o que você imaginou e desenhe também.



Desenhe e escreva.

Desenhe e escreva.

Desenhe e escreva.

Desenhe e escreva.

séc. XVIII 1701 a 1800			séc. XIX 1801 a 1900		séc. XX 1901 a 2000			
1722	1740	1769			1888	1960		
chegada dos bandeirantes	fundação de Cavalcante	fundação de Santo Antônio do Morro do Chapéu (Monte Alegre)	ajuntamentos de quilombolas em Arraias, Monte Alegre e Cavalcante	decadência da mineração	abertura de novas fazendas de gado no vale do rio Paranã	formação das <i>terras de pretos</i>	abolição da escravidão	inauguração de Brasília

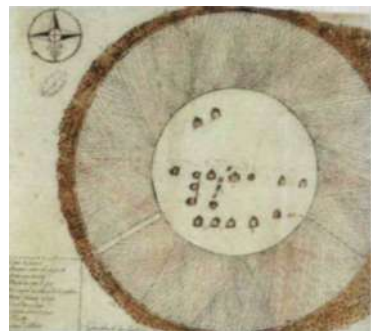
Aqui acaba este livro em que nós fomos aprendendo juntos muitas coisas sobre o mundo em que vivemos, mas principalmente sobre o povo Kalunga, que tem uma longa história. Uma história de lutas, que começou lá no final do século XVIII. Foi então que, fugindo do cativeiro, os africanos trazidos para o Brasil como escravos e seus descendentes formaram um quilombo no vale do Rio Paranã e deram início à formação do povo Kalunga. Essa história atravessou todo o século XIX, quando foi crescendo a população do território, e todo o século XX, com suas lutas duras e difíceis conquistas, para chegar até os dias de hoje. Essa é a história de que as crianças e os jovens Kalunga hoje são herdeiros. Cabe a eles continuar a luta de seus ancestrais no passado e a luta de hoje de seus avós e seus pais, para garantir um futuro de igualdade para todos. E eles podem



Antonio Parreiras Zumbi dos Palmares Museu Antonio Parreiras - Niterói/RJ

ter a certeza de que não estarão sozinhos. Desde 1888, quando foi abolida a escravidão no Brasil, a discriminação e a desigualdade social de que os negros foram vítimas obrigaram que eles se organizassem para se defender e garantir os seus direitos. Graças à sua

luta, desde 1951, a Lei Afonso Arinos proíbe a discriminação por motivo de raça, cor ou religião no Brasil. Em 1988, quando se comemorou o centenário da Abolição, o racismo se tornou um crime inafiançável, de acordo com a nova Constituição brasileira. Já antes disso, em 1979, o dia 20 de novembro, dia da morte de Zumbi, líder do quilombo de Palmares, tinha sido estabelecido como o Dia Nacional da Consciência Negra. E no ano de 1988 foi também criada a Fundação Cultural Palmares, destinada a promover e apoiar todas as iniciativas que têm por objetivo a integração econômica, política e cultural do negro no contexto social do país. E, por fim, a Constituição brasileira, votada naquele mesmo ano, reconheceu pela primeira vez na história do nosso país os direitos das comunidades remanescentes de quilombos.



Quilombo de San Gonçalo sec XVIII Fundação Biblioteca Nacional-RJ

Nos seu Artigo 215, a Constituição estabelece que "o Estado garantirá a todos o pleno exercício e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais", salientando no Parágrafo 1º que "protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional". Em seu Artigo 216, a Constituição também define que "constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individual-

anos 80	1985	1987	1989	1990	1991	1992	2000		
mineração e grilagem das terras ancestrais	titulação das terras da margem direita do rio Paranã	projeto de construção da barragem na barra do rio Bezerra	expulsão violenta da população de Ribeirão dos Bois, Vão do Moleque e Vão de Almas	luta pela recuperação das terras	suspensão da barragem	criação do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga	criação da Associação Povo da Terra Kalunga	titulação das terras restantes do Quilombo Kalunga	criação da Associação Quilombo Kalunga

mente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira" e, por isso, estabelece em seu Parágrafo 5º que "ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos". Finalmente, o Artigo 68 das Disposições Constitucionais Transitórias garante aos descendentes dos escravos africanos no Brasil um direito fundamental: "Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos".

Foi a partir desse período que as comunidades remanescentes de quilombos que existem no Brasil começaram a ficar mais conhecidas. Até hoje, segundo os dados da Fundação Palmares, já foram mapeadas 753 dessas comunidades, mas sabe-se que, em todo o Brasil, o seu número é bem maior e elas precisam ainda ser melhor estudadas. Dessas comunidades, apenas 38 já foram oficialmente reconhecidas e 18 receberam o título de propriedade de suas terras. A comunidade do Quilombo Kalunga é uma delas, que recebeu o título de suas terras no ano de 2.000.

É por isso que as crianças e os jovens do Kalunga não estão sozinhos em sua luta. Junto com eles estão todas as outras comunidades remanescentes de quilombos, todos os negros e todos os índios, brancos, mestiços e descendentes de imigrantes estrangeiros do Brasil que, como o povo do Quilombo Kalunga, hoje lutam por uma sociedade mais digna e mais justa para todos nós.



Quilombos identificados no Brasil

Este encarte é para todos os alunos. É um jogo de quebra-cabeça do Brasil e seus Estados. Recorte na linha pontilhada cada Estado que está na página ao lado e monte o quebra-cabeça. Caso você tenha alguma dúvida, consulte o mapa do Brasil que está nesta página.





Para início de conversa...

Caro professor, gostaríamos de conversar com você sobre uma história - aliás, uma longa história - da qual você é um contador.

Nós, professores, somos, na verdade, contadores de história. Contamos a história da humanidade para nossos alunos. Nisso nós nos parecemos com os "rnais velhos" de uma tribo indígena ou de outras civilizações antigas, que tinham o conhecimento das coisas da natureza e dos seres vivos, das coisas sagradas e dos valores que dão sentido à vida e que passavam esse conhecimento aos rnais jovens, sendo por isso muito respeitados. Só que a história que nós contamos não é a história de um só povo. Temos a missão de contar a história de muitos povos, em tempos diferentes, e que também tiveram modos diferentes de viver.

Esta é a história da humanidade, que nós contamos hoje. É uma tarefa muito grande, pois ninguém conhece esta história inteira e, por isso, nós costumamos dividi-la em "capítulos". Às vezes, os "capítulos" desta história que ensinamos são chamados de Português, História, Geografia. Eles tratam da leitura, da escrita, do povoamento do Brasil, da Independência. Outros tratam dos mapas, dos países e dos Estados. E existem ainda outros "capítulos" que tratam dos números e das contas e são chamados de Matemática, e outros que recebem outros nomes, como Ciências, por exemplo, quando tratamos do ar, dos animais selvagens e dos animais domésticos, das plantas que usamos como alimento, das plantas venenosas e daquelas que curam. Nós, professores, temos essa função maravilhosa, nos tempos de hoje, que é a de contar esta história e ensinar, em poucos anos, conhecimentos importantes que levaram milhares de anos para serem construídos.

Você já parou para pensar em quantos anos a humanidade levou para descobrir, inventar e aprender tudo aquilo que hoje ensinamos nas escolas? Quantos homens não sobreviveram a venenos de plantas até descobrirem que muitas delas podiam curar e se transformar em remédios feitos nos laboratórios? Como foi que aprenderam a domesticar alguns animais, que passaram assim a auxiliá-los na luta diária pela sobrevivência? Quanto tempo o homem andou pelo mundo sem mapas para orientá-lo nas rotas de suas viagens e como surgiram os primeiros mapas? Certamente, o homem observava a natureza, o céu, de noite e de dia, os mares, os ventos, as chuvas. Mas demorou muito tempo para que, observando o que acontecia na natureza, comparando um dia com outro, uma noite com outra, a posição da lua, dos planetas e das estrelas, o ciclo das estações, ele pudesse concluir que essas coisas se repetiam com regularidade e podiam indicar quando plantar e colher e servir para orientar suas rotas de viagem. Foi então que ele se tornou capaz de expressar tudo isso na forma de desenhos e da escrita, inventando esse conjunto de conhecimentos que temos hoje.

Falando assim, até parece que o professor deve saber tudo sobre todas as coisas do mundo. Impossível. Esta história da humanidade tem muitos e muitos capítulos e naturalmente nós não os conhecemos todos. Mas nós, professores, precisamos querer saber sempre rnais sobre esses conhecimentos que são os capítulos desta história e sobre como ensinar tudo isso aos nossos alunos. Porque o homem foi transformando a natureza e seu modo de se relacionar com ela e com os outros homens. E é por causa dessas transformações que nós temos que pensar também que, às vezes, é necessário mudar o nosso jeito de ensinar. Só assim poderemos ir sempre encontrando uma forma cada vez melhor de contar para os alunos essa grande história que não paramos nunca de aprender.

Sem dúvida, nós, que somos professores, já aprendemos muito e precisamos reconhecer o valor daquilo que sabemos, daquilo que fomos aprendendo em nossa vida e ao longo de vários anos de experiência, ensinando nossos alunos. Mas o que faz de nós professores é esse compromisso de ensinar o que aprendemos e é por isso que precisamos aprender sempre e sempre rnais. Precisamos fazer isso para que nossos alunos sejam capazes de se lembrar no futuro desta história que lhes ensinamos, como nós nos lembramos do que aprendemos com outros que nos ensinaram. Como para nós hoje, também para eles, no futuro, esses conhecimentos serão necessários em sua vida.

Sobre os livros

O material didático que você está recebendo é composto por um *Livro de Leitura* e um *Caderno de Atividades*. Ambos estão centrados na história e na vida do povo Kalunga, um povo remanescente de um quilombo que vive no vale do rio Paranã, na região da Chapada dos Veadeiros, no Estado de Goiás. O povo Kalunga foi-se formando desde o século XVIII, a partir da fuga da mão-de-obra escrava das minas da região e, mais tarde, foi incorporando outras famílias de negros, ex-escravos ou libertos, que foram se instalar naquela área, em sítios ou fazendas de criação de gado, com a decadência da mineração. Contar a história desse povo e falar de sua vida hoje e pensar no seu futuro é, portanto, uma coisa que torna esses livros especiais.

O Livro de Leitura, *Uma história do povo Kalunga*, é um livro diferenciado dos outros livros escolares. Ele retrata especificamente uma história e uma realidade locais. É necessário então, caro professor, se fazer algumas perguntas. Por que estaria o MEC publicando um livro sobre uma realidade local, quando a política do Ministério enfatiza essencialmente o trabalho com Parâmetros Curriculares gerais e de alcance nacional, para as muitas escolas brasileiras? O que tem de tão importante essa comunidade Kalunga para justificar a publicação de um livro específico a seu respeito? A resposta está na necessidade de rever a história do nosso país, que hoje percebemos que é preciso contar de novo, levando em conta a diversidade histórico-cultural da nossa nação. Hoje, percebemos que não conhecemos toda a nossa história, mas apenas algumas versões dela, que foram contadas a partir de alguns pontos de vista, deixando outros de lado. Esses outros pontos de vista representam uma possibilidade muito rica de se conhecer e recontar a nossa história. É por isso que os Parâmetros Curriculares Nacionais salientam que é preciso estabelecer um diálogo entre a história do Brasil e a história desses grupos que viveram de um outro modo a história que partilharam com eles, permitindo-nos recontar nossa história comum também de um outro ponto de vista. Esta é uma tarefa importante, porque ela nos obriga a refletir sobre a condição de vida atual desses grupos, que foram não só esquecidos pela história mas também, quase sempre, marginalizados pela nossa sociedade. Isso é o que vocês perceberão ao lerem o Livro de Leitura.

Nesse Livro de Leitura, nós procuramos retratar alguns aspectos da vida do povo Kalunga e mostrar como tudo isso foi sendo construído por uma história que faz parte da história do Brasil e do mundo. Nós queríamos que, conhecendo melhor essa história, as crianças Kalunga aprendessem a valorizar sua identidade, aumentando assim sua auto-estima. Queríamos também que as crianças que não são Kalunga aprendessem a respeitá-las e a admirar a contribuição que o patrimônio cultural do povo Kalunga trouxe para todo o povo brasileiro. Por isso, optamos por escrever um Livro de

Leitura que oferecesse os elementos de compreensão de uma parte quase desconhecida da história deste país.

Esse Livro de Leitura com o qual você vai trabalhar de agora em diante é, portanto, um pequeno capítulo desta história do Brasil e da grande história da humanidade que, nós, professores, contamos na escola. Mas é um capítulo muito importante e que deve ser aprendido com carinho, porque ele irá servir de base para você ensinar aos seus alunos outros capítulos daquela história maior. E, sobretudo, porque os alunos que irão aprender tudo isso são as *crianças do povo Kalunga* e as que vivem nos municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás, onde está situado o território Kalunga. É por isso que esse livro é também uma história que nós contamos e que vocês vão contar aos seus alunos. Uma história do povo Kalunga. Quem é Kalunga sabe. Quem não é Kalunga precisa aprender.

Um Livro de Leitura, como o nome diz, é para ser lido. Pelo professor e pelos alunos. E um Livro de Leitura pode e deve ser lido várias vezes. Pois, a cada vez que lemos os livros, percebemos coisas diferentes das outras leituras que fizemos anteriormente. Nosso Livro de Leitura irá acompanhar os alunos nas quatro séries iniciais do Ensino Fundamental. Ele será, portanto, lido e relido várias vezes. Aliás, ele *deve* ser lido e relido, para ir sendo compreendido e explorado em suas múltiplas possibilidades de leitura.

É para sugerir alguns modos de trabalhar com esse livro, *Uma história do povo Kalunga*, que lhe apresentamos também um *Caderno de Atividades*. Ele foi pensado para ajudar você a trabalhar com seus alunos alguns conteúdos e questões que nos levaram a escrever o Livro de Leitura. Estamos oferecendo a você algumas sugestões para explorar conteúdos curriculares a partir do Livro de Leitura, com base em recortes temáticos que facilitem a compreensão de questões como inclusão, pertencimento, identidade, bem como diversidade étnica e cultural, tradição e modernidade. Estes recortes temáticos são traduzidos nas atividades propostas e têm como premissa o tema transversal da Pluralidade Cultural proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Assim, a proposta pedagógica do Caderno de Atividades contempla a valorização da experiência particular de um povo, com suas tradições e seus saberes, e a confirmação da identidade de suas crianças e jovens, pelo reconhecimento da importância dessas tradições. Elas se projetam em direção ao futuro quando a reflexão permite contemplar sua permanência, em diálogo com as exigências do mundo moderno. As atividades didáticas propostas têm relação com algumas áreas do conhecimento e são apresentadas a partir de uma perspectiva multidisciplinar, integrando conteúdos de Português, História, Geografia, Artes, Ciências, Meio Ambiente e mesmo alguma coisa de Matemática.

Sobre o Livro de Leitura

Uma história do povo Kalunga

O Livro de Leitura foi elaborado a partir de uma pesquisa de corte etnográfico feita por uma equipe de professores e alunos da Universidade de Brasília, que passaram boa parte do ano de 2.000 trabalhando com as crianças e professores das escolas da região Kalunga. O livro apoiou-se também nos estudos pioneiros que existem sobre o povo Kalunga, feitos desde a década de 80 pela antropóloga Mari de Nasaré Baiocchi, professora da Universidade de Goiás, e em alguns outros estudos e teses produzidos desde então. Por outro lado, quando foi realizada a pesquisa da Universidade de Brasília, a equipe de trabalho reuniu um importante conjunto de imagens da vida atual do povo Kalunga. Este material também foi de importância fundamental para a elaboração do Livro de Leitura. Porque, a partir dele, fomos pesquisar outras imagens, até mesmo de obras de arte muito importantes, para compor o elo desta vida atual do povo Kalunga com o seu passado e projetá-la sobre o seu futuro. Por isso, o livro foi também pensado essencialmente a partir desses diferentes conjuntos de imagens.

Ele está dividido em cinco partes diferentes: I. Os africanos e seus descendentes na história do Brasil; II. História Kalunga; III. As festas; IV. Kalunga hoje; V. A educação e o futuro. Estas diferentes partes contemplam o passado, o presente e o futuro do povo Kalunga e por isso elas contam uma história, a história do povo Kalunga.

Esta é a história que está escrita no Livro de Leitura e, sabemos hoje, existem diferentes maneiras de se ler uma história e de se ler um livro. É com o objetivo de garantir a leitura mais completa possível desse livro que alertamos você, prezado professor, que é importante deixar que o aluno se aproxime dele de uma forma global. Deixe que ele folheie livremente o livro, que se encante com as imagens. Deixe que ele faça comentários, no decorrer desse primeiro contato. Fique atento aos comentários dos alunos e divulgue-os para toda a classe, de modo que um aluno possa ir aprendendo com o outro. Faça também os seus comentários. Você, professor, é um leitor importante. Muito importante. Chame a atenção de seus alunos para as imagens, para os diferentes tipos de letras e para as diferentes cores das letras também. O que será que essas diferenças querem dizer ou nos mostrar? Este é um jeito diferente de se ler um livro: observá-lo, descobrir tudo o que nele pode se encontrar, tudo o que ele quer nos dizer, mesmo antes de começar a ler suas palavras.

Aos poucos, vá fazendo junto dos alunos a leitura do texto do livro, a leitura compartilhada. Para isso, é claro que você deverá, antes, ter lido o livro inteiro e feito suas próprias descobertas. Não esqueça que este é

um livro onde as imagens são tão importantes quanto as palavras. Então, antes mesmo de ler o texto escrito, você pode ir fazendo as suas descobertas a partir da observação dessas imagens, a partir de uma leitura do que elas nos mostram, da relação que elas têm umas com as outras e do que podem nos dizer. É importante também ouvir bastante o que os alunos dizem, porque isso mostra o que eles percebem e sentem ao fazer essas leituras, tanto das imagens quanto do texto escrito. Para os alunos da comunidade Kalunga, esta é uma leitura delicada e importante, pois se trata da vida de seus antepassados e da sua vida também. Este livro é fundamentalmente para eles. Com relação às crianças que não são da comunidade, é importante estar atento para o que elas vão aprendendo e reconhecendo acerca dessa história particular que, não sendo delas, no entanto as remete à sua própria história e à história mais ampla do Brasil, de que todos fazemos parte.

O Livro de Leitura pode ser explorado de muitas maneiras, além daquelas que estão propostas no Caderno de Atividades. Apenas deve-se lembrar que seria importante tomar o cuidado de não transformá-lo em um livro de interpretação de textos, com perguntas e respostas acerca do seu conteúdo, ou um livro de localização e cópia das informações que ele contém. Essas atividades não devem ser a tônica de suas propostas de trabalho com o Livro de Leitura, prezado professor! Sem dúvida, é importante que o aluno possa organizar as informações e o conhecimento que estão postos no Livro de Leitura. Mas isto também pode ser feito através de atividades que permitam o prazer da descoberta.

A pesquisa feita nas escolas Kalunga mostrou o quanto os alunos se interessam e se entusiasma, quando as atividades propostas em sala de aula lhes permitem mostrar o que conhecem sobre sua própria comunidade - por exemplo, comparando imagens de festas e ritos religiosos de outras comunidades remanescentes de quilombo com a sua própria experiência na região Kalunga - e o quanto pode ser gratificante para eles expressar suas descobertas de forma lúdica, através de versos, de música, canto e dança, ou através de uma atividade como criar brinquedos de buriti. Por isso, na escola, muitas vezes apenas ouvir uma história, ou ouvir uma história e fazer um desenho sobre o que foi ouvido, pode ser um jeito importante de desenvolver a compreensão dos alunos. Assim, esperamos que você goste de contar *Uma história do povo Kalunga* aos seus alunos e que esta seja uma tarefa gratificante, porque trabalhada com criatividade. Deles e sua, caro professor. Contamos que o Caderno de Atividades possa servir de incentivo à expressão de sua própria criatividade e esperamos que, com outros professores, seja possível trocar experiências, sobre formas interessantes e diferentes que você encontrou para desenvolver esse trabalho.

Sobre o Caderno de Atividades

Nós sabemos das dificuldades que você enfrenta, caro professor, ao trabalhar com classes multisseriadas, como são a maioria delas nas escolas do meio rural de Goiás. Assim, o Caderno de Atividades foi pensado para permitir que você trabalhe com todos os alunos das quatro primeiras séries do Ensino Fundamental. Cada atividade proposta tem um começo que é comum para todas as séries e, em seguida, são pedidas tarefas específicas para cada uma delas. Para cada série, foi escolhida uma cor, que indicará onde os alunos daquela série realizarão a parte específica da atividade: **amarelo é a cor para a 1ª série, azul para a 2ª, laranja para a 3ª e verde para a 4ª.** Você encontrará sugestões de como encaminhar com seus alunos essas atividades. Caso sua classe não seja multisseriada, você trabalhará a orientação geral com a sua classe e a respectiva atividade proposta para a série em que você leciona. Nas quatro séries, os alunos tomarão contato com as mesmas orientações gerais para cada atividade. Mas, sem dúvida, a cada série, sua compreensão acerca do que está sendo apresentado irá se ampliando. O aluno irá percebendo a sua evolução a cada série, o que possibilita maior reconhecimento do desenvolvimento de cada um.

Observações gerais para o trabalho com o Caderno de Atividades

Uma mesma intenção e um mesmo tipo de proposta pedagógica orientou toda a elaboração do Caderno de Atividades. Portanto, elas estão expressas, de diferentes formas, em todas as atividades que integram o Caderno. Para facilitar o uso do Caderno de Atividades, resumimos sucintamente, nestas observações, algumas orientações gerais para o trabalho com o material que o Caderno oferece ao professor.

1. O eixo do trabalho que propomos leva em conta três momentos diferentes do conhecimento: *observação*, *comparação* e *expressão*. As atividades foram elaboradas para proporcionar ao aluno a condição de se apropriar dos objetos do conhecimento segundo esses três momentos: *observar*, *comparar* e *expressar* o que aprendeu através de diferentes formas de registro.

2. Cada atividade tem um nome, um título. O trabalho de leitura começa por ele. É importante pedir aos alunos que leiam o título da atividade, se possível em voz alta, e perguntar-lhes o que eles acham que será a atividade e do que ela vai tratar. Este simples exercício já aproxima o aluno da atividade e, no decorrer da leitura do texto que a introduz, você poderá parar de vez em quando para verificar com os alunos se o que eles imaginavam sobre a atividade a partir do seu título corresponde ou não ao que eles estão aprendendo.

3. É solicitado ao aluno um trabalho de *observação das imagens* que estão em todas as atividades. As imagens muitas vezes falam mais que as palavras. É preciso permitir que, em primeiro lugar, o aluno olhe essas imagens, livremente, sem a interferência do professor, e que comunique o que observou, do que gostou, o que o impressionou, o que mais chamou sua atenção, o que imaginou, o que entendeu etc. Só depois, então, o professor o orientará com algumas perguntas, para ampliar a observação dessas imagens e da relação entre elas e o que está estudado na atividade.

4. A *leitura* do texto que introduz cada atividade pode ser feita de várias formas. Ele pode, primeiro, ser lido silenciosamente pelos alunos que já têm o domínio da leitura, antes de ser lido em voz alta. Mesmo as crianças que ainda não sabem ler podem realizar esse trabalho, observando as imagens que integram a atividade. Ou, então, o texto pode ser lido diretamente em voz alta, pelo professor ou pelos próprios alunos. Durante a leitura, deve-se ir conversando sobre esse texto introdutório, verificando o que os alunos estão compreendendo. Após a leitura geral do texto, o professor pode voltar a algum parágrafo específico, caso julgue necessário aprofundar o entendimento do que está sendo tratado ali.

5. Em muitos casos, é solicitado ao aluno que, durante a realização da atividade, *converse com seus colegas e seu professor, conte o que percebeu ou descobriu*. Esse momento do trabalho é muito importante. Os alunos precisam ser incentivados a observar, descobrir e comunicar suas descobertas, mesmo que aparentemente elas pareçam simples demais ou até estranhas, pois assim eles irão tendo cada vez mais e melhores condições para poder observar e descobrir mais e com maior segurança.

6. O *desenho* é muito solicitado, principalmente nas primeiras e segundas séries. O aluno deve desenhar segundo a sua condição e experiência. Só se desenvolve o desenho desenhando bastante. Por isso, *não existe desenho bonito ou feio*. O que se pode solicitar, quando o desenho envolve a observação de alguma situação ou cena, é que o aluno o faça o mais completo possível, atentando para os detalhes. Isto, é claro, sempre dentro das suas possibilidades.

7. Os alunos deverão utilizar o Caderno de Atividades e o Livro de Leitura nas quatro séries. Portanto, eles voltarão em diversos momentos a cada atividade, que serão, no entanto, desenvolvidas com um grau maior de elaboração a cada série.

Organização do Caderno de Atividades

O Caderno de Atividades está organizado por temas, distribuídos em unidades. Em cada unidade, um conjunto específico de atividades procura desenvolver um tema comum. Procurou-se também distribuir de maneira equilibrada o número de atividades em cada unidade. Nas unidades do início e do final do Caderno, as atividades são em número de quatro e, nas unidades intermediárias, elas são em número maior, seis por unidade. Esta gradação foi pensada em razão de se considerar as atividades da primeira unidade como introdutórias, para levar gradativamente o aluno a refletir sobre questões relacionadas de forma direta com o seu presente hoje, que se concentram nas unidades seguintes, onde se encontra o maior número de atividades. Na parte final, as atividades solicitam do aluno, ainda que às vezes de forma mais lúdica, uma reflexão sobre o que deverá já ter sido compreendido e assimilado nas atividades anteriores. Por isso, tal como na parte inicial do Caderno, aqui também as atividades são em menor número. São quatro as unidades pelas quais as atividades se encontram distribuídas:

1. Olhar o mundo
2. Nós no mundo
3. De perto e de longe
4. O passado encontra o futuro

Orientações gerais para o desenvolvimento das atividades propostas

Unidade 1. Olhar o mundo

Objetivo

Não foi por acaso que optamos por começar o Caderno de Atividades com a localização do aluno no mundo. É preciso conhecer o espaço para ser incluído nele e poder ir incluindo espaços menores nos espaços maiores. E é preciso aprender como se representam esses espaços. Essa unidade tem, portanto, como objetivo trabalhar três temas básicos: *localização, inclusão e representação*.

Em primeiro lugar, achamos importante o aluno aprender a se localizar no mundo e ir incluindo nele os espaços onde ele vive. Daí as atividades com diferentes mapas, numa perspectiva inclusiva. Em segundo lugar, é também importante ir aproximando o aluno da leitura dos mapas, da compreensão do que é um mapa e o que ele representa. Por fim, é importante saber como diferentes espaços, lugares, coisas etc. são representados em um mapa.

Algumas atividades procuram proporcionar ao aluno experiências de leitura de mapas. Daí a necessidade de se entender como se faz um mapa, como se dá a sua construção. Escolhemos, então, alguns elementos importantes desse processo para serem explorados nas atividades, como as noções de planificação, visão aérea, redução e ampliação, coordenadas geográficas, legenda.

Encaminhamento

Nas atividades desta unidade, procuramos oferecer ao aluno a possibilidade de se localizar no mundo, percebendo que os espaços Kalunga, Goiás, o Brasil e o mundo cabem um dentro do outro. Para isso, ele precisa saber que o mapa é mais ou menos uma fotografia do lugar, só que tirada de cima (visão aérea). Nas diferentes atividades, a preocupação foi orientá-las segundo as possibilidades da *observação, comparação e expressão*. A título de exemplo do que entendemos por essas modalidades de construção do conhecimento, que estarão presentes por todo o Caderno de Atividades, vamos apresentar, nesta primeira unidade, as etapas de uma exploração possível dos conteúdos das atividades. O exemplo que escolhemos é o estudo de mapas.

1. Num primeiro momento, os alunos são solicitados a olhar, *observar* e falar sobre o que descobriram. As crianças sempre descobrem coisas. Embora possam muitas vezes nos parecer que estas são "coisas bobas", é preciso lembrar que é por meio delas que vão aprendendo a olhar mais e descobrir mais. Por isso, elas devem ser incentivadas pelo professor para falar sobre suas descobertas e sobre tudo o que lhes chamar a atenção, à medida que vão desenvolvendo esse trabalho de observação.

2. Num segundo momento, os alunos são solicitados a desenhar um "mapa" da sala. É importante aqui que o professor fique atento aos desenhos dos alunos que conseguiram representar de uma forma plana os objetos que estão dentro da sala como, por exemplo, os bancos, a lousa, as mesas etc. É preciso ir chamando a atenção para os desenhos que mostram um objeto que tem três dimensões representado no plano. O professor pode comparar esses objetos que estão dentro da sala com as montanhas e os rios, que existem na natureza e que, como os objetos da sala, têm volume, mas ficam planos nos mapas. Isto é um exercício de *comparação*.

3. No terceiro momento, os alunos vão comparar todos os mapas, inclusive os seus, para descobrir semelhanças e diferenças. Então eles deverão ser capazes de *expressar* o resultado de sua comparação. Eles irão escrever essas diferenças e semelhanças. Os que não sabem escrever poderão desenhar o que está parecido e o que está diferente. Novamente, é importante lembrar que toda observação e comparação do aluno tem valor, pois ele vai criando uma intimidade com os mapas e aos poucos passa a entendê-los melhor.

4. As tarefas específicas para cada série, indicadas na folha que tem a cor correspondente à série, de novo irão permitir ao aluno *incluir* espaços menores em espaços maiores, com desafios adequados a cada série.

5. É claro que, trabalhando com mapas que se referem à região Kalunga, Goiás, o Brasil e o mundo, as crianças estarão ao mesmo tempo localizando o povo Kalunga por meio dessas referências e aprendendo que o território Kalunga pode ser tão importante quanto o mapa do mundo. Isto contribui para reforçar o sentido de sua *inserção* no mundo e de sua própria *identidade*.

Atividade 1

Diferentes tamanhos, diferentes visões

Objetivo

Esta atividade apresenta ao aluno a fotografia como forma de representação da realidade e, com isso, permite mostrar as diferentes possibilidades da representação, inclusive representar uma mesma coisa de diferentes pontos de vista e com tamanhos diferentes.

Encaminhamento

É importante que o aluno possa ir aprendendo a desenhar objetos vistos de pontos de vista diferentes e com tamanhos também diferentes, para compreender o significado da noção de representação.

1ª Série

O aluno deve escolher um objeto bastante simples para ser desenhado. Oriente-o nesse sentido. Ele vai desenhar o objeto observando-o, em primeiro lugar, de frente. Depois, ele vai observar as costas desse objeto e desenhá-lo também. Converse com os alunos sobre as possíveis diferenças que os desenhos desse objeto apresentam e como elas apareceram nesses desenhos. Às vezes as crianças só conseguem mostrar essas diferenças com um detalhe do que observou, e isto já é importante.

2ª Série

Do mesmo modo que na primeira série, a criança deverá agora também variar os tamanhos do desenho de um objeto, visto em diferentes posições. É interessante que a criança escolha um objeto igualmente simples, mas diferente daquele que desenhou na primeira série.

3ª Série

Nesta série, o aluno é solicitado a ampliar a visão que se pode ter de um objeto. Os desenhos não devem corresponder à totalidade do objeto, mas sim ao que se pode enxergar dele, quando o aluno o vê a partir de diferentes posições em que ele próprio se encontra.

4ª Série

Para esta série, está sendo introduzida a experiência de ampliação e redução de uma imagem. É importante chamar a atenção, no final da ativi-

dade, para o que aconteceu com o desenho da flor. Ela não pode ser totalmente reproduzida nos quadriculados maiores. Os alunos devem pensar e falar sobre o que imaginam que foi a causa disso e, ao mesmo tempo, observar o tamanho a que ficou reduzida a flor, nos quadriculados menores. A idéia é que possam perceber que a mesma imagem, nas mãos deles, foi reduzida e uma parte dela foi ampliada.

Atividade 2

Olhar do alto

Objetivo

Esta atividade tem como objetivo apresentar ao aluno como é feita a planificação dos espaços, nos desenhos dos mapas, e ir ampliando a noção de visão aérea, já que é a partir dela que os mapas são feitos.

Encaminhamento

A atividade que se pede para todas as séries é a do desenho da sala de aula, vista de cima. Isto é uma planta da sala de aula. É importante, aqui, que o professor chame a atenção para os desenhos que conseguem representar de uma forma plana os objetos da sala de aula, como lousa, bancos, mesas etc, isto é, os desenhos que mostram um objeto de três dimensões representado no plano. Você pode comparar os objetos da sala de aula com as coisas que se encontram na natureza, como as montanhas e os rios. Assim como os objetos da sala, essas coisas têm volume, mas aparecem planas nos mapas.

As semelhanças e diferenças que surgirem nos desenhos dos alunos devem ser comentadas sem que se enfatize o caráter de "erro" ou "acerto" na sua execução, pois é a partir do que o aluno observa que o colega fez que ele vai também ampliando o seu repertório.

Atividade 3

Reduzir e ampliar

Objetivo

O objetivo desta atividade é fornecer um elemento importante para a leitura de mapas que os alunos podem fazer no futuro. Trata-se de localizar num mapa o que se quer encontrar, com o auxílio das coordenadas geográficas.

Encaminhamento

Utilizamos diversos tipos de mapas, para ir mostrando ao aluno que se pode representar variados tipos de espaços, desde o mundo até as ruas de uma cidade, e que é preciso aprender a procurar o que se quer localizar nos mapas. Esta atividade não tem a intenção de aprofundar o estudo das coordenadas geográficas, mas sim mostrar que elas são uma ferramenta importante para a leitura e localização nos mapas.

Os quadriculados contêm letras e números para permitir que sejam localizados. E é essa leitura que você irá ensinar ao seu aluno. Faça antes, na lousa, um quadriculado com letras e números, como o que está na atividade. Desenhe algo e pergunte a eles em que quadradinhos você colocou cada parte do seu desenho. Eles deverão ir dizendo a letra e o número de cada quadradinho em que está a parte do desenho que você for mostrando. Esta atividade precisa ser explicada para todos os alunos, antes de cada um ir fazer o que foi pedido para a sua série.

1- Série

Você irá pedir ao seu aluno que observe bem o desenho que ele fez na primeira atividade. Em seguida, escolha um quadradinho, citando a letra e o número dele, para o aluno refazer ali o seu desenho anterior.

2ª Série

Oriente os alunos para que consigam escrever corretamente onde está cada parte do desenho da casa, como no exemplo que já está na atividade.

3ª Série

Oriente o aluno para desenhar os objetos com uma certa distância um do outro. Isto irá facilitar o seu trabalho, no momento em que ele for escrever onde ficou localizado cada objeto. Caso você ache interessante, sugira que um aluno descubra onde seu colega realizou sua atividade, pedindo-lhe que localize o objeto que o colega desenhou, a partir das letras e dos números que ele indicou na atividade.

4- Série

Você deverá prestar atenção se o contorno dos continentes que o aluno está desenhando vão ficando muito fora dos quadriculados onde eles estão originalmente, no mapa que foi antes observado. Neste caso, reorientar o desenho do aluno.

Atividade 4

Localizar em diferentes mapas

Objetivo

O objetivo desta atividade é fornecer ao aluno a possibilidade de se localizar no mundo, percebendo que os espaços Kalunga, Goiás, Brasil e o mundo cabem um dentro do outro. Para isso, ele já precisa saber que o mapa é mais ou menos uma fotografia do lugar, só que tirada de cima (visão aérea). Esta atividade é principalmente de localização.

Encaminhamento

Os alunos serão solicitados a observar os mapas, compará-los e expressar suas descobertas. Eles devem ser incentivados a falar sobre o que descobriram, mesmo que possa parecer que são detalhes irrelevantes, porque é por meio deles que se amplia sua capacidade de observação e descoberta. Por isso, se eles não conseguirem falar sobre o que estão descobrindo, você pode orientá-los com perguntas como, por exemplo: "Fulano, você descobriu alguma linha nos mapas? Como elas são?" E você pode insistir para que eles fiquem à vontade para falar sobre tudo o que chamar a atenção do seu olhar. Peça para que eles observem o que os mapas têm de semelhante e de diferente. O trabalho com mapas da região Kalunga, do Estado de Goiás, do Brasil e do mundo permitirá às crianças localizar o povo Kalunga por meio dessas referências. Isto lhes permitirá aprender também que o território Kalunga pode ser tão importante quanto o resto do mundo, o que ajuda a reforçar seu sentimento de inclusão no mundo e o sentido de sua própria identidade.

1ª Série

Você deverá orientar o aluno a observar de novo os mapas do Brasil, do Estado de Goiás e do território Kalunga. O aluno deve pintar em primeiro lugar o território Kalunga e depois o Estado de Goiás, para só depois pintar o restante do Brasil. Em seguida, oriente-os a pintar as legendas.

2ª Série

Esta é uma atividade que deve permitir bastante conversa entre os alunos. É importante que um vá mostrando ao outro os rios que foram descobrindo e pintando, porque assim irão aumentando a quantidade de rios localizados pelo conjunto dos alunos da série.

3ª Série

Os alunos deverão ir encontrando os rios que, a partir do Paranã, os antigos moradores da região Kalunga podem ter utilizado, até chegar a Belém do Pará. Em primeiro lugar, eles devem localizar o rio Paranã e, em seguida, localizar a cidade de Belém do Pará, para depois imaginar o caminho percorrido através dos rios. Então, poderão pintar os rios nesse percurso. Não esqueça de chamar a atenção para o rio Tocantins.

4ª Série

Os alunos deverão construir um mapa de trajeto. Leia com eles cada passo da orientação desta atividade. Saliente que os pontos de referência escolhidos por eles devem ser importantes, para serem de fato referência para outras pessoas. Esta é uma outra forma das pessoas se localizarem, a partir de mapas de caminho ou trajeto.

Unidade 2. Nós no mundo

Esta unidade é composta por cinco atividades que enfatizam a compreensão da noção de diversidade cultural. Para isso, as atividades foram concebidas para lidar com as noções de pertencimento e de origem - não só a origem do grupo maior a que alguém pertence, mas também a origem de cada um, no interior do núcleo da família. Estas noções dialogam entre si o tempo todo. Não se pode tratar da diversidade sem a noção de pertencimento e de origem. Elas precisam estar juntas, para fazer sentido. As atividades vão tocando ora nas origens, ora na diversidade, ora no pertencimento, mas vão estabelecendo essas relações todo o tempo. A importância do tema da diversidade cultural é claramente enfatizada nos Parâmetros Curriculares Nacionais:

"Tratar da diversidade cultural, reconhecendo-a e valorizando-a, e da superação das discriminações, é atuar sobre um dos mecanismos de exclusão - tarefa necessária, ainda que insuficiente, para caminhar na direção de uma sociedade plenamente democrática. É um imperativo do trabalho educativo voltado para a cidadania, uma vez que tanto a desvalorização cultural - tra-

ço bem característico de país colonizado - quanto a discriminação são entraves à plenitude da cidadania para todos; portanto, para a própria nação".

Atividade 5

África: do outro lado do oceano

Objetivo

Existem dois objetivos principais nesta atividade. Um deles é mostrar a África como um continente constituído por muitos países e que possui uma grande diversidade de povos. O outro é localizar alguns dos motivos históricos do tráfico de escravos para o Brasil.

Encaminhamento

Você deverá ir lendo o texto desta atividade junto com os alunos e deverá ir perguntando sobre o entendimento deles. Este é um texto que precisa ser compartilhado com os alunos. Depois da leitura geral do texto, você deverá comentar cada parágrafo que achar necessário.

1ª Série

É preciso ficar atento para que o aluno primeiro pinte a região Kalunga da mesma cor que pintar o continente africano, para só depois pintar o restante do Brasil.

2ª Série

As palavras do caça-palavras estão escritas na ordem horizontal, como no exemplo que está na atividade, e também na ordem vertical. Os alunos podem inventar outros caça-palavras para brincar com os colegas. Uma boa forma de se apropriar da linguagem escrita é brincando com ela.

3ª Série

Esta atividade já está explicada na sua própria apresentação. É preciso apenas chamar a atenção para que os alunos pintem com uma cor clara o contorno das regiões de onde os africanos foram trazidos para o Brasil. Porque, em seguida, eles precisarão ler os nomes dos países que atualmente fazem parte dessa região, para escrever a lista que está pedida na atividade.

4ª Série

Esta é uma atividade que pretende aproximar o aluno do mapa da África, trazendo algumas informações atuais sobre a organização política do continente africano. O aluno vai precisar repetir as cores em vários países - afinal, são cinquenta e três - e isso é para ser feito. Ele só precisa estar atento ao completar a legenda com a cor correspondente a que usou para pintar o país.

Atividade 6

Modos de morar e de viver

Objetivo

Nesta atividade, o texto inicial procura evidenciar a capacidade transformadora de todos os homens e mostrar para os alunos que, independente da origem de cada homem, faz parte da sua condição humana a possibilidade de transformar o mundo. Isto torna todos os homens iguais na sua essência. Esta é a nossa principal preocupação nesta atividade: discutir as diferenças, tendo como base a igualdade. A atividade tem o objetivo de apresentar a diversidade de uma forma concreta para os alunos, fazendo-os observar as diferentes construções e compará-las nas suas semelhanças e diferenças.

Encaminhamento

Enquanto for lendo o texto orientador da atividade, você deverá ir conversando com os alunos a respeito dele. Chame a atenção deles especialmente para o trecho do Livro de Leitura que é mencionado na atividade. É importante salientar, na leitura, a maneira como os antigos moradores da região Kalunga foram transformando o ambiente onde viviam e os ensinamentos que eles deixaram para os seus descendentes, que lhes permitiu continuar vivendo ali. Esta atividade apresenta várias noções que, aos poucos, serão aprofundadas. Os alunos devem ser solicitados a falar sobre as transformações da natureza produzidas pelo homem a partir daquelas que eles conhecem e os beneficiam.

1ª Série

Esta é uma atividade que solicita do aluno a noção de seqüência temporal, demonstrada na compreensão do que vem antes do quê. Você deverá orientar o aluno, ajudando-o no recorte das imagens. Depois de recortados os quadradinhos com as figuras, peça que cada um, antes de colar, coloque na seqüência correta as etapas de construção da casa. Só depois

eles deverão colar as figuras nos espaços indicados na página da série.

2- Série

Oriente os alunos para que sigam cada etapa do que é pedido nessa atividade. Eles devem ler com atenção as informações sobre as diversas casas, para poder completar o quadro. Após o término desta atividade, comente com eles sobre os materiais mais utilizados pelos homens na construção dessas casas.

3ª Série

Nesta atividade, solicite a atenção dos alunos para os detalhes no desenho.

4ª Série

São duas as etapas a serem cumpridas pelos alunos da 4ª série, na realização desta atividade. A primeira consiste na montagem de uma maquete do espaço da festa de Nossa Senhora d'Abadia. Os alunos irão recortar as figuras desenhadas e dobrá-las nos lugares indicados nos desenhos, para colocar cada coisa em pé. Depois de montar o espaço da festa com as figuras nos lugares, o mais próximo possível de como acontece na festa, os alunos irão, numa segunda etapa, desenhar essa maquete, vista de cima. Os desenhos deverão estar planejados, ou achatados. Nesta atividade, os alunos irão aplicar os conhecimentos desenvolvidos na primeira unidade deste Caderno.

Caso você não conheça o espaço da festa, leia o Livro de Leitura, como está solicitado no texto de orientação da atividade, e fique atento às imagens que estão nas páginas indicadas.

Atividade 7

De onde vêm as famílias

Objetivo

O objetivo desta atividade é possibilitar que o aluno conheça as origens da sua família e, em seguida, que ele a compare com as famílias de seus colegas de classe. Isto possibilitará confirmar a diversidade da formação das famílias brasileiras ou, em muitos casos, a especificidade da origem familiar de alguns grupos étnicos que vivem de maneira mais próxima, como acontece com o povo Kalunga.

Encaminhamento

O texto que orienta esta atividade está vinculado à idéia de diversidade, trabalhada na atividade anterior. É fundamental que esta relação esteja presente na localização histórica que este texto oferece. Será importante que um morador mais velho da sua comunidade escolar vá à escola para contar sobre a história de seus antepassados, caso seja possível.

1ª Série

Ajude os alunos a escrever os nomes de seus familiares nos lugares certos e, depois, compare as diversas famílias da classe. Deixe que os alunos conversem sobre as descobertas que fizeram. Esta conversa, aparentemente simples, vai organizando um conhecimento de pertencimento e diversidade familiar muito importante. Nessas simples conversas, os alunos aprendem muito.

2ª Série

Esta é também uma atividade organizadora de dados. Ajude seus alunos nas dúvidas que talvez surjam, quando eles forem elaborar a lista que é pedida na atividade. Estimule-os a procurar nos mapas deste Caderno a origem das pessoas da sua família.

3ª Série

Esta atividade procura estabelecer uma rede de parentesco. Comente com todos os alunos as listas de parentes que eles organizaram e também o grau de parentesco que é mencionado. Veja o que se descobre com isso. Fique atento para as relações que aparecerem e chame a atenção sobre elas.

4ª Série

A atividade desta série amplia as relações já percebidas pelos alunos na série anterior. Ela também possibilita uma conversa com os alunos sobre os deslocamentos das pessoas pelos lugares. Tal como na atividade da 3ª série, também esta atividade requer do professor uma grande atenção para as relações de parentesco que podem aparecer nas listas feitas pelos alunos. Neste caso, porém, a exigência é maior, porque eles irão distribuir essas relações de parentesco no espaço geográfico.

Atividade 8

Os povos do Brasil

Objetivo

Esta atividade tem por objetivo trazer elementos do cotidiano brasileiro que permitam aos alunos identificar a influência dos diversos povos e a herança das diversas culturas na vida do nosso povo. Escolhemos, para isso, a língua que falamos, que contém palavras de diversas origens, e os nossos hábitos alimentares, que também receberam influências de povos distintos. Procuramos enfatizar a herança dos povos africanos e dos povos indígenas.

Encaminhamento

Converse com os alunos sobre o tema desta atividade e pergunte o que eles sabem ou já ouviram falar sobre as influências dos vários povos nos nossos hábitos cotidianos, como no uso de algumas palavras, ou em alguns tipos de comida. Faça a leitura do texto, comentando o entendimento que eles vão tendo de cada parágrafo. É importante que o sentido das palavras mencionadas nas atividades seja compreendido por eles. Incentive os alunos de 3ª ou 4ª série a perceber a importância do uso do dicionário para buscar o significado das palavras que desconhecem.

1ª Série

Oriente a leitura das palavras incluídas na atividade e explique o significado daquelas que talvez os alunos não conheçam. Em seguida, oriente a ligação das palavras com as imagens correspondentes.

2ª Série

Solicite a leitura silenciosa desse conjunto de palavras. Depois, peça que os alunos as leiam mais uma vez, em voz alta, ou então leia você mesmo toda a lista. Solicite que os alunos identifiquem as palavras que utilizam no dia-a-dia e as que não são usadas por eles. Explique o significado das palavras que eles não conhecem. Chame a atenção dos alunos para a musicalidade das palavras e o ritmo com que elas se encadeiam umas às outras, que já é, por si mesmo, uma forma de poesia. Só depois disso peça aos alunos para escrever os versos solicitados na atividade.

3ª Série

Explique o jogo do caça-palavras aos alunos, caso eles não o conheçam. Trabalhe com eles a importância de se compreender o que as palavras

querem dizer e a utilidade do uso do dicionário. Explique as palavras cujo significado eles não sabem. Depois, oriente a procura das palavras listadas, no sentido vertical e horizontal

4ª Série

Solicite a leitura dos textos das receitas. Este é um *texto informativo* e deve ser facilmente entendido. Por isso é que se pede para o aluno que ilustre uma das receitas como se fosse uma história em quadrinhos. O objetivo é que ele desenhe as etapas da receita, demonstrando assim o entendimento do que leu.

Na segunda parte desta atividade, ajude os alunos no cálculo dos ingredientes da receita escolhida por eles como se fosse para ser feita para toda a classe. Este é um problema de matemática e a nossa intenção com ele é que os alunos utilizem as estratégias de cálculo que já possuem, para encontrar os resultados. Assim, cada um poderá chegar à solução da maneira que achar mais fácil. O importante é que, depois de feitos os cálculos, cada dupla de alunos conte como conseguiu chegar aos resultados.

Atividade 9

Festa e comunidade

Objetivo

O objetivo desta atividade é mostrar a festa como *expressão comunitária de pertencimento*, seja no âmbito da comunidade familiar, de uma comunidade local ou nacional.

Encaminhamento

Antes da leitura do texto, converse com os alunos sobre as festas que eles conhecem e de que participam e sobre festas das quais já ouviram falar. Esta conversa sobre as festas é importante, porque deverá ajudá-los a identificar, a partir de sua própria experiência, o sentido de pertencimento que a festa expressa. O texto pode ser lido integralmente e depois comentado, fazendo a ligação com as questões que surgiram anteriormente, na conversa com os alunos.

1ª Série

Chame a atenção do aluno para o que está sendo pedido na atividade. Depois, oriente-o para que faça os dois desenhos solicitados.

2- Série

Oriente a leitura que os alunos deverão fazer de cada uma das três listas de festas incluídas na atividade. É importante que eles entendam a diferença entre os tipos de festa, porque isto é o que se quer salientar. Deixe que os alunos dêem a esses tipos de festa os nomes que mais façam sentido para eles. Solicite também o desenho.

3ª Série

Oriente os alunos para que, ao escrever, tenham o cuidado de incluir no seu texto tudo o que está sendo solicitado. Caso seja mais fácil, eles podem seguir o roteiro das questões propostas na atividade, antes de escrever o texto. Depois, solicite que eles façam o desenho.

4ª Série

Oriente a comparação entre as festas, antes que os alunos completem o quadro. A conversa com um colega sobre uma das festas cívicas é para ajudá-los. Eles devem escrever esse texto o mais livremente possível.

Atividade 10

Organização política

Objetivo

Esta atividade tem como objetivo apresentar aos alunos a maneira como está organizado o governo do nosso país e mostrar a necessidade desta organização para garantir a vida social. Ela apresenta também os diferentes cargos e as funções que desempenham seus ocupantes no governo do país.

Encaminhamento

Após a leitura geral do texto, ele deverá ser discutido parágrafo por parágrafo. Ao ler o parágrafo que se refere aos mapas, peça aos alunos para localizá-los neste Caderno de Atividades e oriente sua observação para as divisões políticas que estão em cada um deles. É importante que os alunos possam ir percebendo as diferentes unidades político-administrativas (países/ estados/ municípios).

1ª Série

Chame a atenção do aluno para que ele desenhe o que está pedido sobre os diferentes membros da sua família.

2- Série

Oriente os alunos para que escrevam nos círculos indicados os cargos do Poder Executivo em cada instância *político-administrativa*. Oriente-os em seguida para ligar as colunas.

3ª Série

Oriente o preenchimento do quadro com os cargos e as funções correspondentes nas diferentes esferas de governo.

4ª Série

Oriente o preenchimento do quadro, relacionando os cargos com as diferentes instâncias do poder de Estado.

Unidade 3. Pe perto e de longe

Esta unidade é composta por seis atividades, que procuram aproximar os alunos de dois mundos diferentes, mas que mantêm um constante intercâmbio: o campo e a cidade. As atividades discutem o modo de vida nesses espaços sociais e as conseqüências que eles trazem para as pessoas. A intenção é relativizar os "ganhos" e as "perdas" acarretados por essas diferentes maneiras de viver, além de mostrar a complementaridade entre eles. As atividades mostram que é necessário que todos os homens possam gozar dos benefícios do progresso. Mas salientam também que é preciso evitar os problemas que o progresso pode trazer, tanto no meio rural quanto no meio urbano.

Atividade 11

A cidade e o campo

Objetivo

O objetivo desta atividade é aproximar os alunos da maneira de viver na cidade e no campo. É importante ir identificando junto com os alunos as diferenças dos dois modos de vida.

Encaminhamento

Oriente inicialmente a observação das imagens da cidade e do campo. Incentive os alunos a dizer o que estão vendo em cada foto. Durante a leitura que introduz a atividade, chame a atenção para o que o texto diz sobre as diferenças da organização da vida social, na cidade e no campo.

1- Série

Oriente a observação das fotografias. Os alunos devem estar atentos a tudo o que vêem nas imagens. Ajude-os a escrever os nomes de todas as coisas que observaram nas fotos.

2- Série

Oriente seus alunos para que observem bem as duas fotos, pensando na atividade que deverão realizar. Depois disso, peça que eles formem duplas de trabalho, para continuar a atividade.

3- Série

Solicite que os alunos releiam a orientação da atividade, antes de escrever a sua história. Depois, eles poderão contar para os colegas como eram os seus personagens e em que "aventuras" eles se envolveram.

4ª Série

Solicite que os alunos observem atentamente as imagens e releiam o texto, individualmente, e que depois completem no seu Caderno de Atividades o quadro solicitado. Só em seguida eles irão fazer o trabalho em duplas.

Atividade 12

O campo e a cidade se encontram

Objetivo

O objetivo desta atividade é mostrar a relação complementar que existe entre o campo e a cidade, mostrando como o campo depende da cidade e como a cidade depende do campo.

Encaminhamento

Solicite aos alunos a observação das imagens. É importante, ao ler o texto, que o professor vá comentando com os alunos sobre outros produtos que eles conhecem e que também passam por um processo de trans-

formação, quando saem do campo para chegar à cidade.

1ª Série

Ajude os alunos no recorte dos bonecos e das roupas. A montagem dos bonecos e das roupas deve ser feita como está indicado no desenho. Chame a atenção dos alunos para que, ao fazer o recorte, não danifiquem o suporte que vai prender as roupas nos bonecos.

2ª Série

Estimule seus alunos a criar novas estampas de roupa e ajude-os a desenhar e cortar as roupas. Eles devem prestar atenção para não esquecer de desenhar a dobra que prende a roupa ao boneco.

3ª Série

Oriente seus alunos a conversar sobre os produtos da cidade e do campo. Uma nova observação das imagens que estão na atividade poderá ajudá-los. Só depois eles irão preencher o quadro solicitado.

4ª Série

Solicite dos alunos a observação atenta das imagens que estão nesta atividade, para que possam fazer o desenho pedido com o máximo de detalhes que eles puderem lembrar. Depois, no trabalho em duplas, os alunos devem ajudar um ao outro no levantamento das etapas do processo de transformação de um outro produto que escolheram. Esta parte da atividade é importante, porque um aluno poderá ir contando ao outro o que sabe, para que, depois, possam fazer o desenho e escrever o texto solicitados da maneira mais completa possível.

Encaminhamento

Solicite a leitura silenciosa do texto desta atividade. Em seguida, faça a leitura de todo o texto em voz alta e converse com os alunos sobre o que eles acham da descrição que Tymairum Kaiyabi faz da cidade.

1ª Série

Converse com alunos e oriente-os para que façam o desenho mais detalhado que puderem.

2ª Série

Oriente os alunos para que, primeiro, façam a lista das suas várias brincadeiras, pois, ao lembrar delas, vão lembrar também dos lugares onde brincam e das pessoas com quem costumam brincar. Isto os ajudará a contar com o máximo de detalhes a brincadeira que irão descrever.

3ª Série

Oriente os alunos sobre como escrever um bilhete ou uma carta para um amigo. Pergunte a cada um qual é o nome que vai dar ao seu amigo, e que deve estar na carta ou bilhete que ele vai enviar. Ele não deve esquecer de começar escrevendo o local e a data e terminar despedindo-se do amigo e assinando o seu próprio nome no final.

4ª Série

É importante que os alunos façam primeiramente uma releitura individual do texto da atividade, voltando ao Livro de Leitura quando indicado. Em seguida, eles irão trabalhar em dupla, conversando sobre o que é solicitado na atividade. Só depois cada um irá escrever o seu texto.

Atividade 13

Onde é melhor morar?

Objetivo

O objetivo desta atividade é discutir as impressões que todos têm sobre a vida no campo e na cidade. Tomando contato com diferentes pontos de vista sobre esse tema, os alunos poderão ampliar o repertório das noções que compõem para eles a imagem do campo e da cidade. Isto deve ajudá-los a refletir sobre a noção de *progresso* que cada um tem.

Atividade 14

Os rios têm história

Objetivo

O objetivo desta atividade é mostrar o uso que o homem faz dos rios e a necessidade vital que ele tem de suas águas. Ao mesmo tempo, procura-se salientar as semelhanças e diferenças na condição e uso de diferentes rios e as conseqüências que isso traz para a vida dos homens.

Encaminhamento

Nesta atividade, as imagens falam tanto quanto os próprios textos, ou até mais. Por isso é fundamental que os alunos primeiro observem e comparem as duas imagens que mostram pessoas pescando, em diferentes condições. O texto deve ser lido depois de uma conversa com os alunos sobre o que eles observaram nas fotos. Durante a leitura, chame a atenção dos alunos para as semelhanças entre os dois rios antigamente, conforme mostra o texto.

1ª Série

O professor deve ler para os alunos da 1ª série os trechos do texto que falam sobre os dois rios antigamente. É importante que eles saibam as semelhanças que existiam entre esses rios, porque isto é o que eles irão desenhar.

2ª Série

Oriente os alunos para que observem de novo as fotos que estão na atividade. Eles deverão conversar sobre as diferenças que perceberam, antes de fazer o desenho solicitado.

3ª Série

Os alunos devem observar as três fotos, prestando atenção aos detalhes, para depois preencher o quadro solicitado e concluir a atividade com os versos que irão fazer.

4ª Série

Sugira que, desta vez, os alunos façam em dupla a observação das fotos e, juntos, troquem idéias e observações. As perguntas da atividade devem orientar tanto a conversa entre os alunos quanto a produção do texto.

Atividade 15

O que fazer com o lixo?

Objetivo

O objetivo desta atividade é discutir o problema da grande quantidade de lixo produzido em todo o mundo e informar sobre os diferentes tipos de lixo existentes, bem como sobre suas conseqüências para a vida humana

Encaminhamento

A leitura do texto desta atividade deve ser comentada parágrafo por

parágrafo. As informações contidas em cada parágrafo precisam ser explicadas e os alunos devem conversar sobre elas. A *política dos 3 Rs* também deve ser esclarecida.

1- Série

Oriente seus alunos para que primeiro desenhem, antes de escrever.

2- Série

Os alunos devem desenhar, antes de escrever. Oriente-os nesse sentido. Seria interessante que eles também conversassem um pouco sobre o que é feito com o lixo, para depois escrever.

3ª Série

Oriente os alunos para que sigam as etapas que estão indicadas na atividade.

4ª Série

Nesta atividade, o aluno deverá escrever uma paráfrase, isto é, escrever sobre um texto que leu com suas próprias palavras. Esta é uma atividade importante, pois facilita e aprimora a leitura do aluno. Para que ele escreva com o máximo de informação e compreensão sobre o que leu, é preciso cumprir cada etapa de exploração do texto que está prevista. Sublinhar palavras importantes, ler as frases onde elas estão escritas, são formas de ajudar a compreensão maior das idéias contidas em um texto.

Atividade 16

Mais problemas e outras soluções

Objetivo

O objetivo desta atividade é informar sobre alguns graves problemas que, na cidade e no campo, hoje afligem a vida das pessoas, mas mostrando ao mesmo tempo as possibilidades de solução. A atividade pretende salientar a importância do *conhecimento* como instrumento para melhorar as condições de vida do ser humano e mostrar que esta é hoje uma preocupação em todo o mundo.

Encaminhamento

É importante chamar a atenção dos alunos para as fotos que estão nas

duas páginas desta atividade. Peça que eles observem e comparem as semelhanças e diferenças entre elas. Explique aos alunos que os seis mapas que fazem parte da atividade mostram como o desmatamento da área de um Estado onde predominam as cidades, como São Paulo, foi progredindo desde o início da sua colonização. Pergunte o que eles acham que serão as consequências desse processo e chame a sua atenção para a imagem produzida pela Fundação SOS Mata Atlântica. Converse com os alunos sobre todas estas imagens. Em seguida, faça uma leitura geral do texto e comente-o depois, parágrafo por parágrafo, conversando com os alunos sobre as informações principais de cada um deles. Só depois dessa leitura e da conversa com os alunos é que deve ser feita a sua divisão em grupos, para a realização da atividade. Em classes multisseriadas, forme grupos de alunos de séries diferentes.

Para todas as séries

Organize todos os materiais de que você dispõe para que os alunos possam fazer a pintura dos cartazes, mesmo sendo um pequeno cartaz. As tintas e os lápis coloridos devem estar à disposição de todos. Os argilitos encontrados nas cachoeiras do vale do rio Paranã servem para colorir e têm cores diferentes e muito bonitas. Se vocês forem fazer as tintas com corantes naturais, preparem todo o material antes da feitura dos cartazes. Assim que os alunos forem reunidos em grupos, oriente-os para que, primeiro, observem com atenção os desenhos feitos pelas crianças e jovens de todo mundo, para mostrar como eles interpretam as recomendações da Agenda 21. Peça aos alunos que respondam o que será que cada um desses desenhos quer dizer. Deixe que eles conversem sobre os desenhos e os comentários que foram feitos a respeito deles. Só depois disso cada grupo irá se ocupar com a produção do seu cartaz.

Unidade 4. O passado encontra o futuro

O objetivo principal das atividades desta unidade é trazer elementos que ajudem as crianças Kalunga a reconquistar e reforçar sua auto-estima. Procuram também permitir que as demais crianças redescubram o valor de suas próprias heranças culturais, aprendendo a compreender e respeitar as crianças Kalunga. Este é um fator importante para uma construção positiva da identidade. Com essa finalidade, as atividades procuram valorizar a força do conhecimento das pessoas mais velhas de uma comunidade, que são aquelas que conservam seu saber e suas tradições. Por isso, as atividades salientam a importância de saber de fato escutar o que essas pessoas nos

contam e compreender as suas experiências. As atividades enfatizam também a necessidade de se promover um constante diálogo entre o saber tradicional dos antigos e as novas situações que o mundo atual nos apresenta.

Atividade 17

Reaprender com a natureza

Objetivo

O objetivo principal desta atividade é oferecer aos alunos a possibilidade de ampliar o repertório dos conhecimentos tradicionais de sua comunidade, para que possam pensar em projetos alternativos de desenvolvimento a partir dos recursos naturais existentes na região Kalunga. Muitos desses recursos já são conhecidos, porque são tradicionalmente utilizados pelos moradores mais antigos da região. Trata-se agora de repensar a sua utilização, diante dos novos desafios que o mundo de hoje propõe para o povo Kalunga.

Encaminhamento

Leia o texto da atividade e, em seguida, releia cada parágrafo e converse com os alunos sobre o que entenderam de cada um. Pergunte aos alunos que nome dariam ao parágrafo que acabou de ser lido. Continue a leitura e, ao final, converse sobre o conjunto do texto. Pergunte aos alunos que informações são novas para eles e o que eles acharam de mais importante no que leram. Não esqueça de informá-los de que o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, IBAMA, que é o órgão do governo encarregado de cuidar da proteção dos recursos da natureza no Brasil, está dando orientação a comunidades tradicionais sobre a exploração de recursos naturais que existem no meio onde vivem e a melhor forma de comercializá-los. Também o SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio a Empresas de pequeno porte, dá orientação a comunidades e pequenas empresas para desenvolver projetos desse tipo.

1- Série

Oriente os alunos para organizar a relação das plantas que já conhecem e são usadas em sua casa. Verifique se eles escrevem corretamente essas palavras. Depois, solicite que façam o desenho.

2- Série

Oriente os alunos para que leiam novamente o Livro de Leitura nas

páginas indicadas, antes de escrever a lista pedida. Eles devem conversar sobre os lugares onde se encontram as plantas que farão parte desta lista e sobre como elas são encontradas, isoladas ou agrupadas em pequenas moitas ou touceiras.

3ª e 4ª Séries

Esta atividade é muito importante. Organize os alunos em grupos juntando as séries. Depois, oriente-os para que leiam novamente o texto desta atividade e as passagens indicadas no Livro de Leitura e conversem sobre essas informações. Se for possível, informe os alunos sobre organizações que participam de projetos de aproveitamento equilibrado dos recursos do meio ambiente, que existam na sua região ou que você conheça.

Só depois cada grupo deverá começar a organizar o seu projeto, seguindo as etapas de elaboração indicadas na atividade. Durante a elaboração do trabalho pelos grupos, incentive situações criativas e deixe que os alunos criem e recriem o mais livremente possível.

Atividade 18

A sabedoria dos antigos

Objetivo

O objetivo desta atividade é reconhecer a importância do conhecimento que os mais velhos herdaram de seus antepassados e valorizar a sabedoria que nele se expressa.

Encaminhamento

Observe as imagens que estão nesta atividade. Leia o texto e vá aos poucos comentando-o com os alunos. O poema deve ser lido com destaque. Peça aos alunos que falem sobre o que entenderam do poema. Procure saber dos alunos que conhecimentos eles identificam como aprendidos com os antigos e o que eles ouvem com mais atenção quando os mais velhos ensinam.

Solicite também que os alunos observem o desenho indígena que registra como um calendário as atividades que realizam durante o ano. Uma atividade que pode ser proposta aos alunos é que eles façam um desenho semelhante, mas para representar o que acontece de importante na sua vida a cada mês do ano.

1- a 3- Séries

Oriente os alunos para desenhar, antes de escrever o que está pedido para cada série.

4ª Série

Neste caso, os alunos devem ser orientados a escrever primeiro, para só depois desenhar o que é solicitado na atividade.

Atividade 19

Tempo do era uma vez...

Objetivo

O objetivo desta atividade é questionar a idéia do "falar certo" e do "falar errado" que é muito comum com relação às crianças Kalunga, fazendo compreender que os Kalunga não "falam errado". Eles têm um jeito próprio de falar, que foi sendo sedimentado ao longo do tempo. A fala humana tem uma função fundamental que é a da comunicação. E a linguagem vai sendo modificada pelo seu uso. Pode permanecer sem sofrer grandes alterações por muito tempo, quando uma comunidade permanece mais ou menos isolada, como aconteceu com o povo Kalunga. Por isso, eles conservam muitas expressões arcaicas em seu vocabulário, de um Português que se falava no século XVIII ou XIX. Como exemplo, pode-se mencionar a troca do *b* ou do *v*, dizendo-se *bassoura* e não *vassoura*, ou o uso da expressão *pra mode*, *pro mode*, que corresponde ao corretíssimo Português arcaico *por mor de*, isto é, *por causa de*, *para que*. O próprio uso de formas gramaticais que está presente em sua fala, onde mais facilmente se encontrariam "erros", também reflete um processo semelhante. Por exemplo, o uso de concordâncias nominais como "*nós fala*" ou "*nós va?*", embora incorreto segundo a norma padrão culta, é correto do ponto de vista lingüístico da comunicação, como expressão de um *sujeito coletivo*, para o qual, em outras línguas, existem formas de expressão perfeitamente corretas, mesmo na norma padrão culta. Por certo, não se trata de *desestimular* as crianças Kalunga a aprender a norma padrão culta, porque ela é necessária. Trata-se, no entanto, de compreender e respeitar as peculiaridades da sua linguagem, que podem ser mantidas, *lado a lado* com a norma padrão culta. O importante é não inculcar nas crianças a idéia de que "falam errado" mas, ao contrário, possibilitar que elas aprendam *quando podem*, *ou não*, utilizar um ou outro dos dois códigos. Por isso, o objetivo desta atividade é tam-

bém incentivar o reconhecimento da particularidade e da beleza de um jeito de pensar que se expressa na fala dos moradores da região Kalunga e que se compara facilmente com a produção literária de um dos maiores escritores brasileiros, João Guimarães Rosa

Encaminhamento

Leia os textos, com carinho e cuidado. Eles são lindos! Você deverá fazer seus alunos refletir sobre o uso da linguagem, conforme se explica nos objetivos desta atividade. Converse com eles sobre os textos, explicando a importância da função de comunicação da fala humana, que relativiza a ideia do "falar errado" e permite dissociar da fala as exigências da norma padrão culta. É importante que os alunos aprendam a reconhecer a linguagem Kalunga como parte do seu patrimônio cultural. Isto ajudará a compreender porque os textos das crianças Kalunga são aproximados dos textos literários, que têm a liberdade de recriar a própria norma padrão culta. Explique aos alunos a importância que tem para os escritores nacionais a Academia Brasileira de Letras. Ela é uma instituição para a qual são escolhidos apenas os escritores considerados como os melhores do país.

Para todas as séries

Oriente os alunos para que deixem a memória ou a imaginação correr solta. Que eles revejam na memória lugares, cenas ou histórias tão bonitas que eles não esquecem. Ou imaginem coisas como essas, tão bonitas de se ver e lembrar. Depois, é só desenhar e escrever.

Atividade 20

O passado e o futuro

Objetivo

O objetivo deste texto é contextualizar a trajetória do povo Kalunga dentro da história de luta dos negros brasileiros contra a discriminação racial, o preconceito e a desigualdade social de que até hoje eles são vítimas, depois de mais de 100 anos da abolição da escravidão no Brasil

Encaminhamento

Leia a linha do tempo. Explique aos alunos a sua divisão em séculos e anos e converse com eles sobre os acontecimentos importantes que estão ali. Continue fazendo a leitura do texto e vá explicando, passo a passo, o

significado da legislação citada, que reconhece a luta dos negros no Brasil contra o racismo e garante ao povo Kalunga e aos demais remanescentes de quilombos alguns direitos fundamentais. Ao final, pergunte aos seus alunos o que eles acharam de mais importante neste texto.

Avaliação

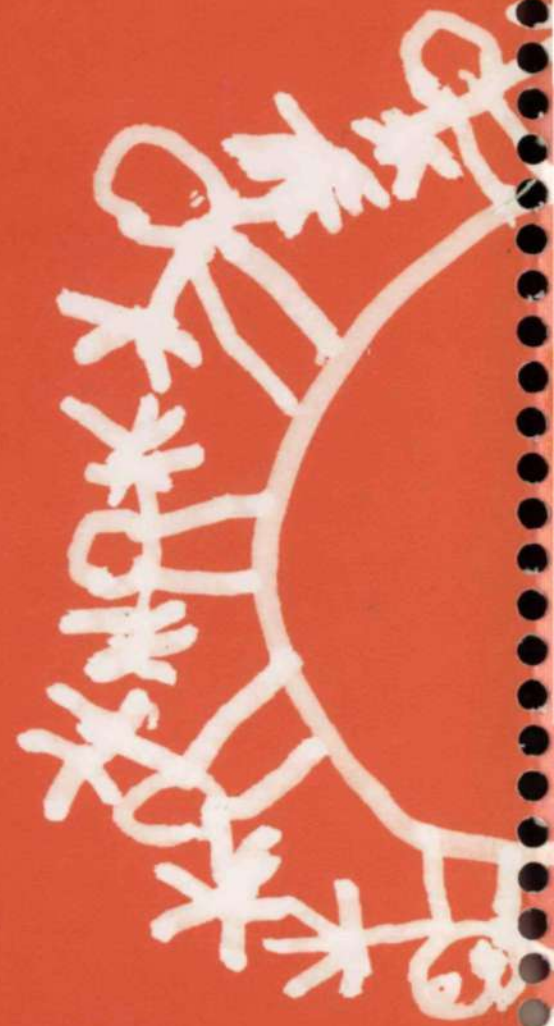
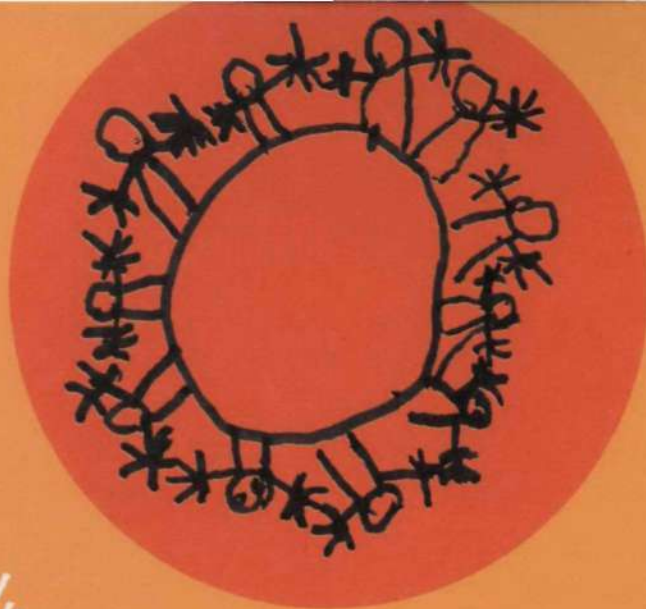
A avaliação é uma preocupação constante para quem quer ver o seu trabalho melhorar, aprender mais e proporcionar aos alunos novas e positivas experiências de aprendizagem. Por isso, é muito importante para nós avaliar o Livro de Leitura e o Caderno de Atividades, durante o seu uso.

Ao longo das leituras e da realização das atividades, o professor deverá estar atento às reações dos alunos, ao que eles acharam fácil e tiveram satisfação em fazer ou, ao contrário, o que gerou dúvidas ou trouxe dificuldades. É importante saberem que momento as informações contidas nos dois tipos de material foram suficientes ou insuficientes para os alunos. Aliás, essa avaliação também é um convite. Convidamos você, professor, a pesquisar outros modos de utilizar esses materiais e pensar em outras situações que possam vir a ampliar o seu uso, pois é você quem vai, no dia a dia, adequando-os às necessidades dos seus alunos. Isto é o que gostaríamos de convidá-lo a fazer. Anote todas as suas observações sobre o Livro de Leitura e o Caderno de Atividades. Nós gostaríamos de ter acesso a elas.

Achamos importante também que você possa fazer uma avaliação mais conclusiva dos materiais e que seus alunos também possam avaliá-los. Para eles, apresentamos algumas questões que seria importante cada um poder responder.

1. Você gostou de fazer as atividades desse Caderno?
2. Qual a atividade que você mais gostou de fazer? Por que?
3. Você não gostou de fazer alguma atividade? Qual? Por que?
4. Você gostaria de saber mais sobre algum assunto deste Caderno de Atividades? Qual? Por que?

Uma história do povo Kalunga - Caderno de atividades



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)